

XVI Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia da infância e adolescência e I Congresso Internacional online da SOGIA-BR

16 a 18 de Setembro de 2020



 **CONGRESSE.ME**

ANAIS

ISBN: 978-65-8686-1-27-3

Anais do XVI Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia da infância e adolescência e I Congresso Internacional online da SOGIA-BR

1ª EDIÇÃO - 2020

MACAÉ - RJ



CONGRESSE.ME

So24 SOGIA - XVI Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia da infância e adolescência..I Congresso Internacional online da SOGIA-BR [1 : 2020 : Macaé : RJ].

Anais : SOGIA - XVI Congresso brasileiro de obstetrícia e ginecologia da infância e adolescência; I Congresso internacional online da SOGIA-BR de 16 a 18 de setembro de 2020/ José Alcione Macedo Almeida ; José Maria Soares Júnior; Denise Monteiro et al (Organizadores). - Macaé – RJ : CONGRESSE-ME, 2020.

143p_____

Disponível online <https://eventos.congresse.me/sogiabr>
ISBN: 978-65-8686-1-27-3

1. Ginecologia Congressos 2. Obstetrícia – Congressos 3. Obstetrícia - Infância e adolescência I. I. Congresso Internacional online da SOGIA-BR
II. Título

CDU: 618
CDD: 616.99466

ORGANIZADORES

JOSÉ ALCIONE MACEDO ALMEIDA
JOSÉ MARIA SOARES JÚNIOR
DENISE MONTEIRO
ANA CÉLIA DE MESQUITA ALMEIDA
ALBERTINA DUARTE TAKIUTI
JOÃO BOSCO RAMOS BORGES
ROMUALDA CASTRO DO RÊGO BARROS

DIAGRAMAÇÃO

CONGRESSE.ME

CAPA

CONGRESSE.ME



Observação: A revisão dos textos é de responsabilidade dos seus autores

APRESENTAÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

A obstetrícia e ginecologia da infância e adolescência é uma área que cuida dos aspectos normais e anormais que envolvem a criança e a adolescente no seu desenvolvimento endócrino e ginecológico, bem como durante a gravidez não esperada. Somos um país jovem onde grande parte da população está nessa faixa etária, e também sabemos dos problemas que envolvem as políticas públicas no que se relaciona à violência, infecções sexuais, dificuldades da cobertura vacinal e gravidez na adolescência, para citar apenas alguns.

OBJETIVO DO EVENTO

O objetivo foi promover um enfoque teórico fundamentado nas principais evidências científicas com a exposição dos palestrantes tendo um olhar prático, voltado para as situações comuns e mais frequentes neste grupo etário. Assim:

- Compartilhar conhecimentos sobre o que há de mais recente em Obstetrícia e Ginecologia da Infância e Adolescência
- Atualizar informações sobre o diagnóstico e o tratamento das principais afecções ginecológicas nesta faixa etária.
- Colocar as situações controversas em Ginecologia da Infância e Adolescência com base em evidências sólidas.

ALGUNS GRANDES TEMAS ABORDADOS

O atendimento da criança e adolescente, seja a consulta, sejam os aspectos éticos e jurídicos. Calendário vacinal na infância, adolescência e gestante. Corrimento e anticoncepção da adolescente com ênfase em LARCs. Sangramento na criança e adolescente e os aspectos especiais da gravidez neste grupo etário. Políticas públicas, violência, depressão e diversidade sexual. Os desvios da puberdade, anorexia nervosa, mastologia na adolescente, obesidade e anovulação crônica. Verrugas genitais, HPV e IST. Dermatologia na adolescência e dor ginecológica. Doença inflamatória pélvica, uso de hormônio do crescimento e bloqueio do eixo hipotálamo-hipofisário para interferir na estatura final.

PÚBLICO ALVO

Médicos, estudantes e outros profissionais de saúde que lidam com o atendimento de crianças e adolescentes do sexo feminino, incluindo: ginecologistas, endocrinologistas, pediatras, urologistas, psiquiatras, clínicos, psicólogos, enfermeiros, nutricionistas, assistentes sociais e educadores.

OS ORGANIZADORES





ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CLITOROMEGALIA DECORRENTE DE SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS

BERTONCELLO; Francine Zap¹, HERTER; Liliane Diefenthaeler², FRANÇA; Noadja Tavares³, BRENNER; Tatiana Ckless Moresco⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: A clitoromegalia é definida como um aumento anormal do clitóris. Na síndrome dos ovários policísticos (SOP), o excesso de andrógenos pode levar ao aumento do clitóris, porém este evento é muito raro. **RELATO DE CASO:** Paciente de 14 anos, encaminhada ao ambulatório de ginecologia infantojuvenil por amenorreia secundária. Relatava menarca aos 11 anos com ciclos oligomenorreicos desde então. Queixava-se de aumento de pelos corporais e acne. Não menstruava há 8 meses. Ao exame físico, encontrava-se em bom estado geral, normotensa, estágio de Tanner M5P5, presença de acantose nigricans em região cervical, acne moderada, obesidade (IMC=32,4 Kg/m² com P>95) e hirsutismo moderado (Ferriman=15). Ao exame da vulva, constatou-se presença de clitóris aumentado medindo 1cm de diâmetro. Paciente apresentou sangramento menstrual após realização do teste com progesterona. Realizada ecografia de abdome total sem evidência de alteração adrenal. Ecografia pélvica demonstrando ovário direito=25,8cm³ e ovário esquerdo=21,9cm³. Exames laboratoriais com hiperinsulinismo (I=74 mUI/ml) e aumento de androstenediona (A=3,8 ng/mL), sendo o TSH, Testosterona total, LH, SDHEA, cortisol, prolactina, FSH e 17-OHP normais. Na presença dos três critérios de Rotterdam (aumento de volume ovariano, hiperandrogenismo clínico e laboratorial e anovulação), e afastadas outras causas de hiperandrogenismo, foi possível confirmar o diagnóstico da Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP). Foi então iniciado com anticoncepcional oral combinado (EE 30 + LNG 0,15) e metformina 1500mg/dia. Após 4 meses de tratamento, realizados novos exames laboratoriais com redução expressiva da insulina e da androstenediona. Nova ecografia pélvica evidenciando diminuição do volume ovariano para 12,6cm³ à direita e 13,6cm³ à esquerda. Iniciado com espironolactona devido a permanência das queixas clínicas de hirsutismo com boa resposta clínica no seguimento. **COMENTÁRIOS:** A clitoromegalia é uma manifestação de hiperandrogenismo mais grave e raramente é decorrente de SOP. Assim, outras causas de hiperandrogenismo devem ser afastadas.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome do Ovário Policístico, Hiperandrogenismo, Clitóris, Resistência à Insulina.

¹ Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), francinezap@gmail.com

² Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), lherter@terra.com.br

³ Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), dra.noadja@gmail.com

⁴ Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), tatickm@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VAGINOSE BACTERIANA INFANTIL NA ÚLTIMA DÉCADA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

DAMASCENA; Alialdo Dantas¹, DAMASCENO; Roqueline Bárbara de Jesus²

RESUMO

Introdução A vaginose bacteriana é um desequilíbrio da microbiota do introito vaginal, com predominância dos microrganismos anaeróbios substituindo os lactobacilos que fazem parte da flora vaginal normal. Na criança, costuma ser o motivo de consulta mais comuns entre as pré-púberes, podendo ser confundida com a leucorreia fisiológica do início da puberdade. No entanto, a etiologia deve ser esclarecida a fim de guiar a melhor conduta profissional para o caso. **Objetivo** Quantificar o número de casos de vaginose bacteriana em crianças na última década e analisar seus desfechos. **Metodologia** A busca compreendeu três bases de dados – PubMed, LILACS e Scielo, resultando em 333 estudos encontrados. Foram excluídos estudos duplicados, estudos anteriores ao ano de 2010, estudos de revisão ou cujo conteúdo não tivesse relação com o tema do trabalho, restando 07 publicações para análise de texto inteiro. **Resultados e Discussão** Foram incluídos 4 estudos à análise final, sendo 2 relatos de caso e duas séries de caso, englobando 73 garotas de 0 a 13 anos de idade. As causas primárias das infecções bacterianas foram fungos – líquen escleroso, *Candida albicans*, *Mycoplasma sp.*, *Ureaplasma sp.* – levando às principais etiologias bacterianas: *Streptococcus beta-hemolíticos*, *H. influenzae*, *Shigella flexneri* e bactérias aeróbias. O tratamento foi feito com antifúngicos e antibióticos orais e tópicos. Em apenas 1 caso foi seguido protocolo de investigação etiológica considerando abuso infantil. **Conclusão** As vulvovaginites são comuns em garotas pré-púberes devido a questões anatômicas (como proximidade entre vagina e ânus), higiene inadequada e comportamentos variados a depender da idade. Contudo, é necessário um olhar atento às condições anatômicas, fisiológicas, comportamentais, além da anamnese e exame físico bem conduzidos, a fim de descartar causas como traumatismos, abusos, masturbação – reduzindo a necessidade de uma equipe multidisciplinar no manejo da condição clínica e social da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Vaginose Bacteriana, Ginecologia, Saúde da Mulher.

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia, alialdodantas7@gmail.com

² Universidade Federal da Bahia, barbaradamascono@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ADENOMIOSE, PÓLIPO ENDOCERVICAL E DISMENORREIA MEMBRANOSA COMO CAUSA DE SANGRAMENTO UTERINO AUMENTADO NA ADOLESCÊNCIA: SÉRIE DE CASOS

HERTER; Liliane Diefenthaler¹, ROLIM; Roviana Jeske², ALBERTON; Daniele Lima³

RESUMO

INTRODUÇÃO: Anormalidades estruturais são causas infrequentes de sangramento uterino aumentado (SUA) na adolescência. Caso 1: MFGC, 14 anos, procurou atendimento por SUA. Menarca aos 12 anos, sem início das relações sexuais. Referia também dismenorreia com vômitos e sem melhora com contraceptivo hormonal oral. Realizou ecografia pélvica que identificou útero de 65ml e imagem nodular intramural medindo 4,3 cm x 3,8 cm e ovários normais. Posteriormente realizou uma ressonância magnética (RNM) de pelve que confirmou os mesmos achados. A paciente foi então submetida à laparotomia com ressecção do nódulo transmiometrial. O anatomopatológico revelou ser uma lesão de ADENOMIOSE. Caso 2: NRT, 11 anos, com múltiplas malformações de causa cromossômica e retardo mental. Menarca aos 11 anos com fluxo intenso e após apresentou ciclos prolongados e fluxo abundante. Iniciou com acetato de norestisterona 10 mg contínuo. Paciente perdeu segmento, mas manteve a medicação com bom controle dos sintomas. Consultou novamente por ter eliminado grande molde endometrial e sangramento menstrual intenso. O anatomopatológico confirmou ser DISMENORREIA MEMBRANOSA. Caso 3: GOW, 18 anos, portadora de hiperplasia adrenal congênita não clássica e tireoidite de Hashimoto. Menarca aos 12 anos. Em uso regular de contraceptivo oral (EE 35 + CPA 2mg). Consultou por sangramento aumentado e dismenorreia intensa. A ecografia pélvica identificou útero de 79 ml e imagem compatível com mioma submucoso em parede posterior, deslocando endométrio que media 0,4cm. Ovários normais. A RNM pélvica confirmou os mesmos achados. A paciente foi então submetida à histeroscopia e a lesão foi removida. O anatomopatológico revelou tratar-se de um PÓLIPO ENDOCERVICAL. **COMENTÁRIOS:** O sangramento uterino aumentado de causa estrutural não é comum, mas diante de achados clínicos relevantes, uma avaliação inicial com ecografia pélvica pode auxiliar no diagnóstico diferencial. Um endométrio muito espesso nesta faixa etária está relacionado com causas funcionais.

PALAVRAS-CHAVE: adenomiose, dismenorreia, pólipos, endométrio, metrorragia, hemorragia uterina, adolescente.

¹ Clínica Herter, lilianeherter@gmail.com

² Clínica Herter, roviajeske@yahoo.com

³ Clínica Herter, danielberton@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍNDROME MAYER-ROKITANSKY-KUSTER-HAUSER (MRKH): ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS, UMA REVISÃO DE LITERATURA

MACHADO; Júlia de Oliveira¹, PAULA; Bruna Bastos de², CAMARGO; Pedro Joaquim Braga de³

RESUMO

Introdução: A Síndrome Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser (MRKH) é uma malformação congênita com incidência de 1:5000 nascimentos causada pela falha no desenvolvimento dos ductos de Muller, resultando em ausência ou hipoplasia uterina e das trompas, e atresia vaginal com ovários preservados. **Objetivos:** Esse trabalho objetiva expor os efeitos dessa condição na qualidade de vida e na saúde emocional das portadoras, promovendo a integralidade do atendimento à paciente. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura baseada em artigos disponíveis nas bases de dados PubMed e Scielo. **Resultados:** A MRKH também pode manifestar comprometimento renal, esquelético e cardíaco. Essa malformação ocorre em pacientes com cariótipo 46,XX e sua etiologia não é clara; evidências indicam uma provável causa genética. Tem como manifestação clínica típica a amenorreia primária e o diagnóstico é confirmado entre 15 e 20 anos de idade pelo exame ginecológico e por exames complementares. Apesar dos caracteres sexuais secundários se desenvolverem normalmente, o diagnóstico traz consigo o comprometimento da vida sexual em casos extremos de atresia vaginal e impossibilidade de engravidar. Isso pode desencadear respostas emocionais, como ansiedade e estresse, já que a paciente enfrenta diversos conflitos relativos à sua identidade como mulher, gerando questionamentos sobre sua feminilidade, sexualidade e autoestima. Além disso, pacientes relatam sentimento de solidão por não conhecerem outras portadoras da síndrome. Assim, é essencial o acompanhamento psicológico individual e familiar, promovendo a autoafirmação, bem como o esclarecimento das possibilidades de tratamento. A atresia vaginal pode ser tratada cirurgicamente pela criação de uma neovagina, e a cada dia melhoram as técnicas de transplante uterino. Adoção e reprodução assistida são possibilidades que devem ser discutidas. **Conclusão:** Diante do comprometimento da saúde emocional, a abordagem multidisciplinar é diferencial. Melhores resultados serão conquistados tratando de forma associada as questões anatômicas e psicológicas à medida que a paciente alcança segurança e maturidade emocional.

PALAVRAS-CHAVE: "anormalidades", "Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser", "ductos de Muller".

¹ ESCS (Escola Superior de Ciências da Saúde), juliarecebidos@gmail.com

² Universidade Católica de Brasília, bru.bdepaula@gmail.com

³ Universidade Católica de Brasília, pjcamargo198@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

LEIOMIOMA UTERINO GIGANTE NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE CASO

BEUST; Mariane Faccin¹, REIS; Rosilene Jara², CANABARRO; Carolina Travi³, FRANÇA; Noadja Tavares⁴, HERTER; Liliane Diefenthaler⁵

RESUMO

Introdução: Leiomiomas uterinos são tumores benignos e raramente encontrados em adolescentes. Casos volumosos em jovens são excepcionais. **Relato de caso:** Paciente J.S.M., 15 anos, branca, encaminhada ao ambulatório de ginecologia infanto puberal do Hospital da Criança Santo Antônio por tumor pélvico. Referia nefrectomia esquerda aos 4 anos, menarca aos 9 anos, início das relações sexuais aos 15 anos, ciclos menstruais regulares, mas com fluxo intenso (Hemoglobina: 8,9g/dL em agosto de 2019) e sem dismenorreia associada. Ao exame físico apresentava IMC= 27,18, sendo possível palpar massa abaixo da cicatriz umbilical. A ecografia transvaginal (julho de 2019) identificou útero com contornos bocelados, textura heterogênea, apresentando uma formação ovar, isodensa e heterogênea com cerca de 10,4cm de diâmetro localizada na parede inferior do fundo uterino, volume uterino de 786cm³ e espessura endometrial de 0,8cm. A ressonância magnética de pelve (julho de 2019) identificou mioma intramural/ subseroso fúndico medindo 12 cm no maior diâmetro. Foi realizado laparotomia em agosto de 2019 com incisão longitudinal em fundo uterino e parede posterior com ressecção de volumoso mioma, pesando 650g. O laudo anatomopatológico revelou "leiomioma exibindo alterações regressivas". No pós-operatório foi aplicado uma dose de acetato de goserrelina 10,8 mg/mL SC para evitar sangramento pós-operatório imediato e reduzir estímulo estrogênico. Após o período de 3 meses foi iniciado anticoncepcional oral de baixa dose (acetato de nomegestrol/ estradiol 2,5 mg/1,5mg). Paciente apresentou boa evolução pós-operatória e mantém-se assintomática desde então. A ecografia pélvica de controle após procedimento identificou útero em anteversoflexão medindo 92 ml, com contornos regulares e homogêneos e endométrio de 0,3cm. **Comentários:** Pacientes jovens raramente apresentam leiomiomas uterinos, em especial os volumosos. Deve-se sempre fazer o diagnóstico diferencial com sarcomas uterinos nesta faixa etária. Sempre que possível, o tratamento destes tumores benignos (miomas) em jovens deve ser conservador para preservação da fertilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Leiomioma gigante, adolescência, miomectomia

¹ UFCSPA, marifeust@gmail.com

² UFCSPA, carolcanabarro@hotmail.com

³ UFCSPA, dra.noadja@gmail.com

⁴ UFCSPA, lherter@terra.com.br

⁵ UFCSPA,



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INCIDÊNCIA DE CASOS DE MOLA HIDATIFORME EM ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO, ACRE, DE 2016 A 2018.

MEERT; Ariella Riva¹, AGUIAR; Mariana Barros De², NOGUEIRA; Lucas Queixa³

RESUMO

Introdução: Mola hidatiforme é um distúrbio infrequente da gravidez em que a placenta e o feto não se desenvolvem adequadamente. Pode ser classificada como mola total ou parcial, a diferença entre elas engloba aspectos morfológicos, histopatológicos e cariótipo. Estima-se que sua apresentação mais comum ocorra em 1:200 gestações no Brasil, e a idade materna avançada constitui-se um importante fator de risco, onerando as mulheres acima de 40 anos com chance de até 10 vezes maior de desenvolver esta doença se comparadas com mulheres jovens. No entanto, devido ao maior número de gravidez em mulheres jovens, a maior parte das MH ocorre em gestantes entre 20-30 anos. **Objetivo:** Demonstrar a grande incidência de casos de mola ocorridos em jovens residentes em Rio Branco, Acre, de 2016 a 2018. **Método:** Estudo descritivo de abordagem quantitativa, realizado no município de Rio Branco, Acre, Brasil, apresentando como cenário o Centro de Doença Trofoblástica do Hospital das Clínicas. **Resultados:** De 2016 a 2018 foram relatados 41 casos de mola, destes 16 (39%) casos ocorreram em jovens de 16 a 19 anos de idade, das quais 10 (62,5%) eram solteiras, 3 (18,75%) casadas, 2 (12,5) em união estável e 1 (6,25%) sem relato, além disso, 13 (81,25%) das pacientes se apresentavam em sua primeira gestação. As adolescentes exibiram idade mediana de 17 anos. **Conclusão:** Diante dos resultados apresentados, é possível observar a grande ocorrência de casos de mola hidatiforme em adolescentes. A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública, dessa forma, o impacto psicossocial que essa gestação apresenta tem repercussões importantes na vida dessas jovens mulheres, portanto, frente a adolescentes com gravidez molar se faz necessário um acompanhamento mais amplo, com suporte familiar, apoio psicológico e de assistência social, na busca de orientar e esclarecer todos os aspectos relacionados a vida sexual na adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Mola hidatiforme. Adolescentes. Acre.

¹ Centro Universitário UNINORTE, ariellariva@hotmail.com

² Centro Universitário UNINORTE, m.barros16@hotmail.com

³ Faculdade Integradas Aparício Carvalho, lucas.q.nogueira@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VACINAÇÃO CONTRA HPV COMO FATOR PREVENTIVO DO CÂNCER NO COLO UTERINO- REVISÃO DE LITERATURA

SILVA; Elisa Carla da¹, ARAÚJO; Raone Pedro da Silva², CARVALHO; Raquel Lira Lustosa³

RESUMO

INTRODUÇÃO- O papiloma vírus humano (HPV), transmitido principalmente pelo sexo, é o maior causador do câncer no colo uterino. Mesmo altamente contagioso, é possível diminuir o número de casos com a conscientização da importância das vacinas. **OBJETIVO-** Tem-se por finalidade discutir e analisar trabalhos da temática: Importância da vacinação contra HPV na adolescência na prevenção do câncer no colo uterino. **MÉTODOS-** O presente estudo realizou pesquisa bibliográfica exploratória nas seguintes bases de dados: SCIELO; PUBMED; LILACS; Sociedade Brasileira de Pediatria e IFF/Fiocruz. Usando descritores como: HPV, vacinação, câncer no colo uterino, adolescência, prevenção. Dos 47 artigos pesquisados inicialmente, foram lidos todos de língua portuguesa, totalizando 19 (40%). Descartando-se, os anteriores de 2017 (49%) e de língua estrangeira (11%). **RESULTADOS-** Dos trabalhos lidos; concentraram maior número os do ano 2018, totalizando 9 (47%); seguido de 2019, totalizando 6 (31%). Os demais datavam de 2017 e 2020, 2 (11%) em cada ano. Contudo, apenas 16 (84%) referiam à importância da temática abordada, por isso, utilizados. Com base nas informações encontradas, foi visto que 80% das mulheres tiveram contato com o HPV e mais frequentemente na adolescência. Estima-se para o ano 2020 mais de 16 mil novos casos de câncer no colo do útero no Brasil. A forma mais eficaz de proteção contra o câncer no colo uterino (também em região perianal) é a vacina. A imunização previne o contágio de dois tipos oncológicos de HPV, 16 e 18, que são responsáveis por 70% dos casos, mas apesar disso, menos de 50% do público alvo foi atingido na campanha de 2018. **CONCLUSÃO-** Baseado nos trabalhos encontrados e suas evidências científicas, a vacinação contra o HPV é a ferramenta mais eficaz para tornar uma geração de adolescentes protegidos e reduzir o risco de lesões precursoras do câncer no colo uterino.

PALAVRAS-CHAVE: HPV, vacinação, câncer no colo uterino e prevenção.

¹ Faculdade Tiradentes, ec_elisacarla@hotmail.com

² Faculdade Tiradentes, raone.pedro@soufita.com.br

³ Faculdade Tiradentes, raquelliralustosa@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

IMPACTO DA NEGAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL AO AUTOCONHECIMENTO FEMININO: REVISÃO INTEGRATIVA

PACHECO; Beatriz Ferreira Pereira¹, GUIMARÃES; Ilzianna Karoline Soares², SILVA; Rayanna Alves DA³

RESUMO

INTRODUÇÃO Educação sexual, ao contrário do senso comum, é um tema abrangente e não se limita à sexualidade, com repercussões para saúde e segurança femininas, especialmente, no tocante a anatomia e a fisiologia íntima, haja vista as particularidades e os tabus que as permeiam. **OBJETIVO** Problematizar o efeito prejudicial sobre o autoconhecimento e a autoconfiança femininos do imaginário social instaurado, preconceituosamente, de que a promoção da educação sexual seria via de estímulo à prática sexual por jovens, o que atua de maneira negativa no processo de autocuidado e garantia da qualidade de vida da mulher. **MÉTODOS** Trata-se de uma revisão integrativa de caráter qualitativo e observacional, estruturada com as bases de dados PubMed, Scielo, Medline e LILACS, e os descritores "educação sexual", "conhecimento", "feminino", "comportamento" e "autocuidado". Os filtros: intervalo de 2010-2020 e artigo completo disponível foram aplicados, resultando em 117 artigos nos idiomas: português, inglês e espanhol, que, após análise frente ao recorte temático, reduziram-se a 15. **RESULTADOS** A análise crítica da amostra revelou problemas quanto a abordagem social parental e técnica da problemática, situação caracterizada pelo embate de estigmas e tabus sociais, cristalizados pela estrutura política e, que se ilustram, inclusive, na motivação para produções científicas. A reflexão evidenciou impactos dessa falha na discussão do tema que repercutem de forma repressora sobre a segurança pessoal e externa da mulher, fragilizando os processos femininos de autonomia e autocuidado. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Evidencia-se, nesse contexto, a vitalidade da formulação de leis que regulamentam o ensino da educação sexual em espaços de ensino e diálogo, sendo possível evitar repercussões sociais e de saúde, devido à ignorância feminina em relação aos seus corpos.

PALAVRAS-CHAVE: educação sexual, conhecimento, feminino, comportamento, autocuidado.

¹ Universidade Potiguar, beatrizf606@gmail.com

² Universidade Potiguar, karolineilzianna@gmail.com

³ Universidade Potiguar, alves.rayanna@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A PROMOÇÃO DA OBESIDADE PELOS PADRÕES DIETÉTICOS JUVENIS ATUAIS COMO FATOR PRECURSOR À INSTALAÇÃO E À PROGRESSÃO DA SOP: REVISÃO INTEGRATIVA

GUIMARÃES; Ilzianna Karoline Soares¹, SILVA; Rayanna Alves da², PACHECO; Beatriz Ferreira Pereira³

RESUMO

INTRODUÇÃO: A síndrome do ovário policístico (SOP) é um distúrbio endócrino que contribui para outras doenças como: diabetes, dislipidemia e hipertensão arterial. Essas disfunções estão relacionadas ao estilo de vida e aos padrões alimentares hodiernos, que mantém associação com a obesidade, devido às alterações promovidas em vias metabólicas coincidentes. **OBJETIVO:** Abordar a contribuição das alterações metabólicas promovidas pelo estado obeso, com incidência crescente na população feminina, para a fundamentação, a manutenção e a evolução das manifestações da SOP. **MÉTODO:** Delineia-se uma revisão integrativa de caráter qualitativo, descritivo e observacional construída utilizando-se as bases de dados: PubMed, Scielo e BVS; além dos descritores em saúde: síndrome do ovário policístico, obesidade, dieta e comportamento alimentar, empregados associados e com os filtros de: intervalo de 2020 a 2015, texto completo disponível e, especialmente para BVS, base MedLine e revisão sistemática. Houve uma pré-seleção de 70 trabalhos científicos em inglês e português, que, diante ao objetivo dessa revisão, resumiu-se a 31. **RESULTADOS:** A análise evidenciou o papel complementar exercido pela obesidade para construção do fenótipo da SOP, ainda que a queixa principal das pacientes seja a infertilidade, devido aos obstáculos para a ovulação, resultante de suas manifestações, sejam elas: resistência à insulina, hiperandrogenismo, aumento dos níveis de LDL e do grau de adiposidade visceral. Nesse aspecto, estudos impuseram o estado obeso como fator consequente e não causal, contudo, os hábitos dietéticos associados à predisposição genética são imperativos em sua apresentação pelo aumento do estresse oxidativo celular global, esse associado ao risco elevado para distúrbios cardiometabólicos e prognósticos negativos, devido ao aumento da morbidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A qualidade de vida do paciente, por conseguinte, será afetada pelo quadro clínico sindrômico, marcado por manifestações metabólicas diversas, como a apneia obstrutiva do sono, as quais precisam ser manejadas pela consideração de todos os seus efeitos causais.

PALAVRAS-CHAVE: síndrome do ovário policístico, obesidade, dieta, comportamento alimentar

¹ Universidade Potiguar (UNP), karolineilzianna@gmail.com

² Universidade Potiguar (UNP), beatrizf606@gmail.com

³ Universidade Potiguar (UNP), alves.rayanna@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CARCINOMATOSE POR TUMOR SEROSO DE OVÁRIO EM ADOLESCENTE: RELATO DE CASO

VOIGT; Leticia Royer¹, ANDRADE; Thais Sturmer², HERTER; Liliane Diefenthaler³, ÁVILA; Renata⁴, REIS; Rosilene Jara⁵

RESUMO

Introdução Os tumores ovarianos acometem mais comumente mulheres acima dos 60 anos e são raros abaixo dos 20 anos (1/100.000), em especial, o tipo epitelial. Relato de caso ESS, 16 anos, previamente hígida, procurou nosso serviço de emergência com quadro de dor abdominal e perda ponderal de 10kg. Sem história familiar de câncer. Ao exame de imagem (US e RNM) foram identificadas lesões ovarianas bilaterais, expansivas, heterogêneas, em contiguidade entre si e medializadas com volumes a direita de 69cm³ e a esquerda de 29cm³, além de carcinomatose peritoneal e grande quantidade de líquido de ascite. O Ca-125 foi de 133 U/ml e demais marcadores tumorais normais. Paciente foi submetida a videolaparoscopia diagnóstica com identificação de pelve congelada e carcinomatose peritoneal (Score de Fagotti 6). Anatomopatológico das biópsias identificou tumor borderline/carcinoma seroso de baixo grau do trato mülleriano (ovário) e líquido ascítico positivo para células malignas. Optou-se por quimioterapia neoadjuvante com Carboplatina e Paclitaxel, mas devido à pouca resposta ao tratamento foi precocemente submetida a debulking de ovário com ressecção ótima (R0). O anatomopatológico definitivo demonstrou tumor seroso papilar com variante micropapilar e metástase em um linfonodo pélvico. Foram realizados 3 ciclos de quimioterapia adjuvante. Paciente evoluiu clinicamente bem e iniciou com fogachos que foram tratados com estradiol 1mg. Nestes 6 meses de seguimento, não houve sinais sugestivos de recidiva tumoral. **Comentários** O câncer de ovário epitelial em adolescentes possui melhor prognóstico que em adultos, porém com taxa de recidiva de cerca de 80%. O tratamento quimioterápico em pacientes jovens é semelhante ao proposto para adultos, com maior risco de toxicidade. A preservação da fertilidade não é possível na maioria dos casos, visto o diagnóstico mais frequente em estágios mais avançados.

PALAVRAS-CHAVE: ovário, carcinoma, seroso, borderline.

¹ UFCSPA, leticiarvoigt@gmail.com
² UFCSPA, thaisandrade2@gmail.com
³ UFCSPA, lilianeherter@gmail.com
⁴ UFCSPA, renataavila@gmail.com
⁵ UFCSPA, rjreis@terra.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ASSOCIAÇÃO DE MURCS (VARIANTES DA SÍNDROME DE MAYER-ROKITANSKY-KUSTER-HAUSER): SÉRIE DE CASOS

RÖHRIG; Mariéli Wobeto ¹, VOIGT; Leticia Royer ², HERTER; Liliane Diefenthaler ³, FRANÇA; Noadja Tavares de ⁴, BRENNER; Tatiana Ckless Moresco ⁵

RESUMO

Introdução: A Síndrome de Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser caracteriza-se por aplasia/hipoplasia mulleriana (uterovaginal). É uma das causas mais comuns de amenorreia primária. Pode ser classificada em 2 tipos: A forma clássica (Tipo I) que inclui apenas disgenesia mulleriana e tubária e Tipo II (Síndrome de MURCS) que inclui anomalias associadas: doença ovariana, alterações urológicas, ósseas, cardiológicas e otológicas congênitas, além de baixa estatura. **CASO 1:** RSR, 18 anos, consultou por amenorreia primária, sexualmente ativa. Ecografia e RNM identificaram agenesia renal à direita e agenesia uterina. Ao exame físico: M5P5, períneo feminino, vagina com 3x8cm. Em uso de dilatador vaginal desde os 15 anos, mantendo relações sexuais. **CASO 2:** LLH, 16 anos, consultou por amenorreia primária. Sem outras comorbidades. Ao exame físico: M5P5 e agenesia vaginal. Ecografia e RNM evidenciaram formações ovoides, sólidas e heterogêneas com aspecto de três camadas caudais aos ovários, medindo à direita 2,4x2,1cm e à esquerda 2,6x2,1cm, compatíveis com 2 úteros rudimentares em cada lado da pelve. **CASO 3:** EC, 12 anos, encaminhada por baixa estatura. Paciente com diagnóstico prévio de rim direito pélvico e rim esquerdo displásico, negou outras comorbidades. Ao exame físico: M5P3, altura no percentil 5 e peso no percentil 75, ausência de orifício himenal, hipertelorismo mamário, assimetria mamária, úmero varo e palato ogival. Negou menarca. Ecografia pélvica evidenciando ausência de útero e vagina. RNM de pelve com ovários ectópicos em posição alta no canal inguinal, de dimensões preservadas e vagina atrésica na porção distal. Radiografia de coluna demonstrou costelas cervicais bilaterais, escoliose e dismorfismo vertebral. Cariótipo foi 46 XX, função ovariana normal e Rx de punho sem desvios de idade óssea. **Conclusão:** A aplasia/hipoplasia mulleriana configura a Síndrome Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser. No entanto, pode-se apresentar com outros achados clínicos (Tipo II). Assim, devemos pesquisar doença ovariana, alterações renais, cardíacas, ósseas e otológicas congênitas além de baixa estatura.

PALAVRAS-CHAVE: Rokitansky, MURCS, malformação mulleriana, útero didelfo

¹ UFCSPA, marielirohrig@hotmail.com

² UFCSPA, leticiarvoigt@gmail.com

³ UFCSPA, lilianeherter@gmail.com

⁴ UFCSPA, dra.noadja@gmail.com

⁵ UFCSPA, tatickm@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE DA ADESÃO AO PRÉ-NATAL EM UM CENSO DE GESTANTES ADOLESCENTES DO LESTE DE MINAS

CHITARRA; Fernanda Milagres Resende ¹, REIS; Livia Santos², SILVA; Lorena Andrade ³, SIMÕES; Milena de Oliveira⁴, ALVES; Waneska Alexandre ⁵

RESUMO

Introdução: Os cuidados pré-natais são imprescindíveis no contexto da atenção à saúde materno-fetal. Em vista disso, o Ministério da Saúde (MS) recomenda a realização mínima de seis consultas de acompanhamento pré-natal. Essa assistência, integral e individualizada, torna-se ainda mais necessária diante dos riscos biológicos e psicossociais próprios da gestação na adolescência. **Objetivo:** Analisar a adesão ao pré-natal e o número de consultas realizadas durante a gestação entre puérperas adolescentes do município de Governador Valadares, Minas Gerais. **Métodos:** Estudo descritivo parte de uma pesquisa maior intitulada “Consumo alimentar de gestantes adolescentes e retenção de peso pós-parto: um estudo de coorte”. Trata-se de um censo constituído por todas as puérperas adolescentes (<20 anos de idade), residentes do município de Governador Valadares, que tiveram parto nas três maternidades locais no período de 10/2018 a 10/2019. Foram excluídas gestantes adolescentes com morbidade crônica e/ou idade gestacional <37 semanas. Os dados foram coletados através de questionário padronizado nas primeiras 48h pós-parto e analisados no software Stata® 16.0. **Resultados:** A amostra foi composta por 367 puérperas (taxa de resposta: 97,9%) com idade média de 17,6 anos ($\pm 1,57$). Destas, a maioria era da cor parda (77,8%), primípara (82,3%), com escolaridade >10 anos (59,2%) e possuíam renda familiar mensal >1 salário mínimo (55,7%). Quase totalidade das mães realizaram pré-natal (98,9%), sendo 6,95 ($\pm 4,47$) a média de consultas durante o período gestacional. A maioria (71,6%) realizou ao menos seis atendimentos de pré-natal e o número total de consultas com maior frequência foi sete (18,8%). **Conclusão:** Este estudo mostrou que quase totalidade das gestantes adolescentes do município fizeram o acompanhamento pré-natal, sendo que destas, a maioria realizou o número mínimo de consultas preconizado pelo MS. O pré-natal, associado à qualidade do cuidado, é essencial para garantir assistência ao binômio materno-fetal, principalmente tratando-se de mães adolescentes que carecem de maior atenção.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado Pré-Natal, Gravidez na Adolescência, Serviços de Saúde Materno-Infantil

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares, fernandamrchitarra@gmail.com

² Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares, liviareis@hotmail.com

³ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares, lorenaandrade1998@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares, mihsimoes@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares, waneska2612@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AVALIAÇÃO DO ÍNDICE DE SATISFAÇÃO E EFEITOS ADVERSOS DOS LARCS EM ADOLESCENTES

ALVES; Aline Mota ¹, DIAS; Maria Tereza Pinto Medeiros ², BRUNO; Zenilda Vieira ³, RIBEIRO; Alexia Araújo ⁴, SOBRAL; Letícia Nacle Estefan ⁵

RESUMO

Introdução: Os contraceptivos reversíveis de longa ação (LARC) são métodos com duração igual ou superior a 3 anos que tem sua eficácia mantida independentemente da motivação da usuária, sendo por isso considerados opção de destaque para as adolescentes. **Objetivo:** Avaliar o índice de satisfação e efeitos adversos dos LARCs em pacientes acompanhadas em um ambulatório de adolescentes. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo realizado por entrevistas telefônicas no qual 161 adolescentes que inseriram os LARCs de outubro de 2018 a janeiro de 2020 foram questionadas a respeito do grau de satisfação e dos efeitos colaterais. **Resultados:** Do total de 161 pacientes, apenas 38 (23,60%) colaboraram com a pesquisa, sendo que 5 optaram pelo DIU de Cobre, 14 pelo Mirena e 19 pelo Implanon. Todas que inseriram o DIU de Cobre o classificaram como muito satisfatório. Entre as que colocaram o Mirena, 8 estavam muito satisfeitas, 1 estava satisfeita e 5 se mostraram indiferentes. Das que optaram pelo Implanon, 13 consideraram o método muito satisfatório, 1 foi indiferente, 4 estão insatisfeitas e 1 está muito insatisfeita. Quando questionadas sobre os efeitos colaterais, 3 das pacientes que inseriram o DIU de cobre relataram ausência de efeitos, 1 apresentou aumento do fluxo menstrual nos primeiros meses de uso e 1 referiu dismenorreia. Das que optaram pelo Mirena, 9 negaram quaisquer efeitos colaterais, 3 relataram fluxo irregular, 3 relataram dismenorreia e 1 apresentou aumento de fluxo nos primeiros meses de uso. Entre as usuárias do Implanon, 8 negaram efeitos colaterais, 9 referiram fluxo menstrual irregular, 3 relataram aumento de acne, 2 relataram cefaleia e 1 das pacientes apresentou aumento considerável de fluxo nos nove primeiros meses que a fez trocar o método. **Considerações:** Os LARCs avaliados nesse estudo apresentaram boa aceitação das adolescentes que, em sua maioria, negaram efeitos colaterais ou relataram efeitos amenos.

PALAVRAS-CHAVE: contraceptivo, adolescente, dispositivo intrauterino, implante

¹ Maternidade Escola Assis Chateaubriand, alineeeee@hotmail.com

² Maternidade Escola Assis Chateaubriand, mailediasmagalhaes@gmail.com

³ Maternidade Escola Assis Chateaubriand, zenildavieirabruno@gmail.com

⁴ Maternidade Escola Assis Chateaubriand, alexiaribeiro10@hotmail.com

⁵ Maternidade Escola Assis Chateaubriand, leticianacle@outlook.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GESTÃO A TERMO EM PACIENTE COM CLOACA E ÚTERO DIDELFO: RELATO DE CASO

FRANÇA; Noadja Tavares de ¹, MONTEIRO; Ana Julia Fonseca Carneiro², HERTER; Liliane Diefenthaler³, VOIGT; Leticia Royer⁴, FRANCIOSI; Luiz Eduardo Nobrega⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO A cloaca é a malformação anorretal mais complexa na mulher. Caracteriza-se pela confluência única da vagina, uretra e reto que desembocam no períneo em um único orifício. Esta rara anomalia requer uma complexa cirurgia para separar e reconstruir esses três sistemas. Frequentemente é associada com outras malformações: anomalias vertebrais, cardíacas, renais, de membros, anomalias mullerianas, fístula traqueoesofágica. Há poucos relatos na literatura sobre fertilidade e desfechos obstétricos nestes raros e graves casos. **RELATO DE CASO** LSG, 23 anos, nasceu com 35 semanas de idade gestacional com cloaca, útero didelfo e tetralogia de Fallot. Cariótipo 46XX. Ao nascer foi submetida a colostomia e vesicostomia. A tetralogia foi corrigida aos 2 anos de idade e a reconstrução de ânus, uretra e vagina aos 3 anos de idade em nosso hospital. Aos 14 anos foi submetida a neovagina com retalho de pequeno lábio para correção de estenose vaginal de terço distal também em nosso hospital. Apresentou aborto espontâneo aos 20 anos e aos 21 anos gestou novamente. Realizou pré-natal de alto risco no mesmo hospital. Teve uma internação com 31 semanas e 1 dia por trabalho de parto prematuro, mas sem evolução e com alta após 3 dias. Foi internada com 37 semanas para definição de desfecho gestacional, sendo submetida à cesariana eletiva com equipe multidisciplinar com 37 semanas e 4 dias de idade gestacional. O bebê nasceu saudável, sexo masculino, 2980g e APGAR 9/9. Ambos sem complicações pós-operatórias. Mãe teve alta com o recém-nascido. **DISCUSSÃO** Poucos estudos na literatura avaliaram desfechos obstétricos em pacientes com cloaca, mas sabe-se que, pela associação frequente com malformações mullerianas, costuma haver impacto negativo em desfechos reprodutivos. Felizmente, nossa paciente evoluiu com gestação a termo, o bebê nasceu saudável e ambos não apresentaram intercorrências materno-fetais nem pré, nem pós-natal.

PALAVRAS-CHAVE: cloaca, malformação mulleriana, útero didelfo, gestação.

¹ Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, dra.noadja@gmail.com

² Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, anajuliacmonteiro@gmail.com

³ Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, lilianeherter@gmail.com

⁴ Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, leticiarvoigt@gmail.com

⁵ Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, lenfranciosi@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CARACTERÍSTICAS DAS MÃES ADOLESCENTES DE CRIANÇAS COM ASFIXIA PERINATAL

SOUZA; Ana Tainar Mota ¹, OLIVEIRA; Clara Gabriela Silva de ², ROCHA; Desyreé Monique Vieira ³, RESENDE; Luana Teles de ⁴, OLIVEIRA; Manuelle Menezes de ⁵

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência tem sido alvo de preocupação, devido aos riscos para mãe e patologias para as crianças como é o caso da asfixia neonatal, afecção considerada uma das maiores causas de óbitos neonatais e sequelas neurológicas em recém-nascido. **Objetivos:** Avaliar as características maternas e os antecedentes obstétricos de mães adolescentes de recém-nascidos com asfixia neonatal. **Métodos:** Estudo descritivo e quantitativo, realizado em uma maternidade de risco habitual em Aracaju/SE, com mulheres entre 10 e 19 anos que tiveram filhos com asfixia perinatal. Os dados foram coletados de janeiro a agosto de 2019, através de entrevista com as mães e informações de prontuários e caderneta de gestante. Os dados foram compilados no Microsoft Excel e foi realizada análise descritiva. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob parecer nº 3.013.700. **Resultados:** Foram encontradas 18 adolescentes que tiveram filhos com asfixia neonatal, com média 16,7 anos. Metade das adolescentes declarou ter menos de oito anos de estudos e a maioria afirmou ter parceiro fixo (72%), ser preta ou parda (88,8%) e não trabalhar (88,9%). Além disso, 77,7% residiam em áreas urbanas, 61,1% recebiam menos de um salário mínimo e 72,2% não recebiam bolsa família. A maior prevalência foi de adolescentes primíparas (66,6%). Com relação aos antecedentes obstétricos das múltiparas, todas tiveram apenas um filho anteriormente, 33,3% tiveram complicações na gestação anterior, 72% tiveram intervalo interpartal menor que dois anos e o peso do recém-nascido da última gestação foi adequado. **Considerações finais:** A gravidez na adolescência é considerada um risco para a mãe e para o recém-nascido, o que torna necessário o entendimento dos fatores etiológicos de adolescentes terem filhos com asfixia. Dessa forma, o levantamento das características maternas e os antecedentes obstétricos torna-se fundamental para que haja um melhor acompanhamento no pré-natal, parto e pós-parto.

PALAVRAS-CHAVE: Asfixia Neonatal. Gravidez na Adolescência. Fatores de Risco.

¹ Universidade Federal de Sergipe, tainarmota32@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe, claraoliveira@gmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe, desyreemonique@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Sergipe, lua.teles.resende@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Sergipe, manuellelella@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

FATORES OBSTÉTRICOS DE ADOLESCENTES RELACIONADOS À ASFIXIA PERINATAL.

ROCHA; Desyreé Monique Vieira ¹, SOUZA; Ana Tainar Mota ², OLIVEIRA; Clara Gabriela Silva de ³, RESENDE; Luana Teles de ⁴, VAEZ; Andreia Centenaro ⁵

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência é assunto de grande relevância na saúde pública, podendo implicar em danos vitais para a mãe e atuar como importante fator de risco para complicações no nascimento, a exemplo da asfixia perinatal, umas principais causas de mortalidade infantil. **Objetivo:** Avaliar as características obstétricas de mães adolescentes de crianças com asfixia perinatal. **Métodos:** Estudo descritivo, transversal com abordagem quantitativa, realizado em uma maternidade de risco habitual em Aracaju/SE. Foram incluídas mães com idade entre 10 e 19 anos, que tiveram crianças com asfixia perinatal. A coleta foi realizada de janeiro à agosto de 2019, através de entrevista com a genitora, revisão dos cartões de gestante e prontuários das mães. Os dados foram compilados no Microsoft Excel e foi realizada análise descritiva dos mesmos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, sob parecer nº 3.013.700. **Resultados:** A análise foi composta por 18 adolescentes, com idade média de 16,7 anos. Apesar de 61,1% afirmarem ter sido uma gravidez indesejada, 77,7% tiveram seis ou mais consultas de pré-natal e 72,2% iniciaram no primeiro trimestre da gestação. Em relação aos fatores de risco no pré-natal, o mais encontrado foi a infecção materna (20%). Sobre o parto, 66% ocorreram na capital, 38% sofreram peregrinação no anteparto, 60% tiveram parto normal e 83,3% tiveram apresentação cefálica. Com relação às intervenções nas adolescentes, 44,4% tiveram o parto induzido por ocitocina e 11,1% por amniotomia, além de 27,7% serem submetidas à manobra de Kristeller e 16,6% à episiotomia. **Considerações finais:** A partir dos resultados, percebe-se a necessidade de um acompanhamento na atenção primária relacionado ao planejamento reprodutivo das adolescentes e ao pré-natal de qualidade, além das boas práticas dos profissionais na assistência obstétrica, dirimindo assim os danos causados ao binômio mãe/neonato.

PALAVRAS-CHAVE: Asfixia neonatal. Fatores de risco. Gravidez na Adolescência. Saúde materno-infantil.

¹ Universidade Federal de Sergipe, desyreemonique@hotmail.com

² Universidade Federal de Sergipe, tainarmota32@gmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe, claragsoliveira@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Sergipe, lua.teles.resende@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Sergipe, andreiacentenarovaiez@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

USO INDISCRIMINADO DE ANTICONCEPCIONAL HORMONAL ORAL NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS: REVISÃO DE LITERATURA

GUIMARÃES; Ilzianna Karoline Soares¹, SILVA; Rayanna Alves da², PACHECO; Beatriz Ferreira Pereira³

RESUMO

INTRODUÇÃO: A garantia da saúde reprodutiva no público feminino jovem, comumente, é promovida pela adoção do uso cotidiano de métodos contraceptivos hormonais orais (MCHO), ainda que o conhecimento acerca se sua ingestão correta seja deficiente no público alvo. Logo, seus benefícios não anulam os riscos envolvidos em sua ingestão prolongada ou desregrada e o consumo racional é uma pauta contínua de saúde pública. **OBJETIVO:** Evidenciar os riscos do uso indisciplinado de MCHO pelas adolescentes e suas possíveis alterações patológicas para o organismo dessas. **MÉTODOS:** Selecionou-se 208 artigos pelo uso dos descritores: anticoncepcionais orais; adolescente; uso indevido de medicamentos; automedicação; risco, que foram utilizados -em inglês e português- de forma associada ou não, nas bases de dados: Scielo, PubMed e BVS; para delinear uma revisão integrativa de caráter descritivo, analítico e observacional. A fim de garantir a fidelidade à temática, a amostra inicial foi refinada pela aplicação de filtros na busca -intervalo de 5 anos (2015 - 2020), artigo completo disponível e tipo de estudo (revisão sistemática e estudo de coorte); obtendo-se, dessa forma, 25 selecionados pertinentes ao objetivo. **RESULTADO:** A análise ilustrou questões relevantes quanto ao uso incoerente de MCHO relacionadas a repercussões clínicas graves e impactantes na qualidade de vida da paciente. Essas, ocasionadas pelo consumo indevido, passível de implicações reprodutivas (aborto, infecções sexualmente transmissíveis ou gravidez), psiquiátricas (depressão), agravo de quadros gastrointestinais (doença de crohn e colite ulcerativa) e de comorbidades pré-existentes, eventos cardiovasculares, tromboembólicos e isquêmicos, além de manifestações oncológicas, pela carga genética apresentada e tempo de uso prolongado. **CONCLUSÃO:** Depreende-se a necessidade de rever a abordagem de saúde e segurança reprodutiva, especialmente direcionada às adolescentes, e uma busca ativa, através da educação em saúde, de mulheres que têm fatores de contraindicação dos MCHO, no fito de lhes empoderar sobre seus riscos e benefícios.

PALAVRAS-CHAVE: anticoncepcionais orais, adolescente, uso indevido de medicamentos, automedicação, risco

¹ Universidade Potiguar (UNP), karolineilzianna@gmail.com

² Universidade Potiguar (UNP), alves.rayanna@gmail.com

³ Universidade Potiguar (UNP), beatrizf606@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A INCIDÊNCIA DE PREMATURIDADE NOS EXTREMOS REPRODUTIVOS

SHIMAMURA; Lia Keiko Sousa¹, MONTEIRO; Denise Leite Maia², GONCALVES; Gabriel Fernandes³, COSTA; Julie Teixeira⁴, SILVA; Célia Regina da⁵

RESUMO

Introdução: Partos prematuros trazem consequências tanto ao binômio materno-fetal quanto ao Sistema de Saúde. **Objetivo:** Avaliar a taxa de prematuridade nos extremos reprodutivos. **Método:** Estudo transversal, realizado por busca no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e no Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos (SINASC). Gestantes de 10-14 e 15-19 anos e de 35-39, 40-44 e 45 anos ou mais foram comparadas com as de 20-34 anos. Excluiu-se as informações dos registros com idade gestacional <22 semanas e calculou-se a frequência de prematuridade em cada grupo. **Resultado:** No Brasil, o total de nascidos vivos (NV) de mães entre 10-14 anos foi 20.609. Desse total, 3.658 (17,7%) foram pré-termo, entre 22-36 semanas. Entre 15-19 anos ocorreram 426.866 partos, sendo 52.519 (12,3%) prematuros. Entre 20-34 anos, obteve-se 2.001.737 partos, sendo 205.831 (10,3%) prematuros. Comparando mães entre 10-14 anos com as de 20-34 anos, observou-se taxa de prematuridade entre adolescentes <15 anos, 71,8% maior ($p<0,001$) e nas mães entre 15-19 anos, foi 19,4% maior do que o grupo controle ($p<0,001$). O número total de NV com mães entre 35-39 anos foi 361.207, sendo 46.451(12,87%) prematuros, o que comparado com mães de 20-34 anos, representa aumento de 24,85% de prematuros nessa faixa. Já o número de NV com mães de 40-44 anos foi de 84.818, destes 12.707 (14,98%) foram prematuros, apontando aumento de 45,45% de prematuridade em relação a mães de 20 a 34 anos. Em 2018, nasceram 5.228 NV de mães com idade ≥ 45 anos, sendo 1.062 (20,31%) partos pré-termo, com aumento de 97,22% na taxa de prematuridade em relação a 20-34 anos. **Conclusão:** A gravidez tanto em adolescente quanto em mães com idade ≥ 35 anos cursa com maior taxa de prematuridade do que entre 20-34 anos, de forma mais evidente nos extremos reprodutivos da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Prematuridade, Gestação Tardia

¹ UERJ, liakeiko@hotmail.com

² UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

³ UERJ, gabriel41290@gmail.com

⁴ UERJ, julieteixeira.uerj@gmail.com

⁵ UERJ, cellarsilva2004@ig.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A INSTABILIDADE PSICOLÓGICA E EMOCIONAL PERTINENTE À FASE JUVENIL COMO FATOR DE ESTÍMULO À EVOLUÇÃO DE IST'S: REVISÃO DE LITERATURA

PACHECO; Beatriz Ferreira Pereira ¹, GUIMARÃES; Ilzianna Karoline Soares², SILVA; Rayanna Alves da³

RESUMO

INTRODUÇÃO O período da adolescência marca uma fase de transição para a vida adulta que permeia diversas questões e mudanças que abarcam esse novo ciclo, tanto a níveis biológicos quanto emocionais, sociais e cognitivos que interferem no fator psicológico desses jovens, capazes de implicar maior vulnerabilidade no que tange as relações sexuais e a evolução das Infecções sexualmente transmissíveis (IST's). **OBJETIVO** Evidenciar a importância da consideração dos aspectos psicológicos do adolescente no decorrer da apresentação clínica das IST's e de que forma a instabilidade emocional pode auxiliar na morbidade. **MÉTODOS** É uma revisão integrativa de caráter qualitativo, observacional e descritivo. A pesquisa contou com as bases de dados: PubMed, BVS e Scielo, e os descritores em saúde: doenças Sexualmente Transmissíveis, Evolução Clínica, adolescente e Psicologia do adolescente, que foram associados entre si e com os filtros de: intervalo de 2020 a 2010, texto completo disponível e, especialmente para BVS: base Medline e revisão sistemática, enquanto para PubMed: revisão sistemática, ensaio clínico randomizado e meta-análise. Ao todo foram selecionados 43 artigos, dos quais, após avaliação desses frente ao objetivo desta revisão, restaram 17. **RESULTADOS** A análise crítica dos estudos evidenciou pouca ênfase nos aspectos emocionais e psicológicos próprios da adolescência e sua relação causal com a exposição juvenil a dúvidas referentes a sexualidade, capazes de agravar a morbidade de IST's pré-existentes. Ademais, a discussão apontou falha quanto a abordagem de queixas psicológicas e clínicas desse grupo por parte da família, sociedade e trabalhos científicos graças a tabus e estigmas refletidos na temática. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Portanto, depreende-se que a evolução clínica das doenças transmitidas sexualmente não deve ser abordada somente sob a lógica terapêutica farmacológica e de procedimento, mas também pelo controle de possíveis queixas psico-emocionais que afetam seu curso e a eficácia de seu controle.

PALAVRAS-CHAVE: -

¹ Universidade Potiguar, beatrizf606@gmail.com

² Universidade Potiguar, karolineilzianna@gmail.com

³ Universidade Potiguar, alves.rayanna@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ ANTES DE 14 ANOS: ESTUDO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1996 E 2018

MONTEIRO; Denise Leite Maia¹, LACERDA; Isabel Maria Santos², MIRANDA; Fátima Regina Dias de³, TAQUETTE; Stella Regina⁴, RAMOS; José Augusto Sapienza⁵

RESUMO

Introdução: A atividade sexual antes dos 14 anos é considerada pela lei brasileira como estupro de vulnerável, independente de consentimento. A gravidez nesta idade, portanto, constitui crime de violência sexual. Sua ocorrência continua elevada no Brasil. **Objetivo:** Avaliar a frequência de nascidos vivos (NV) e a taxa de fecundidade por idade específica (TFIE) de mães de 10 até 13 anos de 1996 a 2018, verificando a distribuição pelas regiões brasileiras. **Método:** Estudo com desenho transversal, realizado por busca no banco de dados do Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos (SINASC/DATASUS). Calculou-se a TFIE no Brasil e por região pela frequência de NV por adolescentes de 10-13 anos por mil (‰) adolescentes de mesma idade entre os 23 anos disponíveis (1996 a 2018). **Resultados:** Observou-se variação no TFIE de 0,78‰ (5.359 NV.) em 1996 no Brasil para 0,87‰ (4.882 NV) em 2018; uma variação percentual de +11,5%. Comparando-se os períodos de 1996 a 2018, observa-se na região Norte taxas de 1,28‰ a 1,66‰, com pico de 1,99‰ em 2011. As taxas TFIE da região Nordeste cresceram de 1996 a 2011 de 0,72‰ a 1,66‰, revelando variação de +131%, porém regredindo depois a 1,31‰ em 2018; -21% em relação a 2011. A região Centro-Oeste e Sul apresentam o maior valor no início da série analisada, respectivamente 1,44‰ e 0,83‰ em 1996. Por sua vez o Sudeste teve a maior TFIE em 2003: 0,64‰. Ao comparar diretamente os anos de 1996 e 2018, houve redução de 22% no Sudeste, 48,2% no Sul e 34% no Centro-Oeste, entretanto aumento no Norte e Nordeste com 29,7% e 81,9%, respectivamente. **Conclusão:** Se por um lado a gravidez entre meninas de 10 a 13 anos diminuiu no Sudeste, Sul e Centro-Oeste, houve aumento no Norte e Nordeste, resultando uma variação de +11,5% na TFIE do país.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Gestação, Violência sexual, Estupro

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

² UERJ, isabelmlacerda@gmail.com

³ UERJ, famiranda2@gmail.com

⁴ UERJ, stella.taquette@gmail.com

⁵ UERJ, sapienza@labgis.uerj.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O PAPEL DA INSULINA NA SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS EM ADOLESCENTES.

SILVA; Marielle Neiva da ¹, SILVA; Maira Luisa Neiva da ², GOMES; Miriam Pardini ³, LIMA; Mariana Schimming de ⁴, SALVADOR; Louise de Oliveira ⁵

RESUMO

Introdução: A síndrome dos ovários policísticos se manifesta com uma combinação de disfunção menstrual e de hiperandrogenismo na população adolescente. Anormalidades neuroendócrinas contribuem para sua patogênese. **Objetivos:** O presente trabalho busca realizar, por meio de uma revisão sistemática, uma análise da relação entre a insulina com o desenvolvimento da síndrome dos ovários policísticos em adolescentes. **Métodos:** Foi realizado um levantamento de estudos na base de dados MEDLINE que abordassem o papel da insulina na gênese da síndrome dos ovários policísticos em adolescentes (13 a 18 anos) e que foram publicados entre 2012 e 2019. Utilizou-se os descritores "polycystic ovary syndrome", "puberty" e "insulin resistance". Artigos duplicados e sem acesso ao texto integral foram excluídos. Seis artigos que atenderam satisfatoriamente aos objetivos propostos foram selecionados. **Resultados:** Verificou-se que a resistência à insulina e hiperinsulinemia são os principais achados em pacientes com síndrome do ovário policístico, sejam elas magras ou obesas, no entanto, suas taxas são maiores no último grupo. Essas manifestações são de início precoce e indicam risco de desenvolvimento da síndrome. As meninas portadoras também apresentam disfunção mitocondrial muscular, alterações na eliminação de glicose e aumento do conteúdo de gordura hepática. Apesar do estado sistêmico de resistência à insulina, o ovário permanece sensível à insulina. Estudos apontaram evidências de que a obesidade e síndrome dos ovários policísticos estão associadas ao risco elevado de doenças cardiovasculares tardias. **Conclusão:** A obesidade, a resistência à insulina e a hiperinsulinemia são fatores de risco para o desenvolvimento da síndrome dos ovários policísticos. Portanto, seu diagnóstico precoce é crucial, uma vez que a síndrome dos ovários policísticos pode acarretar a manifestação de outras doenças.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome do Ovário Policístico, Medicina do Adolescente, Resistência à Insulina, Puberdade, Obesidade

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana, marielle_neiva@outlook.com

² Centro Universitário de Votuporanga, maira.lns@hotmail.com

³ Universidade do Oeste Paulista, miriampardini@hotmail.com

⁴ Universidade Brasil, mariana.schimming@gmail.com

⁵ Universidade Brasil, loisesalvador@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ADOLESCENTES E SUAS EXPERIÊNCIAS COM O PARTO.

FESTINALLI; Luiza Redin¹, LINS; Cynthia Dantas de Macedo², NÓBREGA; Iselena Claudino Bernardes³

RESUMO

Introdução: a assistência à mulher durante o trabalho de parto e parto sofreu, ao longo dos anos, profundas modificações. A humanização desse processo emergiu como necessidade da mulher reassumir seu protagonismo e vivenciar uma experiência positiva e enriquecedora. **Objetivos:** avaliar a experiência e satisfação de adolescentes com o parto. **Métodos:** trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, qualitativo e quantitativo com adolescentes em uma maternidade pública do extremo norte do país. Participaram 19 puérperas que tiveram a vivência do trabalho de parto, independente da paridade, idade gestacional ou via de parto. Após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, foi realizada uma entrevista utilizando dois questionários, um relacionado aos aspectos pessoais, sociodemográficos e dados obstétricos e outro que corresponde ao Questionário de Experiência e Satisfação com o Parto validado e modificado. **Resultados:** A idade variou entre 18 e 19 anos, com predomínio de adolescentes residentes em Boa Vista – RR, desempregadas e com renda familiar de até um salário mínimo. A maioria tinha realizado mais de seis consultas de pré-natal, era primípara, com gestação a termo e evolução para parto vaginal. Quanto aos critérios relacionados ao parto, a maioria relatou satisfação com a evolução do processo (11 participantes) e primeiro contato com o bebê (14). Dezesete adolescentes relataram presença de acompanhante durante o processo. Nove participantes relataram que não utilizaram métodos de respiração e relaxamento durante o trabalho de parto, não alcançaram relaxamento e estavam insatisfeitas com a dor. Em relação ao tempo que demorou o parto, apenas oito se mostraram satisfeitas. **Conclusão:** a insatisfação com a dor pode evidenciar que os métodos não farmacológicos para seu alívio ainda têm baixa aplicabilidade. No entanto, a presença de acompanhante, satisfação com a evolução do processo de parto e com o primeiro contato com o bebê mostram práticas de humanização do nascimento.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Tocologia. Humanização da assistência.

¹ Universidade Federal de Roraima – UFRR, luluredin@hotmail.com

² Universidade Federal de Roraima – UFRR, cynthiadmacedo@yahoo.com.br

³ Universidade Federal da Paraíba – UFPB, iselenacb@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AMBIENTAÇÃO FISIOLÓGICA JUVENIL ÀS ALTERAÇÕES HORMONAIS E EMOCIONAIS PÓS-MENARCA: REVISÃO DA LITERATURA

SILVA; Rayanna Alves da¹, GUIMARÃES; Ilzianna Karoline Soares², PACHECO; Beatriz Ferreira Pereira³

RESUMO

INTRODUÇÃO Os períodos pré e pós-puberal delinham-se por expectativas sociais distintas, mediante o gênero, mesmo que afetem áreas coincidentes da personalidade juvenil. A menarca, portanto, representa um marco inicial de uma fase na rotina feminina que acarreta repercussões psicológicas, hormonais, clínicas e de autoimagem. **OBJETIVOS** Elucidar as mudanças orgânico-psicológicas, no corpo das adolescentes, consequentes ao período da primeira menstruação. **MÉTODOS** Revisão integrativa - caráter observacional e analítico - estruturada por um compilado de 19 trabalhos, pertinentes à temática. Esses, obtidos pela aplicação de filtros nas bases de dados (PubMed, BVS e Scielo): intervalo de 2015 - 2020, texto completo disponível e Medline (BVS); e pelo uso de descritores indexados (menarca; hormônios; fenômenos fisiológicos; adolescentes; emocional), aplicados associados - uso do código "AND" na PubMed - ou não, em inglês e português, resultantes em 309 artigos. **RESULTADOS** A análise esboçou uma quebra de expectativa das adolescentes pela ambientação à nova realidade, preconceitualmente, representada pela expressão "agora você é uma mulher", visto que, apesar de ser destacado por amadurecimento reprodutivo, não coincide com o psicossocial, sendo, a transição dos comportamentos e da sexualidade, coercitiva, dado que não há orientação de práticas sexuais responsáveis e de planejamento familiar. Consonantemente discutiu-se fatores causais para instabilidade do período, estes: padrões sociais, midiáticos, familiares e dietéticos, relacionados com repercussões depressivas e destrutivas da autoimagem e do bem-estar socioemocional por implicar desfechos negativos, como: distúrbios alimentares, vida sexual e menopausa precoces, risco para diabetes mellitus e câncer de mama na idade adulta. | **CONCLUSÃO** Faz-se necessário instruir essas jovens acerca das desordens patológicas, como os distúrbios menstruais, e fisiológicas inerentes ao período pós-menarca, através da educação em saúde, aliando o papel da família e das instituições sociais, no intuito de empoderar as mulheres sobre seu corpo e de romper com os tabus imbuídos nessa fase.

PALAVRAS-CHAVE: menarca, hormônios, fenômenos fisiológicos, adolescentes, emocional

¹ Universidade Potiguar (UnP), alves.rayanna@gmail.com

² Universidade Potiguar (UnP), karolineilzianna@gmail.com

³ Universidade Potiguar, beatrizf606@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DOENÇA TROFOBLÁSTICA GESTACIONAL EM ADOLESCENTE DO ACRE

AGUIAR; Mariana Barros de¹, LIMA; Lucas Farias², MEERT; Ariella Riva³

RESUMO

Introdução: A Doença Trofoblástica Gestacional (DTG) é uma anormalidade na gravidez que engloba formas clínicas benignas como a mola hidatiforme parcial e total, e maligna, como a mola invasora, o coreocarcinoma, entre outros. Sua forma mais frequente é a mola hidatiforme e acomete 1:200 grávidas brasileiras. Caracteriza-se mola completa: feto, cordão e membranas estão ausentes e mola parcial: feto, cordão e membrana amniótica frequentemente presentes. Quadro clínico frequente: sangramento vaginal, aumento do volume uterino em desacordo com a idade gestacional, cistos tecaluteínicos dos ovários, hiperêmese e toxemia gravídica precoce. Com o surgimento da ultrassonografia é possível diagnosticar precocemente pacientes com DTG ainda assintomáticas. **Relato de caso:** RPA, 17 anos, natural de Rio Branco, Acre, procurou atendimento médico devido sangramento anormal depois de um período de 2 meses de amenorréia. Após realização do exame BHCG quantitativo que indicou 29.632,000m IU/ml e exames de ultrassonografia onde apresentou múltiplas imagens anecoicas ovais, foi diagnosticada com doença trofoblástica gestacional. Realizou Aspiração Manual Intra-Uterina (AMIU) e continuou com o seguimento da patologia no Hospital das Clínicas de Rio Branco apenas com uso de anticoncepcional oral. Após dois anos de seguimento, teve um novo quadro de DTG e evoluiu com Neoplasia Trofoblástica Gestacional (score de risco 6), onde foi internada e iniciou o uso de Metotrexato com ácido folínico até negativação e 3 ciclos de consolidação. Em tempo faz acompanhamento semestral no setor de Ginecologia do Acre. **Comentários:** A DTG é uma doença pouco estudada no estado do Acre, onde o centro de referência para diagnóstico e seguimento da doença está localizado na cidade de Rio Branco. Observa-se que, a doença trofoblástica gestacional, apesar de conter um protocolo de tratamento continuado, existe uma evolução maligna quando recorrente, o que dificulta o seguimento do tratamento colocando ainda mais em risco a paciente acometida.

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasia, Trofoblasto, Seguimento, Visitas Domiciliares.

¹ Centro Universitário Uninorte, m.barros16@hotmail.com

² Centro Universitário Uninorte, lucasf.l@hotmail.com

³ Centro Universitário Uninorte, ariellarivam@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

HEMORRAGIA PÓS-PARTO EM ADOLESCENTES: PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS HOSPITALIZAÇÕES NO BRASIL NO PERÍODO DE 2017 A 2019

SANTANA; Davi Nolasco ¹, SACRAMENTO; Fernanda De Miranda Barreto Do², OLIVEIRA; Jade Castro De³, JÚNIOR; José Rivaldo de Santana ⁴, LUCCA; Maria Magalhães Frenzel Brito De⁵

RESUMO

Introdução: Hemorragia pós-parto (HPP) é a perda sanguínea acima de 500 mL após parto vaginal ou acima de 1000 mL após parto cesariana nas primeiras 24 horas ou qualquer perda de sangue pelo trato genital capaz de causar instabilidade hemodinâmica. A principal etiologia é a deficiência da contração uterina. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico das hospitalizações por hemorragia pós-parto em adolescentes no Brasil no período de 2017 a 2019. **Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico, de caráter descritivo, com base em dados coletados no SIH do DATASUS. As variáveis observadas foram ano de atendimento, região de residência, raça, média de permanência hospitalar e valor médio gasto por internação. **Resultados:** Foram registrados 1.167 internamentos. A maior parte foi na Região Sudeste (38,82%) e a menor na Região Centro-Oeste (6,08%). O ano de 2017 teve o maior número de casos (33,59%), seguido por 2019 (33,25%) e 2018 (33,16%). Quanto à raça, 42,93% das adolescentes são pardas, 28,36% brancas, 3,6% pretas, 2,06% amarelas, 0,09% indígenas e não foi informada em 22,96% dos registros. A média de permanência hospitalar foi de 2,8 dias, sendo superior na Região Centro-Oeste (3,5) e inferior na Região Sul (2,2). O valor médio nacional gasto por internação foi de R\$364,47. Esse valor foi maior na Região Sudeste (R\$436,61) e menor na Região Nordeste (R\$309,29). **Conclusão:** A quantidade de hospitalizações se manteve praticamente constante no período analisado. O maior número ocorreu na Região Sudeste, a mais populosa, e o menor na Região Centro-Oeste, a menos populosa, evidenciando a existência de uma proporcionalidade entre tamanho populacional e internamentos. Houve predomínio de casos na raça parda, mas a análise dessa variável apresenta dificuldades devido ao número expressivo de registros incompletos. Ademais, percebe-se que não há uma associação clara entre o valor médio gasto por internação e o tempo médio de permanência hospitalar.

PALAVRAS-CHAVE: Hemorragia pós-parto, adolescentes, perfil epidemiológico

¹ Universidade Salvador (UNIFACS), davinolasco@outlook.com.br

² Universidade Salvador (UNIFACS), nandiss1@outlook.com

³ Universidade Salvador (UNIFACS), jadecastro@gmail.com

⁴ Universidade Federal da Bahia (UFBA), jjuniorsantana@hotmail.com

⁵ Universidade Salvador (UNIFACS), mdelucca15@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DIFICULDADE NO RECONHECIMENTO DA SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

BARROS; Stephani Jahn¹, BACKES; Ana Paula², HALMANN; Lydia Vargas³, POSSUELO; Lia Gonçalves⁴, FREY; Fabiana⁵

RESUMO

Introdução: A Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP) configura-se como um desafio diagnóstico, ainda mais complexo na adolescência. Para o Instituto Nacional de Saúde estadunidense a SOP engloba hiperandrogenismo clínico e/ou bioquímico associado a disfunção menstrual. O consenso de Rotterdam incluiu a estes a morfologia do ovário policístico (PCOM) e definiu a necessidade de dois dos três itens, enquanto a Sociedade de Excesso de Androgênios determinou apenas o hiperandrogenismo como fator necessário. **Objetivo:** Compreender o diagnóstico da SOP em adolescentes e destacar os fatores que dificultam seu reconhecimento. **Métodos:** Estudo de revisão, onde foram selecionados 14 artigos nas bases do PubMed, Scielo e Lilacs utilizando o descritor “Síndrome do Ovário Policístico”. Foram incluídos os artigos que abordassem o diagnóstico da SOP em adolescentes e excluídos os publicados antes de 2010, totalizando 8 artigos. **Resultados:** Conforme a revisão realizada, os critérios diagnósticos são pautados em parâmetros adultos. Para confirmar o diagnóstico em adolescentes, são utilizados três critérios de Rotterdam ou quatro dentre: anovulação crônica por mais de dois anos pós-menarca; hiperandrogenismo clínico; hiperandrogenemia; resistência insulínica; PCOM. A avaliação abrange exame físico completo, medição dos níveis séricos de testosterona e identificação da PCOM por ultrassonografia ou ressonância magnética. A característica prevalente em adolescentes é o hiperandrogenismo, já que ciclos irregulares são comuns nos primeiros anos pós-menarca, com prevalência de PCOM nesse período, tornando a SOP um diagnóstico de exclusão e sendo necessário a investigação anterior de outros distúrbios causadores de hiperandrogenismo. **Conclusão:** A dificuldade diagnóstica da SOP reflete o processo de maturação do organismo adolescente. Portanto, destacamos que a falta de protocolo específico para a faixa etária, a falta de padronização do método de medição de testosterona entre instituições, a contraindicação da ecografia transvaginal em adolescentes não sexualmente ativas e o custo da ressonância magnética são fatores que dificultam o reconhecimento desta patologia.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome do ovário policístico, diagnóstico, ovário, adolescente

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul, stephanijbarros@outlook.com

² Universidade de Santa Cruz do Sul, apbackes@mx2.unisc.br

³ Universidade de Santa Cruz do Sul, lydiavhalmann@gmail.com

⁴ Universidade de Santa Cruz do Sul, liapossuelo@unisc.br

⁵ Universidade de Santa Cruz do Sul, fabiana@clinicalumina.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ABORTO ESPONTÂNEO COMO REFLEXO DA PRECARIIDADE DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE

ALMEIDA; Maria Victoria dos Santos¹

RESUMO

Introdução: O aborto espontâneo é uma das intercorrências obstétricas mais comuns durante a gravidez precoce, sendo definido como a expulsão do conceito com menos de 22 semanas de gestação, devido a causas naturais. **Objetivos:** Realizar análise dos dados e perfil epidemiológico relacionados ao aborto espontâneo (CID - O03) em pré-adolescentes com idades entre 10 a 14 anos, segundo unidade de federação e raça, no período correspondido entre 2009 a 2019. **Metodologia:** O estudo se caracteriza como ecológico descritivo, de série temporal, onde foi realizada a coleta de dados no Sistema de Informações de Saúde (TABNET), pela consulta da base de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). A análise epidemiológica foi baseada no período de 2009 a 2019, através da comparação entre números de casos segundo unidade de federação e raça. **Resultados:** O aborto espontâneo na faixa etária entre 10 a 14 anos obteve um total de 15.225 do período compreendido entre 2009-2019, onde o maior número de processamento foi no estado da Bahia, com 1.815 (11,92%) casos, seguido de São Paulo, com 1.665 (10,93) registros. Quando avaliada a variável raça, a raça parda apresentou um maior número, correspondendo a um total de 6.796 (44,63%) casos registrados, seguido da raça branca, 2.237 (14,69%) casos, sendo que houve uma elevada subnotificação da categoria, com 5.616 processamentos (36,88%). **Conclusão:** Do período entre 2009 a 2019, houve um número significativo dos registros de aborto espontâneo durante a pré-adolescência, refletindo na escassez de políticas públicas que visem a prevenção da gravidez precoce. Dessa forma, se faz necessária a sistematização de programas de prevenção da gestação na pré-adolescência, visando, especialmente, a integridade do desenvolvimento infantil e a redução dos riscos obstétricos durante esse período.

PALAVRAS-CHAVE: Aborto, Espontâneo, Gravidez, Precoce



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍNDROME DE HERLYN-WERNER-WUNDERLICH - SÉRIE DE CASOS EM SEGUIMENTO ESPECIALIZADO

NOBRE; Nadiejda Mendonça Aguiar¹, BRUNO; Zenilda Vieira², DIAS; Maria Tereza Pinto Medeiro³, MARQUES; Conceição Soraya Morais⁴, FILHO; Marcelo Praxedes Monteiro⁵

RESUMO

Introdução: A síndrome de Herlyn-Werner-Wunderlich (SHWW) é uma variante rara de anomalias müllerianas caracterizada por útero didelfo, septo hemivaginal e agenesia renal ipsilateral. Geralmente diagnosticada após a menarca devido dismenorreia, dor abdominal e massa pélvica. A ressecção cirúrgica do septo vaginal da hemivagina obstruída é o tratamento de escolha para alívio da dor, prevenindo complicações como endometriose. Sendo rara e complexa, a SHWW em geral é identificada e tratada inadequadamente contribuindo para prognóstico desfavorável. **Relato de Caso:** Quatro adolescentes entre 11 e 14 anos são acompanhadas atualmente no serviço. O tempo de seguimento varia de sete meses a quatro anos. Queixa principal de todas foi dismenorreia, sintoma presente desde a menarca em três delas e uma queixou-se após um ano da menarca. Todas apresentavam útero didelfo, septo vaginal oblíquo (duas à esquerda e duas à direita) e agenesia renal ipsilateral ao septo. Foram diagnosticadas um ano após menarca. Três pacientes foram submetidas à septoplastia. Destas, 2 vinham referenciadas de serviço não especializado. Uma submetida a derivação úterovaginal e inserção de sonda intracavitária em seguida encaminhada ao nosso serviço onde realizou septoplastia. Outra foi puncionada fundo de saco em outro hospital e em seguida encaminhada, realizamos septoplastia com drenagem de abscesso e evoluiu com bacteremia pós operatório sendo tratada com antibiótico endovenoso. A terceira submetida a septoplastia, houve estenose 4 meses pós procedimento sendo necessário nova septoplastia com inserção de molde vaginal por 48 horas. Uma paciente aguarda septoplastia, queixa de dismenorreia mesmo com bloqueio da ovulação. As três já operadas estão assintomáticas. Uma tem atividade sexual há 2 anos sem queixas e as demais adolescentes são virgens. **Comentários:** A raridade da SHWW desfavorece o manejo adequado, ressaltamos que diagnóstico precoce e procedimento cirúrgico efetivo contribuirá com qualidade de vida para essas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Ductos paramesonérficos, Anormalidades urogenitais, Procedimentos cirúrgicos em ginecologia.

¹ Residente Endoscopia Ginecológica da Maternidade Escola Assis Chateaubriand - Universidade Federal do Ceará, nadiejda_@hotmail.com

² Docente titular da Faculdade de Medicina da UFC, zenildavieirabruno@gmail.com

³ Médica assistente Unidade de Adolescentes MEAC-UFC, maitediasmagalhaes@gmail.com

⁴ Graduanda de Medicina pela UFCA, moraisoraya@hotmail.com

⁵ Pós graduando da Universidade São Paulo, contato@drmarcelopraxedes.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TRATAMENTO CIRÚRGICO DE SEPTO VAGINAL OBLÍQUO GUIADO POR ULTRASSOM: RELATO DE CASO

NOBRE; Nadieja Mendonça Aguiar¹, BRUNO; Zenilda Vieira², BEZERRA; Leonardo Robson Pinheiro Sobreira³, NOBRE; Raíssa Débora Mendonça Aguiar⁴, COELHO; Lília Mendes Vieira⁵

RESUMO

Introdução: Os septos vaginais são uma anomalia mulleriana rara. Provavelmente resultado de falha da fusão entre o seio urogenital e os ductos mullerianos. O diagnóstico é feito na adolescência devido obstrução do fluxo menstrual e hematocolpos. Tratamento envolve ressecção cirúrgica do septo e pode ser via vaginal, laparoscópica ou abdominal dependendo da localização e espessura. Apresentamos relato de caso de septoplastia via vaginal por meio de ressecção do septo oblíquo, guiada por ultrassom, objetivando melhorar a visualização intraoperatória dos limites cirúrgicos reduzindo riscos de complicações. **Relato do caso:** Adolescente, 11 anos e seis meses, virgem, apresentou dois meses após a menarca, que ocorreu aos 10 anos e nove meses, dismenorreia intensa progressiva, massa dolorosa em hipogastro, vagina pérvia ao cotonete e no toque retal abaulamento em topografia de útero. Ultrassom pélvico: útero didelfo, hematométrio à direita; dilatação de tuba uterina direita, hematocolpo. Ressonância Magnética da pelve: Além dos achados anteriores, mostrou hidronefrose importante à direita, rim esquerdo vicariante. Realizado toque vaginal e especular sob sedação: abaulamento em fundo de saco vaginal lateral direito. Guiado por ultrassom pélvico, foi inserido agulha grossa com seringa em aspiração, confirmando conteúdo hemático escuro. Realizada ampliação de incisão em septo vaginal com extravasamento de conteúdo hemático espesso e exérese dos bordos do septo. Ao término do procedimento: o ultrassom já mostrou ausência de hematocolpo, hematométrio e dilatação de tuba uterina direita. Ao toque vaginal colo uterino à esquerda pequeno compatível com idade e à direita colo uterino dilatado uma polpa digital e amolecido. **Comentários:** É importante reconhecer o mais cedo possível a doença para prevenir complicações, como endometriose e planejar a septoplastia. O ultrassom intraoperatório foi importante para acompanhar o procedimento e evitar complicações como perfuração de bexiga, reto ou vasos.

PALAVRAS-CHAVE: Ductos paramesonérficos, Anormalidades urogenitais, Procedimentos cirúrgicos em ginecologia, Ultrassonografia de intervenção.

¹ Residente Endoscopia Ginecológica Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará (UFC), nadieja_@hotmail.com

² Docente titular da Faculdade de Medicina da UFC, zenildavieirabruno@gmail.com

³ Docente adjunto da Faculdade de Medicina da UFC, leonardobezerragineco@gmail.com

⁴ Médica pelo Centro Universitário Unichristus, issinha.deb@gmail.com

⁵ Residente Endoscopia Ginecológica Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará (UFC), liliamvcoelho@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O TRATAMENTO DE VULVOVAGINITES MISTAS DE REPETIÇÃO REFRAATÁRIAS AO TRATAMENTO EM ADOLESCENTES: UM RELATO DE CASO

NOGUEIRA; Mariana de Andrade¹, COSTA; Pedro Márcio de Moura², FERREIRA; Luiza Bernardes³, LIMA; Maria Clara Peixoto⁴, GOMES; Demétrio Antônio Gonçalves da Silva⁵

RESUMO

INTRODUÇÃOAs vulvovaginites decorrem da disbiose vaginal, na qual os patógenos promovem infecção. Podem ser específicas ou mistas (diferentes agentes concomitantemente), sendo as mistas mais raras e de difícil manejo terapêutico. RELATO DO CASOSCM, feminino, 16 anos, virgo, relata disúria, prurido vulvar e corrimento vaginal. Prescrito tratamento tópico diário com Cetoconazol 20mg e Betametasona 0,64mg, banhos de assento com Benzidamina 500mg e atenção às vestimentas e alimentação. Exame à fresco, gram, cultura de secreção vaginal e EAS evidenciando cocobacilos, Candida krusei e pH urinário 5,0. Iniciado tratamento diário durante 10 dias com cremes vaginais de 5g de Ácido Bórico 600mg e 5g de Anfotericina B 25mg, com melhora dos sintomas. Novo gram de secreção vaginal, índice de Nugent 4, sugerindo disbiose por Gardnerella vaginalis e candidíase não albicans. Iniciado segundo tratamento diário de probióticos orais e vaginais durante 30 dias, Ácido Bórico 600mg vaginal por 14 dias, Clindamicina oral 1200mg por 10 dias, 1g de Metronidazol 37,5mg/1g creme vaginal por 14 dias, Itraconazol oral 400mg por 3 dias e 200mg por 10 dias e 1g de Clotrimazol 10mg/1g creme vaginal por 10 dias. Paciente está sem sintomas e aguarda conclusão do tratamento em questão para início da fase de manutenção. COMENTÁRIOO tratamento ideal é específico para cada agente etiológico envolvido. Cetoconazol, Betametasona e Benzidamina aliviam sintomas até sua identificação. Anfotericina B é antifúngica e Ácido Bórico atua contra espécies de Candida não albicans e auxilia na ruptura do biofilme bacteriano. Probióticos restabelecem a microbiota protetora e potencializam a terapia específica. Clindamicina e Metronidazol são eficazes contra Gardnerella vaginalis, enquanto Itraconazol e Clotrimazol possuem efeitos antifúngicos. A fase de manutenção do tratamento visa evitar remissões do quadro. Existem inúmeras opções medicamentosas e etapas de evolução, tornando imprescindível o conhecimento acerca do tratamento das vulvovaginites mistas de repetição.

PALAVRAS-CHAVE: Vulvovaginite, Candidíase vulvovaginal, Vaginose bacteriana.

¹ Universidade Católica de Brasília, anogmariana@hotmail.com

² Universidade Católica de Brasília, pedro.moura.costa0205@gmail.com

³ Universidade Católica de Brasília, lbernardesf98@gmail.com

⁴ Universidade Católica de Brasília, maria.cl@sempreceub.com

⁵ Centro Universitário de Brasília, demetrioconcalves@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE DAS GESTAÇÕES ECTÓPICAS EM ADOLESCENTES EM UMA MATERNIDADE DO EXTREMO NORTE DO PAÍS

PIRES; Ana Carolina Gonçalves¹, LINS; Cynthia Dantas de Macedo², NÓBREGA; Iselena Claudino Bernardes de³, OLIVEIRA; Thaisa Ribeiro de⁴, SILVA; Vitória Santos⁵

RESUMO

Introdução: gravidez ectópica é a implantação e o desenvolvimento do blastocisto fora do endométrio da cavidade uterina, sendo o sítio mais comum a tuba uterina (95-98%). **Objetivos:** evidenciar o perfil das adolescentes diagnosticadas com gravidez ectópica, bem como as principais condutas e desfechos na abordagem desses casos. **Métodos:** trata-se de um estudo observacional, transversal, retrospectivo e quantitativo com adolescentes diagnosticadas com gravidez ectópica e internadas na única maternidade pública do estado de Roraima, nos anos de 2017 e 2018. Após aprovação do comitê de ética e pesquisa local, foram analisados 14 prontuários, sendo os dados coletados com o auxílio de um questionário. **Resultados:** a idade das adolescentes variou entre 15 e 19 anos, com média de 17,9 anos, e 64,2% era procedente da capital do estado. A maioria era primigesta (66,6%) e, entre as secundigestas e tercigestas, nenhuma tinha história de gravidez ectópica anterior. Quanto à localização do tecido trofoblástico ectópico, em 92,9% dos casos estava localizado nas tubas uterinas e 7,1% nos ovários. No momento do diagnóstico, 85,7% das gestações ectópicas estavam rotas e, em algum momento da internação, 35,7% das pacientes precisaram de transfusão de hemoderivados. Em todos os casos, a opção terapêutica escolhida foi cirúrgica, por via laparotômica. A salpingectomia foi a abordagem mais utilizada (92,8%) e em 14,2% dos casos houve registro de dificuldade cirúrgica devido a aderências pélvicas. O período médio de internação foi de 3,5 dias. Nenhum óbito foi registrado. **Conclusão:** apesar do pequeno número de pacientes adolescentes com gestação ectópica, é importante o conhecimento sobre o assunto para que melhorias na assistência sejam implementadas. O diagnóstico com evidência de rotura impossibilita a instituição de tratamento conservador, que preserve o futuro reprodutivo de pacientes tão jovens, e aumenta o risco de complicações, como por exemplo, a necessidade de hemotransfusão e o tempo de internação.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez, gravidez na adolescência, gravidez ectópica, primeiro trimestre da gravidez

¹ Universidade Federal de Roraima, carolpirescarol@gmail.com

² Universidade Federal de Roraima, cynthiadmacedo@yahoo.com.br

³ Universidade Federal da Paraíba, iselenacb@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Roraima, ribeirothaisa14@gmail.com

⁵ vitoriasantossilva496@gmail.com, vitoriasantossilva496@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E DESFECHO DA GESTAÇÃO DAS ADOLESCENTES NO BRASIL (2013 A 2017)

WONG; Ana Clara Tavares¹, SANTOS; Lacerda Isabel Maria², MAIA; MONTEIRO Denise Leite³, BENAC; CAVALCANTE Mateus⁴, FORTUNATO; AUAR Daniela⁵

RESUMO

Introdução: O perfil e o desempenho obstétrico da adolescente grávida podem apresentar diferenças em função da idade. **Objetivos:** Avaliar escolaridade, estado civil, tipo e duração do parto nos grupos (10-14 e 15-19 anos), no período de 2013-2017. **Métodos:** Estudo de corte transversal por busca no banco de dados do DATASUS, com base nas declarações de nascidos-vivos do SINASC. **Resultados:** Observou-se que enquanto 96.949 (76,5%) de meninas de 10-14 anos e 1.541.798 (62%) de 15-19 anos são solteiras, as casadas representam 29.777 (23,5%) entre 10-14 anos e 945.002 (38%) de 15-19 anos. Inclusive, 1.405 adolescentes já são viúvas: 18 (0,01%) entre 10-14 anos e 1.387 (0,05%) entre 15-19 anos. Na variável escolaridade, 87.676 (70%) das mães de 10-14 anos estudam até 7 anos e 38.137 (30%) estudam mais de 7 anos. Já entre 15-19 anos, 800.161 (32%) estudam até 7 anos e 1.670.666 (68%) mais de 7 anos. O parto vaginal ocorreu nas mães entre 10-14 anos em 74.934 (61,7%) e entre 15-19 anos em 1.439.326 (59,7%), que superaram as cesáreas com taxa de 66.529 (38,3%) nas mães entre 10-14 anos e 973.008 (40,3%) entre 15-19 anos. Em 1.984 adolescentes a gestação foi interrompida com menos de 22 semanas. Os prematuros (entre 22-36 semanas) foram 22.395 (18,4%) em meninas de 10-14 anos e 310.255 (13%) naquelas entre 15-19 anos. Os partos a termo foram (37-41 semanas), 941.444 (77,4%) entre 10-14 anos e 2.005.720 (83,1%) de 15-19 anos. A pós-maturidade representa 4% de ambos os grupos. **Conclusão:** A maioria das mães adolescentes é solteira, mas observa-se alta taxa de casamento infantil e até viúvas especialmente entre 15-19 anos. A escolaridade é proporcional à idade, mas há defasagem escolar. O parto normal é frequente em ambos os grupos e a taxa de prematuridade é alta, principalmente no grupo mais jovem.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez, Adolescência, Prematuridade, Perfil

¹ Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), anaclarawong@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), isabelmlacerda@gmail.com

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denimonteiro2@yahoo.com.br

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mateusbenac@gmail.com

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), danielafortunato@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A ADOLESCÊNCIA COMO FATOR DE PREMATURIDADE

LACERDA; Isabel Maria Santos¹, MAIA; MONTEIRO Denise Leite², TAVARES; WONG Ana Clara³, BAPTISTA; TRAJANO Alexandre José⁴, DIAS; DE MIRANDA Fátima Regina⁵

RESUMO

Introdução: A prematuridade ainda é um desafio para a sociedade, em especial na adolescência. Sua alta incidência traz consequências sociais e médicas tanto para as mães quanto para seus filhos. A adolescência vem sendo relacionada à realização inadequada do pré-natal, com menor número de consultas e início tardio do acompanhamento, o que está diretamente relacionado com a ocorrência de parto prematuro. **Objetivos:** Avaliar a taxa de prematuridade na adolescência no ano de 2018. **Métodos:** Estudo epidemiológico, com desenho transversal, realizado por busca de informações no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e no Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). Gestantes de 10-14 e 15-19 anos foram comparadas com as de 20-34 anos. Excluiu-se as informações dos registros do SINASC com idade gestacional inferior a 22 semanas e calculou-se a frequência de prematuridade em cada grupo etário. **Resultados:** No Brasil, em 2018, o número total de recém-nascidos de mães entre 10-14 anos foi 20.609. Desse total, 3.658 (17,7%) foram pré-termo, com nascimento entre 22-36 semanas de gestação. Entre 15-19 anos ocorreram 426.866 partos, sendo 52.519 (12,3%) prematuros. daquelas entre 20-34 anos, obteve-se 2.001.737 partos, sendo 205.831 (10,3%) prematuros. Comparando mães entre 10-14 anos com as de 20-34 anos, observou-se que a taxa de prematuridade entre as adolescentes de 10 a 14 anos foi 71,8% maior ($p < 0,001$). Em relação às mães entre 15-19 anos, a taxa de prematuridade foi 19,4% maior do que o grupo controle ($p < 0,001$). **Conclusão:** A gravidez da adolescente parece cursar com maior taxa de prematuridade do que as mulheres entre 20-34 anos, de forma mais evidente no grupo com menos de 15 anos de idade

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Prematuridade, Gestação

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), isabelmlacerda@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denimonteiro2@yahoo.com.br

³ Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), anaclarawong@gmail.com

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), trajanouerj@gmail.com

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), famiranda2@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O IMPACTO DOS CONTRACEPTIVOS ORAIS COMBINADOS DE BAIXA DOSE NA DENSIDADE MINERAL ÓSSEA DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

ZAMBELLI; Letícia de Oliveira¹, SILVEIRA; Anna Carolina Bovareto², MAIA; Maria Eduarda Dias³, RONZANI; Alexandre Cesar Della Garza⁴

RESUMO

Introdução: Os contraceptivos são prescritos em idades cada vez menores para impedir gravidez não intencional. Sabe-se que 92% da massa óssea total são adquiridos até aproximadamente 18 anos de idade, principalmente após 3 anos da menarca. Diante do exposto, a utilização de contraceptivos orais combinados (ACOs) e seu impacto na massa óssea na adolescência demonstrado pela densitometria têm sido estudados. **Objetivos:** Dimensionar o impacto do uso de ACOs sobre o metabolismo ósseo durante a adolescência. **Métodos:** Foi realizada uma revisão sistematizada de literatura utilizando as bases de dados Scielo e PubMed, com os descritores: “adolescence”, “bone mineralization”, “combined oral contraceptives” e suas variações no Mesh. Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram estudos publicados nos últimos 10 anos, relacionados a adolescentes mulheres, diretamente associados ao tema. Dentre os 3581 estudos encontrados, 5 fizeram parte desse trabalho. **Resultados:** Estudos recentes sugerem que o uso de ACOs com baixa dose de estrogênio (20 µg), a longo prazo, interfere no alcance do pico de massa óssea. Vale ressaltar que os progestogênios também influenciam nesse impacto por apresentarem receptores em osteoblastos e osteoclastos, cuja ativação resulta em remodelação óssea antecipada. Rizzo et al. evidenciou aumento de 3,8% de densidade mineral óssea (DMO) nas adolescentes que não utilizaram ACOs, enquanto as que fizeram uso tiveram aumento de apenas 2,3%. Concomitantemente, Ziglar et al. demonstrou diminuição de 10% da DMO no colo do fêmur nas usuárias de ACOs. Ademais, as concentrações séricas dos marcadores ósseos fosfatase alcalina e osteocalcinina apresentaram redução de 20 a 37% e 40 a 86%, respectivamente, após 12 meses do uso de ACOs. **Conclusão:** Estudos com uma maior amostra de adolescentes e o acompanhamento dessas por um tempo prolongado é necessário para melhor entender os efeitos dos ACOs sobre os biomarcadores de massa óssea e formação óssea.

PALAVRAS-CHAVE: Contraceptivos Orais Combinados, Densidade Mineral Óssea, Adolescentes

¹ Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, leticiaozambelli@gmail.com

² Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, carolbovaretos@gmail.com

³ Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, maiamaria140@gmail.com

⁴ Hospital e Maternidade Therezinha de Jesus, acronzani@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AS IMPLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DA GRAVIDEZ E DA DEPRESSÃO NAS ADOLESCENTES

SOLIZ; Sophia Orellana ¹

RESUMO

Introdução: no mundo uma a cada seis adolescentes ficam grávidas e podem reincidir em média 50% dos casos dentro de dois anos. Sabe-se que a gênese deste problema público está apoiada em diversos fatores de riscos, que podem influenciar ou corroborar a gravidez precoce, sendo uma delas a presença ou o histórico de depressão nessa faixa etária. **Métodos:** a revisão bibliográfica foi escolhida para a realização deste trabalho, que consultou artigos científicos de 2005 a 2020, utilizando como base de dados PubMed e Scielo. **Objetivo:** O intuito deste trabalho é verificar a correlação entre depressão e gravidez na adolescência e suas implicações. **Resultados:** a depressão nas adolescentes grávidas e puérperas surge como resultado de diversos fatores como menor escolaridade, menor status socioeconômico, gravidez indesejada, menor rede de apoio, episódios anteriores de depressão e exposição à violência, sendo os últimos três fatores fortes preditores da depressão pós parto. A literatura traz que 50% das mães adolescentes podem ter sintomas moderados a severos de depressão até um ano após o parto. Além disso, notou-se que a presença de depressão em mães adolescentes é um fator que aumenta 40% a chance de uma nova gravidez dentro de dois anos. Assim, a continuação da depressão no pós parto pode levar a uma gravidez subsequente e a um ciclo de depressão e múltiplas gestações. Além do risco da reincidência a depressão materna pode implicar em outras consequências como má adesão ao pré-natal, maior consumo de álcool e outras drogas, descuido do autocuidado, prematuridade, baixo peso ao nascer e em casos extremos infanticídio e suicídio materno. **Conclusão:** apesar de existir uma correlação entre depressão, gravidez e suas implicações na adolescência, são necessários mais estudos para compreender essa gênese e assim poder elaborar políticas publicas mais direcionadas ao combate deste problema de saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Saúde Pública, Depressão, Saúde Mental

¹ Universidade São Francisco, sophia.134.sos@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TRANSMISSÃO DE VERRUGAS ANOGENITAIS EM CRIANÇAS E ASSOCIAÇÃO COM ABUSO SEXUAL

FERREIRA; Ana Beatriz Santos¹, FERREIRA; Pâmella Aragão Macêdo²

RESUMO

Introdução: As verrugas anogenitais são causadas pelo papilomavírus humano (HPV), transmitidas principalmente por via sexual. Relatos médicos indicam um aumento do acometimento das lesões HPV transmitidas na criança e as relações com o abuso sexual se tornam imprescindível de analisar. **Objetivos:** Avaliar a prevalência de verrugas anogenitais em crianças, especialmente meninas, e a relação com o abuso infantil, bem como descrever a melhor alternativa terapêutica. **Métodos:** Trata-se de uma revisão da literatura científica, baseada em dados do Journal of the American Academy of Pediatrics, LILACS e SciELO. Foram selecionados apenas os artigos que atendiam ao objetivo proposto sobre o tema, abordando os anos de 2005 a 2015. Foram excluídos revisões de literatura e editoriais. **Resultados:** Com o levantamento das pesquisas mais recentes, foi apontado que a doença é mais frequente em meninas, a média de idade foi a partir de quatro anos e a localização mais acometida foi a região perianal. Estudo realizado por Sinclair KA et al., envolvendo 124 crianças portadoras de HPV, destacou que lesões anogenitais e laríngeas tem valor preditivo positivo de 36% para possível abuso dos 4-8 anos e de 70% acima de 8 anos. Em relação à terapêutica, pesquisas apresentaram resposta satisfatória com o uso do Imiquimode creme a 5%, com regressão total das lesões, mostrando ser seguro no tratamento. **Conclusão:** A probabilidade da infecção pelo HPV se decorrer do abuso sexual aumenta com a idade da criança, porém verrugas anogenitais nos dois primeiros anos de vida se associam mais com outras modalidades de transmissão. Contudo, ainda assim, o abuso sexual não deve ser descartado. A escolha terapêutica deve ser individualizada, dando preferência a tratamentos tópicos, menos agressivos e que cause menos sequelas. Vale destacar que é imprescindível examinar a criança e seus responsáveis em busca de lesões, além de solicitar sorologias para investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso, Criança, Verrugas.

¹ Unifacs-Universidade Salvador, anabeatriz2101@hotmail.com

² Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, pamellavedas@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AS DIFICULDADES DA GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E O USO DE PSICOFÁRMACOS: UM RELATO DE CASO

PEREIRA; Leticia de Alcântara¹, BINDA; Patrícia Roberta De Vicente²

RESUMO

Introdução: A gravidez é uma condição que traz diversas consequências na vida de uma adolescente, tanto dos pontos de vista social e biológico, quanto do psicológico. O objetivo, portanto, é relatar a experiência de uma adolescente gestante e discutir como suas condições psicossociais e o uso de psicofármacos poderiam ser manejados. **Relato do Caso:** Primigesta de 16 anos, branca, desempregada, escolaridade 7º ano do Ensino Fundamental, em relacionamento de 8 meses com parceiro de 23 anos, com 12 semanas e 5 dias de uma gestação não planejada, vem a serviço público de gestação de alto risco de cidade do interior do Paraná para primeira consulta de pré-natal. Tabagista há quatro anos, fumava 1 carteira/dia mas relata ter diminuído para 5 cigarros/dia e também ter parado de beber quando soube da gravidez. Paciente relata que fazia uso de medicamentos para depressão (Sertralina e Haloperidol) há 1 ano, devido a nervosismo após separação dos pais e alguns episódios de automutilação. Entretanto, decidiu parar de tomá-los devido à gravidez, gerando reincidência de crises de nervosismo. Foram dadas orientações nutricionais, vitamínicas e de rotina e discutiu-se a necessidade de retomar suas medicações ou trocá-las. **Comentários:** A literatura ainda não estabeleceu a segurança exata do uso de psicofármacos durante a gestação, porém há estudos que apontam para fármacos menos teratogênicos que poderiam ser utilizados. Assim, é imprescindível verificar se os riscos desse tratamento superam os benefícios, afinal cessar abruptamente o tratamento também pode ser maléfico à paciente. Na literatura, tem-se como seguros na gestação o uso de Nortriptilina ou Sertralina como antidepressivos, e do Haloperidol, como antipsicótico. Ademais, também há opções fitoterápicas eficazes que poderiam ser uteis, além de acompanhamento com psicoterapeuta. Portanto, as perspectivas científicas, os benefícios e riscos devem ser apresentados e discutidos com a paciente para proporcionar-lhe um melhor desfecho clínico.

PALAVRAS-CHAVE: Ginecologia, Obstetrícia, Gravidez na adolescência, Gravidez de Alto Risco, Psicotrópicos.

¹ Faculdades Pequeno Príncipe, leticia_alpereira@hotmail.com

² Universidade do Oeste Paulista, prvbinda@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RELATO DE CASO RARO DE CÂNCER CERVICAL INVASIVO E AVANÇADO EM ADOLESCENTE

FERNANDES; Henrique Hott¹, OLIVEIRA; Isabela Grippa Mendes², DUARTE; Lígia Machea³, ALMEIDA; Luisa Viana de⁴, MENDES; Thamires Garcia Rocha⁵

RESUMO

Introdução: O câncer de colo de útero é o terceiro tumor maligno mais freqüente em mulheres, entretanto sua incidência representa menos de 1% em adolescentes, sendo pouco detectável pelo rastreamento tradicional e mais agressivo nessa faixa etária. **Relato de caso:** Caso raro de câncer cervical invasivo e avançado em adolescente, 19 anos, queixa de dor abdominal e corrimento vaginal há seis meses. Ausência de comorbidades, gesta zero e história negativa de rastreio regular para câncer de colo uterino. Ao exame físico, vulva sem lesões, exame especular com lesão vegetante necrótica, ocupando todo o colo de útero e fórnice posterior e lateral esquerdo, medindo 7 cm com extensão para vagina posterior. Toque vaginal com colo grande endurecido e toque retal apresentando colo grande e lateral à esquerda, paramétrios esquerdo e direito comprometidos. Análises histopatológicas confirmaram carcinoma invasivo de células escamosas pouco diferenciado. Propedêutica seguida com Ressonância Magnética, determinando estadiamento de FIGO (2018) IIIB. Optou-se por tratamento com quimiorradioterapia e braquiterapia. Dado o caráter agressivo do tumor, um ano após tratamento clínico foi evidenciada recidiva pélvica irrissecável, comprometendo bexiga e ureter e colpocitologia oncótica negativa. Atualmente, paciente em acompanhamento e tratamento clínico com quimioterapia paliativa, sem evidência de melhora e com progressão pélvica e hepática da doença. **Comentários:** Há limitação de estudos acerca do tema, uma vez que o quadro epidemiológico difere-se da maioria dos casos, sendo um raro relato de câncer cervico-uterino agressivo e com metástases em adolescente que culminou em prognóstico ruim. Assim, é fundamental o investimento em novas pesquisas sobre a saúde reprodutiva desta população, bem como o reforço da educação na saúde sexual, visto que o diagnóstico e tratamento precoces são essenciais para um desfecho favorável.

PALAVRAS-CHAVE: Carcinoma cervical, agressivo, adolescentes,

¹ Hospital Márcio Cunha, henriquehott@gmail.com.br

² Ipatinga-MG, isabelagrippa@gmail.com

³ Instituto Metropolitano de Ensino Superior, ligia.machea@gmail.com

⁴ Ipatinga-MG, luisa.viana@hotmail.com

⁵ Instituto Metropolitano de Ensino Superior, thamisgarci97@gmail.com.



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA BENIGNA DO OVÁRIO EM PORTO ALEGRE, DE 2009 A 2019: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO.

PATATT; Júlia¹, FRIDMAN; Isabela Zoppas², VIEIRA; Vivian Liz de Medeiros³, D'ARISBO; Alice Wichrestiuik⁴, BENDER; Carolina Leal⁵

RESUMO

Introdução: Os tumores benignos do ovário são aglomerados de células semelhantes à de tecidos vizinhos as quais não os infiltram, e não se propagam à distância. Anatomicamente, é possível diferenciar dois: os cistos e os tumores sólidos, esses menos comuns. Diversos fatores estão relacionados ao risco de desenvolver a doença. Dentre eles, histórico familiar, idade, obesidade e histórico reprodutivo. Essa patologia possui alta taxa de internações entre 0 a 19 anos em Porto Alegre (RS) se comparada às duas outras capitais da região Sul, Florianópolis (SC) e Curitiba (PR). O aumento pode estar associado ao diagnóstico precoce, mas não há um consenso na literatura. **Objetivo:** Analisar, epidemiologicamente, as internações de crianças e adolescentes por neoplasia benigna do ovário em Porto Alegre (RS). **Metodologia:** Realizado revisão da literatura no PubMed, Scielo e Instituto Nacional do Câncer, além do levantamento de dados epidemiológicos pelo DataSus. **Resultados:** Na análise feita no período de 2009 a 2019, ocorrem 43 internações em Porto Alegre na faixa etária de 0 a 19 anos. Contudo, cabe ressaltar que essa neoplasia é raramente diagnosticada em mulheres com idade inferior aos 40 anos. A faixa etária que apresentou mais internações foi dos 15 aos 19 anos, com 46,5% do total de casos. Em relação ao regime utilizado nas internações, observou-se que 68% das internações foram pelo SUS e 44,2% tiveram caráter de urgência no atendimento. Se comparados às três capitais da região Sul, Porto Alegre apresenta 54% a mais de internações. **Conclusão:** Evidenciamos um panorama epidemiológico dos casos de neoplasia benigna do ovário em Porto Alegre, no qual foi identificada a maior incidência de internações entre crianças e adolescentes entre as capitais da região Sul. Acredita-se que os dados estatísticos e as projeções são fundamentais para orientar decisões e possibilitar planejamentos na prevenção, no controle e na busca do tratamento da patologia estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Análise. Faixa etária. Neoplasia.

¹ Universidade Luterana do Brasil, juliapatatt@rede.ulbra.br

² Universidade Luterana do Brasil, isabelazf@gmail.com

³ Universidade Luterana do Brasil, vivianliz2011@hotmail.com

⁴ Universidade Luterana do Brasil, alicewdarisbo@rede.ulbra.br

⁵ Universidade Luterana do Brasil, carolinalealbender@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PROGNÓSTICO E TRATAMENTO DO RABDOMIOSSARCOMA EMBRIONÁRIO VAGINAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

LUCAS; Guilherme Augusto Moreira¹, GONÇALVES; Marcel Arthur Cavalcante², FERREIRA; Lyzandra Caroline de Sousa³, LEITE; Alessandra Placido Lima⁴, CHAVES; José Humberto Belmino⁵

RESUMO

Introdução: O rabdomiossarcoma (RMS) é o sarcoma de tecidos moles mais frequente na infância, advindo de células mesenquimais que posteriormente diferenciam-se em células musculares estriadas podendo surgir em qualquer parte do corpo. No trato geniturinário, grande parte dos rabdomiossarcomas são do subtipo embrionário, sendo a vagina uma localização comum e com prognóstico favorável. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é apresentar uma revisão narrativa da literatura sobre o tratamento e prognóstico do rabdomiossarcoma embrionário vaginal, baseada em publicações da última década com os tópicos mais relevantes do tema. **Metodologia:** Revisão narrativa que utilizou publicações virtuais e bibliográficas a partir de 2009, por meio as bases de dados do SCIELO e PUBMED. **Resultados:** Quanto ao tratamento do RMS, a conduta é multidisciplinar, aplicando-se quimioterapia, cirurgia e radioterapia, as indicações são adotadas dependendo da localização do tumor, tamanho, subtipo histológico, estadiamento e estratificação de risco. A cirurgia radical inicial não é indicada para o rabdomiossarcoma vaginal, e a cirurgia conservadora com quimioterapia primária e radiação para doença residual (Grupos II ou III), possui elevados índices de sobrevida de 5 anos. O prognóstico do RMS associa-se à histologia, idade do paciente, local de origem, diâmetro principal do tumor, ressecabilidade, envolvimento linfonodal, administração de radioterapia em casos específicos e características biológicas distintas de células tumorais. Dos subtipos histológicos do rabdomiossarcoma, o embrionário detém melhor prognóstico. A radioterapia é realizada em quase todos os pacientes pós cirurgia, exceto aqueles sem evidência de doença microscópica após retirada do tumor, devendo-se realizar quimioterapia nesses casos. As principais complicações a longo prazo da terapia local prejudicam as funções geniturinárias e digestivas, além da sexualidade e fertilidade. **Conclusão:** É altamente desejável e necessário estudos minuciosos de pacientes com rabdomiossarcoma para um maior conhecimento da doença, visto que a doença permanece carente de algumas áreas de atualização.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras-chave: Rabdomiossarcoma embrionario, Neoplasia, Tratamento, Prognóstico.

¹ Centro Universitário CESMAC, guilhermegustos@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas, marcel.goncalves@famed.ufal.br

³ Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, lyzandracs@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Alagoas, alessandraleite@famed.ufal.br

⁵ Universidade Federal de Alagoas, jhbchaves@uol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

LÍQUEN ESCLEROSO E DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DE ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

GONÇALVES; Marcel Arthur Cavalcante¹, LUCAS; Guilherme Augusto Moreira², CHAVES; José Humberto Belmino³, LEITE; Alessandra Plácido Lima⁴, FERREIRA; Lyzandra Carolyne de Sousa⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: O líquen escleroso (LE) conceitua-se como uma doença inflamatória crônica, multifatorial, com causa autoimune e predileção pela área anogenital, ocorrendo comumente em meninas pré-púberes. O Líquen Escleroso Vulvar (LEV) é um diagnóstico diferencial de traumatismo vulvar, que tem sido descrito como a condição cutânea mais comum confundida com abuso sexual. **OBJETIVOS:** Relacionar a avaliação do líquen escleroso com o diagnóstico diferencial de abuso sexual na infância. **METODOLOGIA:** Estudo realizado através de revisão sistemática da literatura, utilizando a estratégia de busca: lichen sclerosus AND children AND sexual abuse. Foram utilizadas as bases de dados PubMed, MEDLINE e LILACS, no período de 1989 a 2019. Foram analisados os títulos e resumos de 81 artigos e, destes, eliminados 71, os quais não relacionavam-se com o tema, assim como revisões de literatura e dissertações. Os 10 artigos escolhidos tratavam-se de 1 coorte e 9 séries de casos. **RESULTADOS:** Em 93 pacientes, levantou-se suspeita de líquen escleroso relacionado a abuso sexual e, em três delas, foram confirmados tanto o abuso quanto a presença do LE. O trauma vulvar e o aumento da infecção relacionados ao abuso sexual podem agir como desencadeadores para a formação do líquen escleroso, ligado à Koebnerização (LE na pele cicatrizada ou lesionada). A idade das pacientes variou entre 3 e 13 anos, a clínica incluía prurido, irritação local, disúria, sangramento, constipação, pele atrófica e descoloração branca da pele delimitada na área anogenital. **CONCLUSÃO:** Embora na maioria dos casos não tenha sido confirmada associação entre abuso sexual e LEV, em três deles ocorreu essa relação, demonstrando a importância de investigar detalhadamente a história da paciente visando o cuidado e proteção à saúde sexual e psicossocial. Ademais, a despeito da suspeita de abuso sexual isolado ou associado ao LEV, exige laudo médico pericial para que sejam tomadas medidas cabíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Líquen escleroso e atrófico, criança, abuso sexual na infância.

¹ Universidade Federal de Alagoas, marcel.goncalves@famed.ufal.br

² CESMAC, guilhermegustos@gmail.com

³ Universidade Federal de Alagoas, jhbchaves@uol.com.br

⁴ Universidade Federal de Alagoas, alessandraleite@famed.ufal.br

⁵ Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, lyzandracs@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SAÚDE E DIVERSIDADE: O ACESSO DE ADOLESCENTES LÉSBICAS E BISSEXUAIS AO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

NÓBREGA; Iselena Claudino Bernardes¹, RODRIGUES; Marcos Antonio Coutinho Costa²

RESUMO

INTRODUÇÃO: os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) garantem o direito de acesso a todos os seus serviços para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Na Medicina do Adolescente, existem recomendações para jovens sexualmente ativos, entretanto, para adolescentes lésbicas e bissexuais há pouca literatura. A saúde de adolescentes LGBT vem ganhando espaço, embora a dificuldade em lidar com a diversidade ainda esteja presente. **OBJETIVOS:** explicar conteúdo literário acerca do acesso de adolescentes lésbicas e bissexuais aos serviços do SUS. **MÉTODOS:** trata-se de uma revisão de literatura, entre os anos de 2013 e 2019, acerca do tema. **RESULTADOS:** muitas adolescentes acreditam que, por se relacionarem sexualmente com outras mulheres, as medidas de prevenção para doenças ginecológicas são prescindíveis. Entretanto, em relação à saúde sexual e transmissão de infecções sexualmente transmissíveis, a contaminação pode ser possível através do contato com pele ou secreção, sem que haja penetração peniana. Diante da condição social heteronormativa e a fim de diminuir essa realidade, é relevante que os profissionais de saúde estejam cientes da orientação sexual de cada mulher e ofereçam um atendimento respeitoso. Desafios na reestruturação de serviços, rotinas e procedimentos na rede do SUS serão relativamente fáceis de serem superados, quando comparados ao preconceito e discriminação, pois estes requerem, de cada um e do coletivo, mudanças de valores baseadas no respeito às diferenças. **CONCLUSÃO:** a garantia de acesso aos serviços de saúde com qualidade e de modo não discriminatório deve ser uma realidade universal. Profissionais de saúde devem acolher com respeito e abordar questões específicas do cuidado à saúde da população LGBT, com maior destaque às adolescentes. Alternativas para melhor atenção seriam criação de centros especializados em adolescentes com abordagem multidisciplinar, implementação de ambulatório transdisciplinar de diversidade sexual e de gênero, bem como, reconhecimento dessa temática pelos currículos de Medicina no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Ginecologia, adolescente, homossexualidade, sistemas de saúde, sexualidade.

¹ Universidade Federal da Paraíba, iselenacb@gmail.com

² Universidade Federal de Roraima, mcoutinhofrr@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANTICONCEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: USO DE LARC COMO PRIMEIRA ESCOLHA

NÓBREGA; Iselena Claudino Bernardes¹, RODRIGUES; Marcos Antonio Coutinho Costa²

RESUMO

INTRODUÇÃO: conhecimento sobre métodos contraceptivos e riscos advindos de relações sexuais desprotegidas é fundamental para que adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, sem a ocorrência de gravidez indesejada. **OBJETIVO:** explicar conteúdo literário acerca do uso de métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (em inglês, Long-Acting Reversible Contraception – LARC) como primeira escolha de anticoncepção na adolescência. **MÉTODOS:** trata-se de uma revisão de literatura acerca do tema entre os anos de 2006 e 2019. **RESULTADOS:** a gravidez na adolescência pode ser resultado de fatores sociais, desinformação, falta de acesso a serviços específicos para a faixa etária, início cada vez mais precoce de experiências sexuais e insegurança em utilizar métodos contraceptivos. Emprego de métodos contraceptivos com pequena diferença do índice de Pearl, facilidade de uso e cujo resultado independa da usuária constitui uma abordagem para redução dessa realidade. Atualmente denominados LARC, os dispositivos intrauterinos (DIU) e os implantes subdérmicos tem baixa prevalência de uso, pois são pouco conhecidos pelas adolescentes, tem custo inicial elevado e prescrição médica resistente. Em 2007, o comitê do American College of Obstetricians and Gynecologists considerou os DIU como métodos de primeira linha em adolescentes, nulíparas ou não. A Organização Mundial da Saúde também apoia o uso, sendo considerado critério de elegibilidade 2 para essa faixa etária. **CONCLUSÃO:** sexualidade na adolescência é tema importante e profissionais de saúde devem garantir uma assistência de qualidade ao respeitar a autonomia da usuária, oferecer informações e acompanhar adequadamente. Apesar da excelente relação custo-benefício em longo prazo, o alto custo inicial dos LARC frequentemente dificulta o acesso a adolescentes dependentes dos serviços públicos de saúde, sendo ainda um desafio no Brasil. Assim, mais políticas públicas que invistam em saúde reprodutiva de adolescentes devem ser estimuladas a fim de reduzir os índices de gravidez indesejada e suas consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Ginecologia, adolescente, anticoncepção, saúde reprodutiva, sexualidade.

¹ Universidade Federal da Paraíba, iselenacb@gmail.com

² Universidade Federal de Roraima, mcoutinhofrr@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERNAÇÃO POR ABORTO EM ADOLESCENTES

COSTA; Julie Teixeira da ¹, MONTEIRO; Denise Leite Maia², CAVALCANTE; Mateus Benac ³, LACERDA; Isabel Maria Santos⁴, AUAR; Daniela Fortunato ⁵

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública, com repercussões no binômio materno-fetal e interferência no processo educacional e socioeconômico. Sua real frequência é subnotificada, pois é avaliada pelo número de nascidos vivos, não sendo possível contabilizar o número total de abortos e óbitos fetais. Como o Ministério da Saúde disponibiliza o quantitativo de internações decorrentes de abortamentos no SUS, torna-se possível avaliar os casos que necessitaram internação. **Objetivo:** Analisar os principais motivos de internação por aborto no Brasil em 2018. **Métodos:** Levantamento de dados de internações por aborto de adolescentes de 10 a 19 anos. As informações dos dados registrados no período de 2018 foram coletadas no sistema de informação Tabnet/ DATASUS do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). **Resultados:** O total de internações por aborto de adolescentes de 10-19 anos foi de 27.811. Destas, 14.215 internações foram descritas como por aborto espontâneo, 276 por razões médicas e 13.320 referente a outras gravidezes que terminaram em aborto. Desse total, foram analisados os dados referentes a meninas de 10 a 14 anos, verificando-se o registro de 1.833 internações por aborto no ano de 2018, sendo 961 por aborto espontâneo, 62 por razões médicas e 810 referente a outras gravidezes que terminaram em aborto. A maioria dos casos ocorre no Nordeste, seguido do Sudeste, Norte, Sul e Centro-Oeste, com exceção do grupo de Outras gravidezes, na qual o Sudeste apresenta o maior número de casos. **Conclusão:** Embora não seja possível conhecer a real frequência de abortos, estes dados apontam para alta ocorrência em nossa população de jovens. Mesmo com a progressiva melhora na qualidade dos dados do SIH e do acesso às informações de atendimento do setor de saúde, a informação sobre as adolescentes que não procuraram atendimento são desconhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Aborto, Adolescente e Gravidez

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), julieteixeira.uerj@gmail.com
² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denimonteiro2@yahoo.com.br
³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mateusbenac@gmail.com
⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), isabelmslacerda@gmail.com
⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), danielafortunato@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ADOLESCENTES CARDIOPATAS E SUAS IMPLICAÇÕES GESTACIONAIS

ALBUQUERQUE; Larissa Mayara Aristóteles de¹, NÓBREGA; Iselena Claudino Bernardes²

RESUMO

Introdução: a associação entre cardiopatia e gestação é uma causa importante de morbimortalidade materna. No Brasil, a principal etiologia ainda é cardiopatia reumática. **Objetivos:** determinar as características epidemiológicas, clínicas e obstétricas das adolescentes cardiopatas internadas na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Obstétrica de uma maternidade referência no Nordeste do país. **Métodos:** trata-se de um estudo de coorte retrospectivo, entre 2012 e 2015, com puérperas adolescentes com diagnóstico de cardiopatia. Foram analisados 13 prontuários, sendo coletados dados pessoais, clínicos e obstétricos, bem como os desfechos das gestações. **Resultados:** a idade das participantes variou entre 15 e 19 anos, com média de 17,4 anos; a maioria se declarou parda (72,3%), solteira (69,2%) e procedente do Recife e região metropolitana (53,8%). O pré-natal foi realizado por todas, sendo seis a média de consultas. A maioria era primípara (76,9%) e apresentava comorbidades associadas (69,2%). Durante a gestação, 53,8% recebeu avaliação cardiológica e 92,3% realizou ecocardiograma, sendo a média da fração de ejeção de 57,7%. Quanto à etiologia da doença cardíaca, 46,1% portava doença congênita, 38,5% adquirida (todas reumáticas) e 15,4% miocardiopatia. Quanto ao risco gestacional segundo a classificação modificada da Organização Mundial da Saúde (OMS), 53,9% era OMS IV. A idade gestacional média no parto foi de 37 semanas e o parto vaginal a via obstétrica mais comum (69,2%). Alguma complicação clínica e/ou obstétrica esteve presente em 61,5% dos casos, sendo registrados dois óbitos maternos. **Conclusão:** diferentemente das estatísticas gerais brasileiras, as cardiopatias congênitas foram as mais comuns no estudo, provavelmente em virtude da faixa etária. O risco gestacional da maioria das pacientes foi classificado como OMS IV, o que contraindicaria a gestação ou, em caso de diagnóstico firmado e inicial, possibilitaria a discussão de interrupção. Este fato, em associação à presença de comorbidades, poderia justificar o percentual de complicações, incluindo os óbitos decorrentes.

PALAVRAS-CHAVE: Obstetrícia, gravidez na adolescência, cardiopatias, unidades de terapia intensiva.

¹ Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, laramay17@gmail.com

² Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, iselenacb@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MUDANÇA DE PROTOCOLO DE USO DE TERAPIA ANTIRRETROVIRAL (TARV) COMO FATOR DETERMINANTE DA REDUÇÃO DA TAXA DE TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV

AUAR; Daniela Fortunato¹, GOUVÊA; Abilene Nascimento², MONTEIRO; Denise Leite Maia³, CAVALCANTE; Mateus Benac⁴, COSTA; Julie Teixeira da⁵

RESUMO

Introdução: O uso de terapia antirretroviral (TARV) durante a gestação sofreu mudanças no protocolo de administração. Em 2009, a terapia única com Zidovudina (AZT) passou a ser tripla com AZT+ Lamivudina(3TC)+ Nevirapina(NVP). No final de 2015, Tenofovir (TDF) substituiu AZT, pois o composto TDF/3TC tem dosagem única, atividade contra o vírus da hepatite B e perfil de toxicidade favorável. A NVP foi substituída por Efavirenz. **Objetivos:** Analisar a taxa de TV do HIV entre 2007-2018, separando por períodos onde houve mudança de protocolo na TARV (2007-2009, 2010-2015, 2016-2018). **Métodos:** Estudo de delineamento transversal com 323 gestantes HIV+ (115 jovens com ≤ 24 anos e 208 adultas, > 24 anos), acompanhadas no Núcleo Perinatal/HUPE/UERJ, Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por revisão de prontuários e utilizou-se o programa Epi-Info 3.5.4 para análise estatística. **Resultados:** No período de 2007 a 2009, a taxa de TV foi de 2,7% (2/73), sendo uma mãe adolescente de 17 anos e a outra com 26 anos. Entre 2010 a 2015, a taxa de TV foi 1% (2/197) e a idade materna também foi uma do grupo ≤ 24 anos e outra com 31 anos. A partir de 2016 a TV foi zero. A análise dos fatores relacionados à TV mostrou que as 4 mães cursaram o primeiro grau, o número de consultas pré-natal foi < 6 e em nenhum caso o tempo de bolsa rota ultrapassou 4 horas. Em relação à TARV, somente uma das quatro mães com bebês infectados utilizou pelo tempo necessário (> 4 semanas). A carga viral no terceiro trimestre foi superior a 1.000 cópias/mL nos quatro casos. **Conclusão:** A mudança no protocolo da TARV reduziu a TV e os fatores importantes responsáveis pela ocorrência de TV foi a utilização por tempo inferior ao recomendado e a carga viral elevada no terceiro trimestre da gestação.

PALAVRAS-CHAVE: protocolo TARV, transmissão vertical de doença infecciosa, mudança de protocolo, HIV, gestação

¹ UERJ, danielafortunato@gmail.com

² UERJ, abilenegouvea@gmail.com

³ UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

⁴ UERJ, mateusbenac@gmail.com

⁵ UERJ, julieteixeira.uerj@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL E TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV EM GESTANTES JOVENS E ADULTAS EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

CAVALCANTE; Mateus Benac¹, GOUVÊA; Abilene Nascimento², MONTEIRO; Denise Leite Maia³, COSTA; Julie Teixeira da⁴, AUAR; Daniela Fortunato⁵

RESUMO

Introdução: No Brasil, a infecção pelo HIV entre a população feminina em idade reprodutiva tem aumentado. Como consequência, a transmissão vertical (TV) pode aumentar se não houver assistência adequada. **Objetivo:** Descrever os fatores associados à TV em bebês expostos ao HIV, em relação à idade materna. **Método:** Estudo de coorte retrospectivo. A população de estudo foi constituída por 323 gestantes HIV-positivo, internadas no Núcleo Perinatal/HUPE/UERJ de 2007 a 2018. As gestantes foram separadas em: Grupo 1: ≤ 24 anos e Grupo 2: >24 anos. Análise pelo programa Epi-Info 3.5.4. **Resultados:** As adolescentes e adultas jovens eram 35,6% (115). Dessas, 70% (71) descobriram a doença na gestação atual e apenas 37% (41) eram primigestas, 43,5% (47) iniciaram o pré-natal (PN) no 1º trimestre e 70% (74) tiveram 6 ou mais consultas PN. Das adultas (>24 anos), 66% (115) descobriram o HIV na gestação ($p=0,50$), 12% (24) eram primigestas ($p<0,01$), 41% (79) iniciaram PN no 1º trimestre ($p=0,69$) e 75% (136) tiveram ≥ 6 consultas ($p=0,36$). Em relação aos recém-nascidos, 86% (96) e 78% (154) apresentaram peso $\geq 2500g$ ($p=0,10$) e 100% (111) e 98,5% (191) com Apgar ≥ 7 no 5º minuto ($p=0,19$). A carga viral no 3º trimestre foi superior a 1.000 cópias/mL nos quatro casos com TV, mas não se associou à idade ($p=0,06$). Todas as 4 mães com bebês infectados fizeram menos de 6 consultas PN e somente uma delas utilizou terapia antirretroviral (TARV) adequada por mais de 4 semanas. **Conclusão:** A conclusão do estudo aponta que a idade não é fator de risco para a TV, pois pode ocorrer em qualquer idade. A assistência pré-natal é importante para o diagnóstico do HIV e para a indicação do tratamento. O uso da TARV por 4 semanas ou menos e a carga viral elevada são os principais fatores associados à TV.

PALAVRAS-CHAVE: HIV, Gestação, Transmissão Vertical de Doença Infecciosa

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mateusbenac@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, abilengouvea@gmail.com

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, julieteixeira.uerj@gmail.com

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, danielafortunato@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A IMPORTÂNCIA DA BOA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE ENTRE GINECOLOGISTAS E ADOLESCENTES.

SILVA; Maira Luísa Neiva da¹, SILVA; Marielle Neiva da²

RESUMO

Introdução: Atualmente a presença de adolescentes em consultórios de ginecologistas tem se tornado comum, no entanto, sua visita nas consultas se dá apenas quando elas já se encontram em alguma situação que poderia ter sido evitada, como no caso das Infecções Sexualmente Transmissíveis e da gravidez não planejada. **Objetivo:** O presente trabalho busca identificar os efeitos de uma boa relação médico-paciente entre ginecologistas e adolescentes. **Métodos:** Trata-se de uma revisão sistemática. Foi realizada uma seleção de estudos na base de dados MEDLINE. Utilizou-se os descritores "gynecology", "adolescent" e "physician-patient relations". Os critérios de exclusão foram artigos em duplicidade, sem acesso ao texto integral e com data de publicação superior a 10 anos. Cinco artigos foram selecionados por atenderem aos objetivos definidos. **Resultados:** A adolescência é uma fase da vida em que ocorrem mudanças físicas e emocionais. Durante essa transformação é comum que não exista um diálogo adequado com a família sobre sexualidade e muitas adolescentes acabam se fechando com relação a esse tema se sentindo envergonhadas em expor sua intimidade. Nesse contexto, cabe ao ginecologista criar um ambiente seguro para a paciente, buscando uma relação de confiança para que ela possa expor seus medos e necessidades, sendo possível assim, o compartilhamento de informações relevantes para criação de uma rotina de prevenção precoce em saúde ginecológica. **Conclusão:** Verificou-se que uma relação médico-paciente alicerçada na confiança é fundamental para garantir a segurança sexual e reprodutiva das adolescentes e além disso, criar nelas a cultura de prevenção em saúde, evitando assim, problemas futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Ginecologia, Confiança

¹ Centro Universitário de Votuporanga, maira.lns@hotmail.com

² Universidade Federal da Integração Latino-Americana, marielle_neiva@outlook.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ACONSELHAMENTO SEXUAL E CONTRACEPTIVO NA ADOLESCÊNCIA PARA A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E GRAVIDEZ

MACHADO; Carla Guimarães¹, CARDOSO; Priscila dos Santos², MATOS; Aline³

RESUMO

INTRODUÇÃO: A adolescência é um período de transformações anatomofisiológicas e psicossociais que levam ao desejo de autonomia e autoafirmação pelos jovens. A busca por experiências e a sexualidade tornam-se evidentes, manifestando-se na forma de práticas sexuais desprotegidas seja pela falta de informação e comunicação familiar, medo de assumir a própria sexualidade, mitos ou tabus transmitidos por gerações. Assim, o aconselhamento sexual e contraceptivo pode fornecer informações de qualidade no auxílio à tomada de decisões pelos jovens a fim de prevenir as infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e gravidez indesejada. **OJETIVOS:** Analisar o papel do aconselhamento sexual e contraceptivo na adolescência para a prevenção das IST's e gravidez. **MÉTODOS:** Efetuou-se uma revisão integrativa a partir literatura científica nas plataformas Pubmed, Medline, e SciELO, com os seguintes descritores: adolescência, contracepção, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez. Foram incluídos os idiomas inglês e português, com artigos publicados nos últimos 05 anos. **RESULTADOS:** Dos 117 artigos encontrados, 12 foram selecionados por contemplarem a temática. Pesquisas demonstraram que o uso de preservativos vem caindo entre o público adolescente, fazendo com que o jovem e seus parceiros fiquem expostos às IST's, incluindo o HIV. Ainda, o aconselhamento contraceptivo não deve ser coercitivo e pode envolver os pais ou responsáveis, porém a autonomia do adolescente deve ser preservada. Nas escolas, programas de saúde sexual e reprodutiva reduziram o comportamento sexual de risco dos adolescentes. Para o sucesso do aconselhamento, profissionais de saúde consideraram a saúde sexual como parte do conceito integral de saúde. **CONCLUSÃO:** Investir em educação sexual de qualidade possibilita o conhecimento acerca da prevenção de IST's e gravidez, como também a capacidade reflexiva dos jovens para situações futuras. Nesse sentido, o aconselhamento no âmbito escolar e pelos profissionais de saúde é importante na desmistificação de crenças errôneas em torno da sexualidade e promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: aconselhamento sexual, adolescência, contracepção, gravidez, infecções sexualmente transmissíveis.

¹ Centro Universitário Tiradentes - UNIT AL, carla.arquitetura@hotmail.com

² Centro Universitário Tiradentes - UNIT AL, priscilinha_bio@hotmail.com

³ Médica Ginecologista e Obstetra, alinematos.med@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS, NO PERÍODO DE 2009 A 2020, DO DESCOLAMENTO PRECOCE DE PLACENTA EM ADOLESCENTES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MARTINI; Eduardo Beltrame ¹, ROSSETTO; Bruna ², SIQUEIRA; Lia Fonseca ³, PATATT; Júlia ⁴, AQUINO; Daniela Witz ⁵

RESUMO

Introdução: O descolamento precoce de placenta (DPP) é caracterizado pela separação prematura do útero de uma placenta implantada normalmente. Considerando que uma gravidez na adolescência aumenta os riscos de desenvolvimento de hipertensão arterial, bem como outras complicações, o DPP é uma importante etiologia de morbimortalidade perinatal entre adolescentes, especialmente no estado do Rio Grande do Sul (RS), o que resulta em um elevado número de internações e, conseqüentemente, despesas ao estado. **Objetivos:** Analisar, estatisticamente, os perfis epidemiológicos do DPP em adolescentes, no Rio Grande do Sul, entre os anos de 2009 a 2020, segundo as principais características da patologia. **Métodos:** Estudo epidemiológico, cujas informações contidas foram obtidas por meio de uma revisão da literatura e de uma coleta no banco de dados do DataSus, no período de 2009 a 2020, sobre quadros de DPP em mulheres, na faixa etária dos 12 aos 19 anos, no Rio Grande do Sul. **Resultados:** Observou-se, no presente estudo, maior prevalência de DPP em mulheres caucasianas, entre 15 e 19 anos. No período avaliado, registrou-se um total de 773 internações, com a média de permanência de internação de 3,9 dias em mulheres dos 12 aos 14 anos, e de 3,1 dias para mulheres entre 15 e 19 anos. No que tange à mortalidade, registrou-se um total de 2 óbitos na faixa dos 15 aos 19 anos, resultando em uma taxa de mortalidade de 0,27. A totalidade de gastos governamentais foi de R\$ 592.041,97, no período analisado. **Conclusão:** A gravidez na adolescência relaciona-se com elevados riscos de desfechos adversos, sendo, a DPP, uma dessas complicações. Diante do elevado índice de internações por tal patologia no RS, entende-se, nesse sentido, a tamanha importância em conhecer os perfis epidemiológicos referentes a tal condição, de forma a definir populações prioritárias para intervenções precoces que permitam reduzir os desfechos negativos.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia dos Serviços de Saúde, Descolamento precoce de placenta, Saúde do Adolescente

¹ Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, em0110985@gmail.com

² Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, b.rossetto@hotmail.com

³ Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, liafsiqueira@gmail.com

⁴ Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, juliapatatt@rede.ulbra.br

⁵ Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, daniwaquino@rede.ulbra.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS GESTANTES ADOLESCENTES DO BRASIL NO ANO DE 2018

LIBONATI; Leticia Gonçalves¹, NERY; Fernanda Veiga Rodeiro², MELQUIADES; Ericka Dominguez³, ASSIS; Júlia Lopes de⁴, MACHADO; Márcia Sacramento Cunha⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gravidez na adolescência (GA) é fator de risco nessa população. Os elevados índices estatísticos estão associados às mudanças sociais ocorridas na esfera da sexualidade, sem que, simultaneamente, sejam transmitidas informações sobre métodos contraceptivos para os jovens. Sabe-se que a GA é quase sempre indesejada, configurando-se como um problema de saúde pública. **OBJETIVO:** Identificar o perfil epidemiológico das gestantes adolescentes do Brasil no ano de 2018. **MÉTODOS:** Estudo descritivo e observacional com dados agregados obtidos nos Sistemas de Informações sobre Nascidos Vivos e sobre Mortalidade, disponíveis na plataforma DATASUS. A população foi constituída por todos os casos de gestações e óbitos maternos na faixa etária entre 10 a 19 anos, em território brasileiro, no ano de 2018. **RESULTADOS:** No ano de 2018 ocorreram 2.944.932 nascimentos, sendo 15,5% (456.128) deles de mães adolescentes. Dessa população específica, 4,6% (21.172) tinha entre 10-14 anos e 95,4% (439.956) entre 15-19 anos. A GA foi prevalente na região Nordeste, com 34,4% de casos (156.782), seguida pela Sudeste, com 31,1%. O grau de instrução da mãe predominou entre 8-11 anos de escolaridade, com 69,2% dos casos (315.663) e entre 4 a 7 anos, com 25,7% dos casos (117.249). A mortalidade materna (MM), entre a gravidez e o puerpério, foi de 188 óbitos, predominando na faixa etária entre 15 a 19 anos, com uma taxa de 95,2% (179 casos). Dentre as principais causas estão: comorbidades pré-existentes, que complicam a gestação e o puerpério, com 45 óbitos (23,9%), seguida de eclâmpsia, 18 (9,6%) e infecção puerperal, 17 (9,0%). **CONCLUSÃO:** A GA acomete mais o Nordeste, na faixa etária entre 15-19 anos, cujo o grau de instrução varia entre 8 a 11 anos, tendo as comorbidades pré-existentes como a principal causa de MM. Portanto, em razão da relevância socioeconômica e educacional envolvida nesse problema, políticas públicas são necessárias.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez, Gravidez na Adolescência, Gravidez não Desejada, Perfil de Saúde.

¹ Discente do curso de Medicina da Universidade Salvador (UNIFACS), letlibonati@gmail.com

² Discente do curso de Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), fernandavm@gmail.com

³ Discente do curso de Medicina da Unime, kinhamelquiades@hotmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina da UnIFTC, julialopesdeassis@hotmail.com

⁵ Docente Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da EBMSP, marciascmachado@uol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E MENINGITE: RELATO DE CASO

CARDOSO; Priscila dos Santos¹, MACHADO; Carla Guimarães², ALMEIDA; Rodrigo Diego³, PORFÍRIO; Lícia Marques⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: A meningite é um processo inflamatório que envolve as meninges e pode ser causada por diversos agentes infecciosos. Nesse espectro, a infecção invasiva pela bactéria *Neisseria meningitidis* apresenta um amplo espectro clínico, que varia desde febre transitória e bacteremia oculta até formas fulminantes, com a morte do paciente em poucas horas após o início dos sintomas. A meningite e a meningococemia são formas clínicas mais frequentemente observadas, podendo ocorrer isoladamente ou associadas. Em geral, o quadro clínico tem progressão rápida, com intensa sintomatologia, ou menos agudo, com sinais meníngeos presentes por alguns dias, acompanhado de outras manifestações indistinguíveis de outras meningites bacterianas. A meningite meningocócica é a forma mais frequente de doença meningocócica invasiva e associa-se, em cerca de 60% dos casos, à presença de lesões cutâneas petequiais bastante características. **RELATO DE CASO:** G.J.S, 17 anos, G2P1, procurou atendimento em 06/03/19 relatando cefaleia intensa e febre, sendo medicada com sintomáticos. Posteriormente a esta data, retornou ao atendimento duas vezes sendo igualmente medicada para as sintomatologias supracitadas e liberada para sua residência. Em 14/03/19, apresentou metrorragia, hematêmese, desmaio e convulsão em Unidade Básica de Saúde do seu município. Foi encaminhada à maternidade do Hospital do Açúcar e, após quadro de rebaixamento do nível de consciência e agitação psicomotora, transferida para área vermelha clínica do Hospital Geral do Estado (HGE). Realizou-se coleta de LCR com bacterioscopia positiva para Bacilos Gram negativos, e paciente evoluiu para óbito em 15/03/19. **COMENTÁRIOS:** A meningite e a meningococemia são emergências clínicas que comprometem de forma aguda os pacientes. Uma vez que nem todos os casos cursam com sintomas clássicos, como a rigidez de nuca, a identificação precoce dos sintomas é fundamental no desfecho terapêutico. Dessa forma, na suspeita de infecção, deve-se proceder à antibioticoterapia de amplo espectro imediatamente até a comprovação diagnóstica.

PALAVRAS-CHAVE: adolescente, gravidez, meningite, *Neisseria meningitidis*.

¹ Centro Universitário Tiradentes/AI, priscilinha_bio@hotmail.com

² Centro Universitário Tiradentes, carla.arquitetura@hotmail.com

³ Médico Residente do Hospital da Agro Indústria e do Alcool de Alagoas, ro_alagoas@hotmail.com

⁴ Médica Residente do Hospital da Agro Indústria e do Alcool de Alagoas, dra.liciporfirio@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MANEJO DO FIBROADENOMA NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE CASO

MICHELON; Amanda Tomazzoni ¹, ZANELLA; Alana ², SILVA; Eduarda Vanzing da ³, SILVA; José Venâncio Sala da ⁴, DOMBROWSKI; Pablo Eduardo ⁵

RESUMO

Introdução: Os fibroadenomas são neoplasias benignas que representam cerca de 90% das lesões sólidas da mama na adolescência. Esse tipo de tumor benigno, geralmente, acomete pacientes no final da adolescência, entretanto, também pode ser encontrado antes da menarca. Em aspectos clínicos, os fibroadenomas são lesões palpáveis, elásticas, móveis e bem circunscritas. O diagnóstico é formado pelo exame físico e ultrassom. A biópsia é recomendada quando o tumor se apresenta grande, atípico ou de crescimento rápido. **Relato:** Paciente feminina, 16 anos, menarca aos 13 anos, nuligesta e sem histórico familiar de carcinoma da mama. Procurou atendimento queixando percepção de nódulo mamário, que foi constatado na palpação do quadrante ífero lateral da mama direita, medindo aproximadamente 2,5cm, com aspecto regular e móvel. Solicitou-se ecografia, resultando em nódulo hipoecoico, oval, circunscrito e orientação horizontal com dimensões de 2,4 x 1,4 x 1,2cm, distando 6cm do mamilo às 8h. Proposto seguimento com ecografia mamária em seis meses. Retornando, a paciente refere dor em nódulo da mama direita com aparente crescimento. A ecografia de controle aponta crescimento do nódulo, medindo 3,1cm, com característica isoecoico, oval e circunscrito. A conduta indicada foi biópsia do nódulo em mama direita, porém, paciente optou pela excisão deste. Exame anatomopatológico confirma fibroadenoma e a paciente manifestou excelente pós-operatório. **Comentários:** A paciente apresentou tumor de crescimento rápido e com proporção discretamente acima do normal, justificando a biópsia requerida no exame, já que, o acompanhamento clínico com controle ecográfico semestral foi realizado anteriormente. Este tipo de neoplasia benigna, comumente, atinge mulheres com idade inferior a 25 anos, apresentando como conduta ideal o acompanhamento clínico, como relatado no caso. Sendo assim, nessa idade, indica-se a exérese de tumores em casos que relatam dimensões maiores que 2cm e crescimento progressivo, no intuito de evitar deformidades futuras e controlar a ansiedade da paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Fibroadenoma, Mama, Neoplasia mamária, Tumor benigno, Nódulos mamários.

¹ Universidade Luterana do Brasil, amandamichelon@rede.ulbra.br

² Universidade Luterana do Brasil, alanazanella@outlook.com

³ Universidade Luterana do Brasil, eduardavanzingdasilva@gmail.com

⁴ Universidade Luterana do Brasil, venanciosala10@hotmail.com

⁵ Universidade Luterana do Brasil, pablodom@rede.ulbra.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ÚLCERA DE LIPSCHUTZ: RELATO DE CASO

FRIDMAN; Isabela Zoppas¹, MAIA; Natália Isaia Browne², VENTURA; Juliana Ruas³, D'ARISBO; Alice Wichrestiuik⁴, SIQUEIRA; Lia Fonseca⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A úlcera de Lipschutz é uma patologia pouco frequente, caracterizada pelo aparecimento súbito de úlceras vulvares necróticas dolorosas, que ocorre tipicamente em adolescentes sexualmente não ativas. A fisiopatologia não é clara, mas sugere-se que ela seja a manifestação clínica de uma reação de hipersensibilidade a uma infecção viral ou bacteriana. **RELATO DO CASO:** Paciente com 16 anos procura atendimento por lesões vulvares há vários dias e com piora nas últimas 48h, acompanhada de sintomas gripais, febre 38,2° e prostração. Previamente hígida, refere que no passado, aos 14 anos, apresentou episódio semelhante com várias úlceras vulvares, sendo diagnosticada na ocasião como herpes genital. Nega relação sexual. Ao exame físico, apresenta lesões ulceradas em face interna dos pequenos lábios, dolorosas à palpação, com leve secreção e edema local. Sem outros achados ao exame físico; não apresenta úlceras orais. A hipótese diagnóstica foi de úlcera autoimune do tipo Lipschutz, não sendo realizada biópsia e iniciado tratamento imediato com corticoide oral, anti-inflamatório e medicamentos tópicos sintomáticos para melhor conforto local. Paciente retorna para reavaliação em 7 dias com melhora importante do quadro clínico e regressão das úlceras, apresentando mucosa já epitelizada e sem solução de continuidade. Orientada a retirada gradual do corticoide nos dias seguintes e retorno em 30 dias para revisão. **COMENTÁRIOS:** As úlceras genitais são de difícil diagnóstico, principalmente na idade pediátrica, em que a maioria delas não são provenientes de infecções sexualmente transmissíveis (IST). A úlcera de Lipschutz é normalmente extensa (> 1cm), dolorosa e profunda, e geralmente é concomitante com sintomas sistêmicos. O diagnóstico diferencial deve ser feito com IST, infecções não venéreas, doenças mediadas imunologicamente, herpes, causas traumáticas e tumores malignos. O tratamento inclui corticoide oral e sintomáticos locais. Podem ocorrer recidivas ao longo da vida numa frequência não estimada.

PALAVRAS-CHAVE: Vulva, Doença Autoimune, Adolescentes

¹ Universidade Luterana do Brasil, isabelazf@gmail.com

² Universidade Luterana do Brasil, nataliabmaia@gmail.com

³ Universidade Luterana do Brasil, julianaventura@rede.ulbra.br

⁴ Universidade Luterana do Brasil, alicewdarisbo@rede.ulbra.br

⁵ Universidade Luterana do Brasil, liafsiqueira@rede.ulbra.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A NÃO ADESÃO AO PRÉ NATAL DAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS

VERAS; Valdiclea de Jesus¹, ALENCAR; Rosemary Fernandes Correa², GOMES; Danessa Silva Araujo³

RESUMO

[1]Valdiclea de Jesus Veras; [2]Rosemary Fernandes Corrêa Alencar; ³Danessa Silva Araújo Gomes.

INTRODUÇÃO Muitos problemas podem se manifestar em uma gestação de uma adolescente, inclusive o risco de morte, isto associado a tentativa de aborto ou as causas obstétricas. Entretanto essas mortes poderiam ser evitadas caso essas adolescentes tivessem um acompanhamento eficiente através de um pré-natal **OBJETIVOS** Averiguar os motivos relacionados a não adesão do pré-natal pelas adolescentes grávidas em uma comunidade de São Luís Ma. **MÉTODOS** Trata-se de uma pesquisa com natureza qualitativa de caráter exploratório realizada por meio de dados obtidos a partir de pesquisa de campo em uma unidade de Estratégia Saúde da Família (ESF) em uma comunidade de São Luís Ma A amostra foi composta, através de entrevista semiestruturada, por 13 adolescentes gestantes com faixa etária entre 14 a 18 anos no terceiro trimestre de gestação que não estavam fazendo o pré-natal. **RESULTADO** O estudo demonstrou que essas adolescentes não se aceitavam grávidas e tentaram esconder a gestação o maior tempo possível, por serem jovens, por mudanças no cotidiano, e pelos preconceitos e dificuldades em ser mãe adolescente. Os resultados apontaram que dentre as 13 entrevistadas, somente 5 tinham união estável, 4 não sabiam quem era o pai da criança. **CONCLUSÃO** A gravidez impacta direta e negativamente a vida das adolescentes, gerando sentimentos de recusa e medo do futuro, É necessário oferecer um atendimento mais direcionado as dificuldades enfrentadas nesse período

[1]HUUFMA,Valdicleavearas@gmail.com [2]HUUFMA,Rosemaryalencar@hotmail.com ³ HUUFMA ,Danessa.araujo@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, pré-natal, adesão.

¹ Hospital Universitário Federal do Maranhão, valdicleavearas@gmail.com

² Hospital Universitário Federal do Maranhão, rosemaryalencar@hotmail.com

³ Hospital Universitário Federal do Maranhão, danessa.araujo@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A PRESERVAÇÃO DA FERTILIDADE EM PACIENTES ONCOLÓGICOS PEDIÁTRICOS E SEUS IMPACTOS

LEITE; Patrícia Mendonça¹, FERRO; Laura Dourado², SOBRINHO; Deny Bruce de Sousa³, ALMEIDA; Júlia Português⁴, AMARAL; Waldemar Naves do⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A incidência de câncer em pacientes pediátricos aumentou nas últimas décadas, no entanto, a sobrevivência hoje é maior que 80%, tornando pertinentes discussões relativas à fertilidade desses pacientes, afetada pelas intervenções cirúrgicas, quimioterapia e radioterapia. Sua preservação, por sua vez, inclui procedimentos padrão como a criopreservação de óocitos e a transposição ovariana e procedimentos em investigação como a criopreservação de tecido ovariano e supressão ovariana com análogos de GnRH (GnRHa). **OBJETIVOS:** O presente trabalho objetiva analisar dados da literatura quanto a repercussão de métodos de preservação de fertilidade em pacientes oncológicos pediátricos. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão da literatura em que foi utilizada a plataforma Pubmed e selecionados artigos entre 2015 e 2020 através dos descritores: pediatric; gynecologic cancers; fertility. **RESULTADOS:** Estudos indicam que a taxa de gravidez a partir de óocitos criopreservados, procedimento realizado apenas em pacientes pós-puberais, é de 38-55%, porcentagem semelhante ao encontrado para óocitos frescos. Em relação à transposição de ovários, considerada em pacientes que realizam radioterapia, Guballa e colaboradores relatam preservação de função ovariana em 90% dos casos, enquanto uma meta-análise apresentada por Algarroba e colaboradores indica taxa de nascidos vivos de 37%. A criopreservação de tecido ovariano é a opção para meninas pré-puberais e para aquelas em que o atraso da terapia não é possível, possuindo taxas de nascidos vivos maiores que 35% e de restauração da função hormonal de 65%. Por fim, a terapia com GnRHa possui resultados conflitantes. Oktay e colaboradores reportaram redução do risco de falha ovariana prematura, enquanto Elgindy e colaboradores alegam que os GnRHa não protegem contra a gonadotoxicidade. **CONCLUSÃO:** O exercício de reprodução é direito de todo ser humano, sendo extremamente importante o aconselhamento quanto à preservação de fertilidade em pacientes oncológicos, bem como acompanhamento de uma equipe multidisciplinar que desenvolva a melhor estratégia para cada paciente.

PALAVRAS-CHAVE: preservação da fertilidade, oncologia, pediatria

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, patriciamleite@hotmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lauraferro0302@gmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, deny.bruce.s.s@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, juliapotugues@hotmail.com

⁵ Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, waldemar@fertile.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

IMPACTOS DO TRATAMENTO HORMONAL EM ADOLESCENTES TRANSGÊNEROS

LEITE; Patrícia Mendonça¹, ROCHA; Giovana Caroline Silva², ASSIS; Flaviane Marques de³, FERRO; Laura Dourado⁴, AMARAL; Waldemar Naves do⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Disforia de gênero, considerada como o sofrimento decorrente da identidade distinta do gênero biológico, acompanha maior prevalência de sintomas depressivos, ideação suicidada e ansiedade em adolescentes. Desta forma, tratamentos de redesignação possuem impactos importantes e quando iniciados na adolescência, apresentam melhores resultados. Estes consistem em bloqueio puberal sobretudo com agonistas de GnRH (GNRHa), hormonioterapia cruzada e intervenção cirúrgica na vida adulta. **OBJETIVOS:** O objetivo deste trabalho é apresentar achados na literatura quanto a eficácia e segurança de terapia hormonal em adolescentes apresentando disforia de gênero. **MÉTODOS:** Revisão de literatura em que foram selecionados artigos entre 2015 e 2020 através da plataforma Pubmed. Descritores utilizados: gender; gynecologist; youth. **RESULTADOS:** Estudo da VUMC em Amsterdam demonstrou reduções significativas de sintomas depressivos e melhora da função global em adolescentes em iniciação de hormonioterapia cruzada após tratamento com GnRHa, além da melhora de outros parâmetros após realização de intervenção cirúrgica. Há preocupação, no entanto, quanto aos impactos negativos da intervenção. Estudo relatado no trabalho de Rosenthal e colaboradores analisou a densidade mineral óssea (BMD) em pacientes que realizaram bloqueio puberal, demonstrando redução significativa dos z-scores de BMD. A hormonioterapia cruzada, no entanto, poderia resultar em aumento posterior de BMD, de acordo com estudo apresentado por Mahfouda e colaboradores. A cognição foi estudada por Staphorsius e colaboradores, demonstrando ausência de efeitos da terapia com GnRHa no teste da Torre de Londres (LD) que avalia desempenho executivo. A fertilidade, por sua vez, é preservada por 3-5% dos pacientes de acordo com trabalho de Cartaya e colaboradores que decidem postergar o bloqueio puberal. **CONCLUSÃO:** Estudos envolvendo terapia hormonal em adolescentes transgêneros são limitados. Devido aos benefícios já demonstrados, no entanto, mais pesquisas na área são necessárias, visando melhor delineamento dos pacientes que se beneficiariam de intervenções, orientação de profissionais de saúde e subsequente ampliação do acesso.

PALAVRAS-CHAVE: disforia de gênero, adolescente, procedimentos de readequação sexual

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, patriciamleite@hotmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, giovanacs7@gmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, flavianemed66@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lauraferro0302@gmail.com

⁵ Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, waldemar@fertile.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O USO DE ANTICONCEPCIONAIS ORAIS NO TRATAMENTO DA ACNE VULGAR EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SILVA; Larissa Menezes ¹, GONÇALVES; Marcel Arthur Cavalcante ², FARIAS; Vandriely Marie de Albuquerque ³, ANDRADE; Kelly Cristina Lira de ⁴

RESUMO

Introdução. A acne vulgar é uma doença inflamatória da pele com alta prevalência em adolescentes do sexo feminino. Nos adolescentes, as glândulas suprarrenais produzem altas taxas de andrógenos, estimulando queratinócitos à proliferação e produção de sebo. A contracepção oral é uma alternativa ao tratamento da acne vulgar por diminuir essas taxas. **Objetivos.** Analisar a eficácia do tratamento da acne vulgar com anticoncepcionais orais. **Métodos.** Revisão Integrativa realizada nas bases de dados MEDLINE (via PubMed), Lilacs e ScienceDirect utilizando-se a seguinte estratégia: “oral contraceptive AND teenager AND acne”. Foram selecionados os artigos de pesquisas primárias publicados nos últimos cinco anos, por meio do uso de filtros, que possuíam relação com o tratamento da acne vulgar em adolescentes por anticoncepcionais orais e excluídos os que não tratavam da relação do tema, assim como revisões de literatura, teses e dissertações. A seleção dos estudos deu-se pela leitura de títulos, resumos e artigos completos. **Resultados.** Foram identificados 44 artigos na MEDLINE, dois artigos na Lilacs e 77 na ScienceDirect. Ao final, nove artigos que faziam melhor menção a proposta da revisão foram incluídos. A acne vulgar era tratada com antibióticos, entretanto a falha no uso e o desenvolvimento de resistência fizeram com que outras opções terapêuticas fossem consideradas. Desta forma, atualmente, Etinilestradiol combinado a Norgestimato, Etinilestradiol combinado a Noretisterona e a Fumarato ferroso, Drospirinona combinado a Etinilestradiol com ou sem Levomefolato de cálcio são anticoncepcionais eficazes e bem tolerados para o tratamento da acne vulgar em adolescentes, com eficácia semelhante aos antibióticos orais, contudo leva mais tempo para uma melhora clínica. **Conclusão.** Anticoncepcionais orais contendo a combinação de estrogênio e progestina são usados efetivamente no tratamento da acne vulgar, pois agem inibindo a secreção do hormônio folículo estimulante e do hormônio luteinizante por feedback negativo, o que diminui a produção de andrógenos ovarianos.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepcional oral. Adolescentes. Acne.

¹ Centro Universitário CESMAC, larimenezess16@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas, marcel.goncalves@famed.ufal.br

³ Centro Universitário CESMAC, vandriely30@gmail.com

⁴ Centro Universitário CESMAC, kellyclandrade@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CAUSAS E MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DOS CISTOS OVARIANOS EM CRIANÇAS PRÉ-PÚBERES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SILVA; Larissa Menezes¹, GONÇALVES; Marcel Arthur Cavalcante², ARAÚJO; Maria Deysiane Porto³

RESUMO

Introdução. Os cistos ovarianos em crianças pré-púberes, em sua maioria, são assintomáticos e as manifestações clínicas decorrem de doenças e suas complicações, como cistos foliculares, adenomas, cistos serosos e teratomas. A evolução dos cistos ovarianos depende dos níveis de gonadotrofina. **Objetivos.** Identificar as principais causas dos cistos ovarianos em crianças pré-púberes. Selecionar as manifestações clínicas mais comuns de cistos ovarianos em crianças pré-púberes para detecção precoce da doença. **Métodos.** Revisão Integrativa realizada através das bases de dados MEDLINE (via PubMed) e ScienceDirect empregando a estratégia: “signs and symptoms AND ovarian cysts AND child”. Foram selecionados os artigos de pesquisas primárias publicados nos últimos cinco anos, com uso de filtros, que possuíam relação com as causas e manifestações clínicas dos cistos ovarianos em crianças pré-púberes e excluídos os que não tratavam da relação do tema, bem como revisões de literatura, teses e dissertações. **Resultados.** Foram achados 140 artigos na MEDLINE e 611 artigos no ScienceDirect. Ao final, elegeu-se oito artigos que faziam melhor alusão a proposta de revisão integrativa. As crianças pré-púberes apresentam menores níveis de gonadotrofina, resultando em menores taxas de cistos ovarianos nessa idade. Entretanto, puberdade precoce periférica ou central idiopática, síndrome de McCune Albright, doenças da tireoide e tumores ovarianos ativos estão entre as principais causas da presença de cistos ovarianos sintomáticos em crianças pré-púberes. Essas crianças podem apresentar: dor abdominal no quadrante inferior ou dor periumbilical crônica, aumento da circunferência abdominal, retenção urinária, constipação ou sensação de plenitude abdominal, dor aguda semelhante a apendicite ou peritonite, desenvolvimento precoce das mamas e sangramento vaginal. **Conclusão.** Em crianças pré-púberes os cistos ovarianos, com manifestações clínicas, ocorrem na presença de um fator desencadeante para a desregulação hormonal. O reconhecimento precoce dos profissionais de saúde dessas manifestações clínicas é um fator diferencial na conduta da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Causalidade. Sinais e sintomas. Cistos ovarianos. Crianças.

¹ Centro Universitário CESMAC, larimenezess16@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas, marcel.goncalves@famed.ufal.br

³ Centro Universitário CESMAC, professoradeysiane@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DISFORIA DE GÊNERO: UM DIREITO DE SER

CABRAL; Zuleide¹, COUTO; Ana Cláudia Silva², SILVA; Aline Custódio³, MARQUEZAN; Ana Carolina Calil⁴, GARCIA; Emily Gabriela Castilho⁵

RESUMO

Introdução O indivíduo transgênero apresenta inconformidade entre o sexo atribuído ao nascimento e a identidade de gênero. Quando esse relata sofrimento significativo associado a transexualidade, o termo adequado é “disforia de gênero”. Pessoas transgênero geralmente passam por sofrimento psíquico relacionado a questionamentos internos, incompreensão da sociedade, além de preconceito e violência. Por ser um fenômeno relevante, o conhecimento sobre os transgêneros é importante para a atuação dos profissionais de maneira técnica e humanizada. **Relato do caso** TSS, 22 anos, sexo de nascimento feminino, manifestou desde a infância incongruência entre o sexo biológico (XX) e a identidade de gênero, com piora no início da puberdade. Apresentava preferência por roupas e brincadeiras de meninos, sendo alvo de bullying, rejeição familiar, violência verbal, bem como exclusão social. Permaneceu nesse ambiente de desacolhimento e desenvolveu depressão e isolamento, até ingressar no curso de medicina, o que contribuiu para melhor aceitação e respeito de seus familiares. Procurou, então, assistência médica, sendo submetido à procedimentos inadequados, como solicitação do exame de Papanicolau (paciente virgem), dosagens gonadotrofinas, testosterona e ultrassonografia pélvica. Posteriormente, ao ser atendido por outro profissional, seu caso foi conduzido de maneira tecnicamente adequada e humanizada, confirmando o diagnóstico de disforia de gênero. Após, foi submetido à psicoterapia, terapia hormonal masculinizante, mastectomia bilateral, se opondo a transgenitalização. **Comentários** O médico ginecologista é, potencialmente, um dos primeiros profissionais a atender os transgêneros. Assim, necessita estar capacitado para conduzir o caso desde o acolhimento inicial do paciente, até início do tratamento adequado e encaminhamento para o serviço de referência. Por fim, reitera-se que, por ser uma situação complexa, estudos são necessário para melhor compreensão do assunto e, conseqüentemente, maior benefício aos indivíduos transgêneros. Ademais, todo o profissional de saúde devendo recorrer à uma equipe multidisciplinar, com reflexões éticas e seguimento a longo prazo desses pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Disforia de gênero, pessoas transgênero, ginecologia

¹ Docente do curso de medicina do Centro Universitário de Várzea Grande, zuleidecabral@terra.com.br

² Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Várzea Grande, annaclaudiascouto@gmail.com

³ Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Várzea Grande, alinecustodiosilva@hotmail.com

⁴ Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Várzea Grande, ana_sorriso@hotmail.com

⁵ Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Várzea Grande, emillicastilho2014@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERNAÇÕES POR LEIOMIOMA DE ÚTERO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2009 E 2019

SILVA; Eduarda Vanzing da ¹, ZANATTA; Thameia Gazola ², BENDER; Carolina Leal ³, SILVA; Maria Eduarda da ⁴, VENTURA; Juliana Ruas ⁵

RESUMO

Introdução: Os leiomiomas são tumores benignos originados de células musculares lisas do miométrio. Têm prevalência significativa entre crianças e adolescentes, sendo que, entre 2009 e 2019 foram registradas 1.252 internações de pacientes entre 0 e 19 anos no país. **Objetivos:** Descrever o perfil das crianças e adolescentes internadas por leiomioma de útero no estado do Rio Grande do Sul (RS) entre 2009 e 2019, analisando idade e etnia desses pacientes e o caráter da internação. **Métodos:** Foi realizado um estudo descritivo sobre internações por leiomioma de útero em crianças e adolescentes, de 0 a 19 anos, no estado do Rio Grande do Sul entre janeiro de 2009 e dezembro de 2019. Utilizou-se a base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), onde foram buscados dados referentes ao número de pacientes internados e a categoria de internação, correlacionando-os com características como idade e etnia dos pacientes. **Resultados:** No período analisado, o estado registrou 57 internações por leiomioma de útero, sendo que 2 foram de pacientes com menos de 1 ano, 10 de pacientes entre 10 e 14 anos e 45 de pacientes entre 15 e 19 anos. Em relação a etnia, 31 foram brancos, 1 negro, 1 pardo e 24 sem informação. Já, sobre o caráter da internação 38 foram eletivas e 19 foram de urgência. **Conclusão:** Houve mais internações em pacientes com idade maior (15 a 19 anos), que corrobora com o que já está comprovado de que a doença é mais comum conforme maior a idade do indivíduo. Quanto a etnia, não se pode afirmar qual foi mais acometida devido a 42,1% dos pacientes estarem registrados como “sem informação”. Já, a prevalência do caráter eletivo da internação afirma que os leiomiomas uterinos causam grande morbidade, apesar de sua mortalidade não ser muito grande.

PALAVRAS-CHAVE: Leiomioma, útero, crianças, adolescentes.

¹ Universidade Luterana do Brasil, eduardavanzingdasilva@gmail.com

² Universidade Luterana do Brasil, thamelagazolazanatta@yahoo.com.br

³ Universidade Luterana do Brasil, carolinalealbender@gmail.com

⁴ Universidade Luterana do Brasil, mariaeduarda2903@rede.ulbra.br

⁵ Universidade Luterana do Brasil, julianarventura@rede.ulbra.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERVENÇÕES HORMONAIIS E CIRÚRGICAS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES TRANSGÊNERO: REVISÃO DA LITERATURA

FARIA; Melina Cançado Araújo¹, MELO; Carolina Soares Barros de², FIGUEIREDO; Larissa Paola Ferreira³, SILVA; Adriana Ribeiro da⁴, DUTRA; Juliana Pinheiro⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Alguns indivíduos têm uma identidade de gênero que não corresponde ao gênero designado ao nascimento, sendo denominados transgênero. Alguns desses jovens buscam assistência médica para intervenções que visam afirmar fenotipicamente o gênero de identidade. **OBJETIVOS:** Revisão da literatura sobre tratamento de pacientes transgênero na infância e adolescência. **MÉTODOS:** Realizada busca na base de dados PubMed e UptoDate para artigos publicados nos últimos cinco anos, utilizando os termos “transgender”, “children”, “adolescent”, “hormone” e “surgery”. Foram encontrados 41 artigos e selecionados oito. **RESULTADOS:** Nem todos os jovens transgênero desejam transição fenotípica. Alguns indivíduos podem aliviar sua disforia de gênero através de mudanças na expressão de gênero (roupas, nome). Em outros casos, utilizam-se intervenções hormonais e cirúrgicas. Há poucos estudos sobre os benefícios e riscos dessas intervenções em jovens. A supressão da puberdade visa impedir o desenvolvimento de características sexuais secundárias indesejadas, podendo ser alcançada com análogos do hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH), antiandrogênios, antiestrogênios e acetato de medroxiprogesterona. O momento ideal para iniciar análogos do GnRH é no estágio Tanner2. Para adolescentes submetidos a supressão puberal, a promoção do desenvolvimento de características sexuais secundárias com hormônios sexuais exógenos e antiandrogênios pode ser iniciada aos 16 anos, mas início mais precoce pode ser considerado quando a identidade de gênero é bem estabelecida precocemente. Alguns indivíduos desejam cirurgia de afirmação de gênero, como reconstrução torácica, mastectomia, mamoplastia, cirurgia de reconstrução genital e cirurgias faciais. Além disso, recomenda-se consultar especialista em reprodução humana para discutir preservação da fertilidade. **CONCLUSÃO:** As evidências escassas disponíveis indicam que os hormônios sexuais estão associados a benefícios para a saúde mental e melhores resultados na qualidade de vida em adolescentes transgênero. Início precoce dos cuidados de afirmação de gênero podem diminuir a necessidade de intervenções subsequentes e melhorar a capacidade do jovem se apresentar fisicamente como seu gênero afirmado.

PALAVRAS-CHAVE: Transgênero, crianças, adolescentes, hormônio, cirurgia.

¹ Rede Mater Dei de Saúde., melinacafaria@gmail.com

² Rede Mater Dei de Saúde., carolsbmel@yahoo.com.br

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais., larifp.ferreira@gmail.com

⁴ Rede Mater Dei de Saúde., adrianaribeirodasilva18@gmail.com

⁵ Rede Mater Dei de Saúde., ju.pinheirodutra@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERNAÇÕES DE ADOLESCENTES POR ABORTO ESPONTÂNEO NO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2016 E 2019

SILVA; Eduarda Vanzing da¹, VENTURA; Juliana Ruas², SILVA; José Venâncio Sala da³

RESUMO

Introdução: O aborto espontâneo pode ser definido como a interrupção da gestação que acontece sem nenhuma intervenção externa, podendo ocorrer devido a doenças da gestante, problemas genéticos do embrião ou traumas físicos ou psíquicos. Somente entre os anos de 2016 e 2019, foram registradas 57.798 internações de adolescentes – segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) correspondendo a faixa etária de 10 a 19 anos – por abortos espontâneos no Brasil, o que enfatiza a importância de o tema ser abordado. **Objetivos:** Descrever o perfil de adolescentes internadas por aborto espontâneo no estado no Rio Grande do Sul (RS) entre 2016 e 2019, analisando idade e etnia das pacientes e o caráter da internação. **Método:** Foi realizado um estudo descritivo sobre internações por aborto espontâneo no RS no período de janeiro de 2016 a dezembro de 2019. Utilizou-se a base de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), onde foram buscados dados referentes a características como idade e etnia das pacientes e o caráter da internação. **Resultados:** No período analisado, houve 1.463 internações de adolescentes no RS por aborto espontâneo. Dessas, 83 foram em pacientes entre 10 e 14 anos e 1.380 entre 15 e 19 anos. Em relação a etnia das pacientes, 973 foram brancas, 81 negras, 74 pardas, 8 amarelas, 3 indígenas e 324 sem informação. Sobre o caráter de atendimento, 18 internações foram eletivas e 1.445 foram de urgência. **Conclusão:** Ao analisar as 1.463 internações que ocorreram no estado, verifica-se que a grande maioria das adolescentes que sofreram aborto espontâneo estão na faixa etária de 15 a 19 anos (94,3%) e que as internações foram prevalentemente em forma de urgência (98,7%). Já, não se pode ter um dado confiável a respeito da etnia das pacientes devido a 22,1% estarem registradas como sem informação.

PALAVRAS-CHAVE: Aborto, internações, adolescentes

¹ Universidade Luterana do Brasil, eduardavanzingdasilva@gmail.com

² Universidade Luterana do Brasil, julianarventura@rede.ulbra.br

³ Universidade Luterana do Brasil, venanciosala10@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE DO ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL DE SÍFILIS EM GESTANTES ADOLESCENTES

CORREA; Lucas Gonçalves¹, MARQUES; Amanda Damian², PEREIRA; Mariana Quintela Rodrigues³, ROCCO; Regina⁴, MORATO; Renata dos Santos⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO Em 2018, 62.599 gestantes brasileiras foram diagnosticadas com sífilis, sendo 26% dessas adolescentes. A transmissão vertical da sífilis, geralmente, ocorre durante a gestação e seu tratamento adequado pode evitar a infecção fetal e suas consequências. **OBJETIVO** Analisar o rastreamento e conduta para sífilis no pré-natal (PN) de puérperas adolescentes de uma maternidade pública. **MÉTODOS** Estudo transversal a partir de dados coletados nas Fichas de Investigação Epidemiológica de Sífilis Congênita e de Sífilis em Gestante de 2015 a 2020. Os dados foram analisados no software Microsoft Excel®. **RESULTADOS** Das 181 puérperas com diagnóstico de sífilis, 32 (17,7%) tinham menos de 20 anos no parto. A cobertura de Teste Rápido (TR) no PN para estas adolescentes foi de 84,4%. Das 32 adolescentes, 31 foram diagnosticadas no PN. Dentre estas, 2 (6,2%) fizeram somente TR, 3 (9,4%) somente VDRL, 23 (71,9%) ambos os testes e 3 (9,4%) não tinham informação disponível para algum dos testes. Foram tratadas 28 gestantes no PN, dados sobre o monitoramento estavam disponíveis em 15 (53,6%) destas, sendo ele mensal para 3 (10,7%). Entre as adolescentes, 18 (56,3%) tiveram tratamento adequado no PN, 5 (15,6%) inadequado (1 não apresentou a redução esperada de VDRL, 1 apresentou aumento, 2 foram inconclusivas e 1 tratada há menos de 30 dias para o parto), 5 (15,6%) não dispunham de informações para avaliação e 3 (9,4%) não receberam tratamento. **CONCLUSÃO** O rastreamento nesta população apresenta taxa inferior à recomendação de 90%. Houve monitoramento em pouco mais da metade dos casos, sendo realizado mensalmente, conforme o protocolo do Ministério da Saúde, em apenas uma fração destas. Observou-se inconformidade ao não se tratar algumas gestantes reagentes.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis, Adolescente, Cuidado Pré-Natal, Monitoramento Epidemiológico

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, lucascorrea@edu.unirio.br
² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, mdamian.amanda@gmail.com
³ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, marianaquintela@edu.unirio.br
⁴ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, rocco.gaffree@gmail.com
⁵ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, renata.morato@unirio.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍFILIS GESTACIONAL JUVENIL: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA E COMPARATIVA DA INCIDÊNCIA DESSA IST EM MACEIÓ, ALAGOAS, EM COMPARAÇÃO COM DADOS DO NORDESTE E DO BRASIL ENTRE O ANO DE 2015 E 2019

CUNHA; Maria Clara de Sousa Lima¹, MONTEIRO; Lucas Nascimento², GONÇALVES; Melissa Nathalye Ramos e³, SILVA; Paulo Henrique Alves da⁴, NEIVA; Gentileza Santos Martins⁵

RESUMO

Introdução: A sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) de alta incidência mundial provocada pela bactéria gram-negativa *Treponema pallidum*. A transmissão pode ocorrer por contato sexual desprotegido com pessoa contaminada, com a mucosa, sangue ou saliva de pacientes infectados e por via transplacentária materno-fetal. Pode-se diagnosticar a sífilis gestacional (SG) através de exames de rastreio durante o pré-natal na grávida infectada que, se não tratada, provoca a sífilis congênita. Os adolescentes estão mais suscetíveis à gravidez e à contração de IST devido à precocidade do início da vida sexual associada ao fato de um a cada quatro jovens ativos sexualmente não usar camisinha. **Objetivo:** Verificar a prevalência de sífilis gestacional em adolescentes entre 10 e 19 anos em Maceió-Alagoas, no período de 2015 a julho de 2019. **Métodos:** Estudo descritivo, observacional, realizado através do levantamento de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponível no Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Os dados foram coletados em agosto de 2020, referentes ao período de 2015 a julho 2019, com pacientes na faixa etária de 10 a 19 anos. **Resultados:** A SG representa 25,8% dos casos de sífilis no Brasil em 2019. Foi observada uma discreta redução no número de casos em 2019 em comparação a 2015. Há uma maior prevalência de SG nas adolescentes de 15 a 19 anos de idade. O Nordeste representa 21,3% dos casos do Brasil; Alagoas 7,5% do Nordeste e Maceió 39,2% de Alagoas. **Conclusão:** Maceió tem uma prevalência expressiva dos casos de adolescentes gestantes sífilíticas de Alagoas, onde a presença de subnotificação, devido à demanda espontânea dos postos de saúde, pode causar disparidade entre o número real de casos e o notificado. Mudar a dinâmica de notificação é necessário para elaborar políticas públicas mais adequadas no combate à prevenção e tratamento da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, Infecções sexualmente transmissíveis, Notificação de doenças, Obstetrícia, Sífilis congênita.

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL, maria.cunha@famed.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas – UFAL, lucas.monteiro@famed.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas – UFAL, melissa.goncalves@famed.ufal.br

⁴ Universidade Federal de Alagoas – UFAL, paulo.silva@famed.ufal.br

⁵ Universidade Federal de Alagoas – UFAL, gentileza.neiva@cbs.ufal.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DE 2 ANOS DE UM CENTRO DE REFERÊNCIA

ARAÚJO; Amanda Rodrigues de¹, ARAÚJO; Elaine da Silva Pires², MONTEIRO; Denise Leite Maia³, LACERDA; Isabel Maria Santos⁴, OLIVEIRA; Luana Rodrigues de⁵

RESUMO

Introdução: A violência sexual contra crianças e adolescentes apresenta consequências negativas na vida das vítimas, pois pode levar a problemas de saúde mental, sociabilidade e neurodesenvolvimento. **Objetivos:** Estudar os fatores associados à violência sexual contra crianças e adolescentes, acompanhadas no Centro de Assistência Multiprofissional à Violência Sexual (CAMVIS) do Hospital Geral de Nova Iguaçu (HGNI), na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo de corte transversal constituído por 172 meninas de 0 a 19 anos vítimas de violência sexual, em 2014 e 2015, divididas em <14 anos e de 14-19 anos. Os dados foram coletados por revisão dos boletins de atendimentos de emergência e prontuários do ambulatório especializado. **Resultados:** Os crimes ocorreram entre <14 anos em 51,7%, 78,1% delas eram pretas e mais de 90% frequentava a escola. Metade dos abusos contra <14 anos ocorreram dentro de casa, em comparação com as vítimas ≥14 anos, onde cerca de 90% dos atos aconteceram na rua. No grupo <14 anos, 89,1% conheciam o abusador contra 30,6% do grupo de vítimas ≥14 anos. Mais da metade das jovens de ambas as faixas etárias relataram emprego de algum tipo de força ou ameaça verbal por parte do autor da violência. Aproximadamente 60% das meninas em situação de vulnerabilidade tinham experimentado alguma situação de violência sexual prévia, contra 31,3% das jovens acima de 14 anos, as quais relataram esse tipo de experiência anteriormente. A comparação dos dois grupos mostra que há associação entre o local da agressão ($p<0,001$), o agressor ser pessoa de seu relacionamento ($p<0,001$) e haver uso de força no momento da violência ($p=0,02$). **Conclusão:** As vítimas >14 anos são mais suscetíveis a sofrerem a agressão em locais públicos por indivíduos desconhecidos, em contrapartida, quanto mais jovens, maiores as chances do estupro ser praticado por indivíduo conhecido, no ambiente familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Estupro. Ofensas Sexuais. Abuso Infantil. Adolescentes

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), aramed2015@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), elainepiresba@yahoo.com.br

³ Hospital Geral de Nova Iguaçu (HGNI), denimonteiro2@yahoo.com.br

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), isabelmslacerda@gmail.com

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), astuanaoliveira@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VIOLÊNCIA SEXUAL EM MENINAS DE 0 A 13 ANOS: PERFIL E CENÁRIO DA AGRESSÃO

ARAÚJO; Elaine da Silva Pires¹, ARAÚJO; Amanda Rodrigues de², COSTA; Julie Teixeira da³, CAVALCANTE; Mateus Benac⁴, MONTEIRO; Denise Leite Maia⁵

RESUMO

Introdução: A violência sexual contra crianças é um problema de saúde pública, negligenciado por longas décadas. Dados nacionais apontam que $\pm 50\%$ dos estupros ocorrem contra <14 anos, predominantemente do sexo feminino. **Objetivos:** Estudar o perfil e o cenário da violência sexual contra meninas de até 13 anos, acompanhadas em um centro de assistência multidisciplinar à vítimas de violência sexual, na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Métodos:** Estudo de corte transversal constituído por 89 meninas de 0 a 13 anos vítimas de violência sexual, em 2014 e 2015. Os dados foram coletados por revisão dos boletins de atendimentos de emergência e prontuários do ambulatório especializado. Foram analisadas as variáveis sociodemográficas das vítimas, alguns dados sobre o(s) agressor(es) e o cenário da agressão. **Resultados:** As vítimas <10 anos correspondem a 48,3% (43/89) dos crimes, sendo 79,5% pretas e 81,8% estudantes. As meninas de 10 a 13 anos totalizaram 51,7% (46/89) dos casos, 73,5% são pretas ($p=0,76$) e 96% ($p=0,21$) estudantes. No grupo <10 anos, todos os agressores eram conhecidos, nenhum foi preso, 50% fez uso de força e em 7,7% havia 2 agressores. No segundo grupo, 81,3% das meninas conheciam o agressor ($p=0,03$), apenas 1 foi preso, 61,5% ($p=0,64$) fizeram uso de força e em 21,2% eram 2 agressores ($p=0,14$). Sobre o local da violência, no grupo mais novo, 78,6% sofreu na casa da família, enquanto no grupo ≥ 10 anos, essa taxa foi 34,8% ($p=0,01$). Em relação à vítima, 18,2% usou algum tipo de droga e 20% teve indicação para profilaxia para Infecções Sexualmente Transmissíveis no grupo de <10 anos. Já entre 10-13 anos, essa porcentagem foi 10% e 63,2%, respectivamente. **Conclusão:** A violência sexual contra meninas até 13 anos costuma ocorrer no ambiente familiar, praticada por agressores conhecidos, o que aumenta o risco de cronicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Delitos Sexuais, Agressão, Criança, Adolescente

¹ Hospital Geral de Nova Iguaçu (CAMVIS) UNIG, elainespresba@yahoo.com.br

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), aramed2015@gmail.com

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), julieteixeira.uerj@gmail.com

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mateusbenac@gmail.com

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denimonteiro2@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INTERCORRÊNCIAS OBSTÉTRICAS NA ADOLESCÊNCIA E A MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

SILVA; Isabelle Oliveira Santos da¹, SANTOS; Beatriz Gomes dos², GUEDES; Liliane Santos³

RESUMO

Introdução: As intercorrências obstétricas são um dos principais fatores desencadeantes de morbimortalidade materna no Brasil. Aliado a isso, nas gestantes adolescentes, tem-se o agravante das vulnerabilidades correlatas a esta faixa etária, sendo um fator de risco para complicações materno-fetais. **Objetivo:** Identificar as intercorrências obstétricas características da gravidez na adolescência, e relacioná-las com a morbimortalidade de gestantes nessa faixa etária. **Métodos:** Realizou-se, mediante as orientações da Cochrane, uma revisão sistematizada, dos trabalhos publicados em português, entre os anos 2015 a 2020, com os descritores "Mortalidade Materna", "Gravidez na Adolescência" e "Complicações na Gravidez" nas bases de dados LILACS, SCIELO e PUBMED(MEDLINE), que apresentaram, respectivamente, 373,217 e 227 resultados. **Critérios para seleção:** título e/ou resumos pertinentes ao tema, metodologia, e verificação superior a 17 itens na "Declaração STROBE". Destes, 19 artigos foram selecionados para este estudo. **Resultados:** Dentro os artigos selecionados, daqueles que apresentaram o Índice de Gravidez na Adolescência e o Índice de Mortalidade Materna na Adolescência, observou-se uma média de 20,7% de gestantes adolescentes, e de 17% de mortalidade entre elas. Quanto às complicações obstétricas, dos 14 artigos que a abordaram estatisticamente, 11 afirmaram que as Doenças Hipertensivas são mais prevalentes na gestação, seguida por Distúrbios Hemorrágicos, Infecções Puerperais, Infecção no Trato Urinário e Abortos. Quanto às características socioeconômicas, abordadas em 26% dos estudos, o extremo de idade, a cor preta, a baixa renda e estado civil "solteira", são apontados como fatores de risco para intercorrências gestacionais. Ademais, em 12 estudos, ficou evidenciado que uma Atenção Básica eficaz, e um pré-natal adequado, são fatores imprescindíveis para evitar essas complicações. **Conclusão:** Portanto, verificou-se a necessidade do fortalecimento da Atenção Primária à Saúde, focalizando as principais intercorrências obstétricas, de modo a oferecer assistência, suporte e pré-natal adequados às gestantes adolescentes, visando reduzir as iniquidades e mitigar a morbimortalidade nesta faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: "Mortalidade Materna", "Gravidez na Adolescência" e "Complicações na Gravidez"

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, isabelleolive1ra@outlook.com

² Universidade Estadual de Santa Cruz, beatrizgomesdosantos10@gmail.com

³ Universidade Estadual de Santa Cruz, lylycas23@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS GESTANTES ADOLESCENTES NA CIDADE DE SINOP.

COLCENTE; Fernani José¹, PÊGO; Caio César Souza², ESTEVES; Walther de Lima³, CALICCHIO; Maria das Graças Silva de Mendonça⁴, MORAIS.; Michelle Damaceno⁵

RESUMO

1. Introdução. A gravidez e a maternidade na adolescência podem ser consideradas situações de vulnerabilidade quando envolvem dificuldades socioeconômicas e de acessibilidade aos serviços de saúde. 2. Objetivos. O estudo tem como propósito avaliar de forma quantitativa e qualitativa os atendimentos de pré-natal em gestações de adolescentes na cidade de Sinop, Mato Grosso. Assim, objetivou-se descrever o perfil sociodemográfico das gestações entre 10 e 18 anos no município. 3. Métodos. Foram analisados os dados de gestantes atendidas no Centro de Especialidades Médicas da cidade de Sinop durante o período entre 20 de maio e 19 de junho de 2020, local que engloba o atendimento pré-natal de gestantes que são de alto risco, que estão no último trimestre de gestação ou que possuem intercorrências obstétricas. Dentre o período supracitado, ocorreram 656 atendimentos, sendo que desses, 68 (10,36%) foram de mulheres entre 10 e 18 anos. 4. Resultados. Dentre os 68 atendimentos na faixa etária analisada (10 - 18 anos), todas se encontravam no terceiro trimestre de gestação. Constatou-se que 57 gestantes (83,8%) estavam fazendo o acompanhamento pré-natal previamente em sua respectiva Unidade Básica de Saúde, tendo realizado os exames preconizados pelo Ministério da Saúde. Já as demais adolescentes, não haviam sequer realizado alguma consulta. Logo, aproximadamente 16% das gestantes adolescentes não faziam acompanhamento pré-natal. Ademais, 53 gestantes (77,9%) relataram que a gravidez não foi planejada; 58 gestantes (85,2%) relataram terem baixas condições econômicas, com renda familiar individual abaixo de 1 salário mínimo; e 62 gestantes (91,1%) dizem depender exclusivamente da renda familiar. 5. Conclusão. O estudo mostra que a gestação em adolescentes ainda tem forte relação com baixos índices socioeconômicos, e a falta de informação sobre os riscos de vida sexual ativa sem métodos contraceptivos se mostra um dos principais fatores de risco para gestações não planejadas nessa faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Gestação, Adolescente, Pré-Natal, Sinop.

¹ UFMT - Campus Sinop, fj.colcente@hotmail.com

² UFMT - Campus Sinop, caiocs08@gmail.com

³ UFMT - Campus Sinop, waltheresteves@uol.com.br

⁴ UFMT - Campus Sinop, graca_vit@yahoo.com.br

⁵ UNIC - Campus Sinop, michelledamaceno43@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AVALIAÇÃO CLÍNICA DA MAMA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

MACHADO; Paulo Henrique Ramos de Oliveira¹, LOURENÇO; Sarah de Faria Veloso², MARTINS; Lucca Lopes³, LEITE; Patrícia Mendonça⁴

RESUMO

Introdução: As mamas iniciam seu desenvolvimento na 5ª semana de gestação e, em média, atingem a formação completa aos 15 anos. O surgimento alterações mamárias nessa faixa etária é causa de grande preocupação para os pais e para os profissionais de saúde. A falta de uma boa avaliação clínica pode gerar exames complementares dispensáveis e até mesmo tratamentos invasivos e desnecessários. **Objetivos:** O presente trabalho objetiva apresentar as características essenciais no exame clínico em crianças com lesões mamárias para que uma abordagem correta seja realizada. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura em que foi utilizada a plataforma Pubmed e selecionados artigos entre o período de 2010 a 2020. Os descritores utilizados foram os seguintes: breast; childhood; adolescent. **Resultados:** Dos artigos selecionados foram listados a lipomastia; hemangiomas/linfangioma; amastia/hipomastia; polimastia/politelia; assimetria/hipoplasia mamária; hipertrofia juvenil ou virginal; infecções mamárias; descarga mamária; mastalgia e massas mamárias como desordens relevantes da mama na infância e adolescência. Quanto ao manejo, em ambos os artigos foi evidenciado a anamnese e exame físico como as principais formas de avaliação clínica da mama em crianças e adolescentes, com eventuais usos de exames de imagem e procedimentos cirúrgicos. Quanto à anamnese foi apontada como fatores relevantes a pesquisa da duração do problema, do crescimento de massas, história de trauma, história familiar de desordens da mama, terapia de radiação torácica, uso de drogas, gravidez e regularidade do ciclo menstrual. Quanto ao exame físico, foram considerados nos estudos os seguintes fatores: localização, tamanho, presença de lesões císticas/sólidas, móveis/fixas, sensibilidade, sinais de inflamação, alterações de pele, descarga mamilar, linfadenopatia e organomegalias. **Conclusão ou considerações finais:** Com o desenvolvimento pleno das mamas na fase da adolescência, torna-se necessária uma avaliação clínica efetiva, a fim de possibilitar o tratamento adequado as alterações da mama na infância e adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Mama. infância. Adolescentes.

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, paulohrom.ph@gmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, sarahflorencio@gmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lucca.lm@hotmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, patriciamleite@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GINECOPATIAS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: CENÁRIO BRASILEIRO

MACHADO; Paulo Henrique Ramos de Oliveira¹, LEITE; Patrícia Mendonça², FERRO; Laura Dourado³, CARVALHO; Raquel Araujo⁴

RESUMO

Introdução: A assistência ginecologia na infância e adolescência apresenta diversas particularidades como a fatores psicológicos, físicos e sociais envolvidos. Tais particularidades representam atualmente um grande desafio ao profissional médico na busca do atendimento integral da criança e do adolescente. Sendo assim, torna-se fundamental conhecer o cenário dos atendimentos no Brasil e as principais afecções ginecológicas nessa população. **Objetivos:** Analisar o cenário brasileiro da Ginecologia na infância e na adolescência, destacando a proporção de atendimentos por faixa etária e os diagnósticos mais prevalentes. **Métodos:** Estudo analítico transversal com dados referentes à produção ambulatorial em serviços de Ginecologia conforme faixa etária entre janeiro de 2008 a junho de 2020, extraídos do TabNet (DATASUS). Além disso, foi realizada a busca de referencial teórico na base de dados PubMed, utilizando-se os descritores "ginecologia" AND "infância" AND "adolescência". **Resultados:** A produção ambulatorial em serviços de ginecologia e diagnóstico ginecológico em crianças e adolescentes correspondeu a um total de 1.053.933 atendimentos no período. Cerca de 85% (901.055) dos atendimentos se concentram na população menor de 1 ano de idade. Ao passo que, 13%, se concentram na população entre 15 e 19 anos. Enquanto isso, atendimentos na população entre 1 a 14 anos representam a parcela de 0,7% do total. Segundo o referencial teórico, os atendimentos em ginecologia na infância e adolescência diz respeito à puberdade precoce, puberdade tardia, amenorreia, malformação genital, dismenorréia, hemorragia uterina disfuncional, vulvovaginites, corrimento vaginal, aglutinação de ninfas e infecções sexualmente transmissíveis. Sendo as afecções mais frequentes da infância e adolescência, a aglutinação de ninfas e as vulvovaginites respectivamente. **Conclusão ou considerações finais:** Diante disso, transfigura-se como essencial o conhecimento das particularidades dessa faixa etária, assim como suas principais afecções ginecológicas, visto que representam uma parcela significativa dos atendimentos em serviços de ginecologia e obstetrícia do SUS.

PALAVRAS-CHAVE: Ginecologia. Crianças. Adolescentes.

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, paulohrom.ph@gmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, patriciamleite@hotmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lauraferro0302@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade de Rio Verde - UNIRV, raquel_araujo_10@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

**ÚLCERA DE LIPSCHÜTZ (LU) EM ADOLESCENTE, COMO MANIFESTAÇÃO DA PRIMÓINFECÇÃO POR EPSTEIN-BARR (EBV).
RELATO DE CASO.**

LACERDA; Marcela Ignacchiti¹, ZUNINO; Ana Ximena², CARVALHO; Mariana de Souza Ribeiro de³, MENEGUETTI; Maria Roberta⁴, JACYNTHO; Cláudia⁵

RESUMO

A ulceração genital aguda, também conhecida como "úlceras de Lipschütz", é uma condição incomum, autolimitada, não sexualmente transmissível, caracterizada pelo rápido início de ulcerações dolorosas na vulva ou vagina inferior. Geralmente ocorre em adolescentes ou mulheres jovens sexualmente inativas. Inúmeros estudos correlacionam o seu aparecimento após primoinfecção pelo EBV, CMV, micoplasma e outras. Entretanto, é um diagnóstico de exclusão, após afastar ISTs, traumas, doenças autoimunes, neoplasias e erupções fixas por drogas. A incidência, ainda, é desconhecida e não há tratamento específico. Apesar de rara, essa condição, deve ser um dos diagnósticos diferenciais de úlceras genitais. Adolescente, 14 anos com "úlceras vulvares" dolorosas, de início recente. Refere há 7 dias astenia e febre. Nega artralgia, sintomas oculares e aftas. Ao exame, presença de faringite e úlcera na vulva (Fig. 1). Nega história prévia de relações sexuais consentidas e ou abuso. Foram realizadas sorologias para infecções virais, ISTs, tratamento sintomático e corticoterapia oral por 3 dias, por dor intensa refratária. Confirmação diagnóstica, resultado + da sorologia para EBV, evolução favorável com resolução da lesão em 3-5 semanas (Fig 2,3) e sem recorrência após 12 meses. Relatamos caso de LU, ressaltando o diagnóstico essencialmente clínico. Os critérios clínicos para o diagnóstico foram definidos por Fahri et al. (1), sendo necessário pelo menos 4 principais e 1 menor. Em nosso relato, a paciente preenchia todos os critérios, exceto lesão simétrica. Embora as causas e mecanismos específicos ainda não sejam bem compreendidos, estudos mostraram associação com infecções virais como EBV. No presente caso, a existência de sintomas clínicos, lesão vulvar típica e o resultado laboratorial sugeriram o diagnóstico, corroborando para boa condução e evitando biopsias e tratamentos agressivos. O uso de corticoides sistêmicos, apesar de controverso na literatura, foi uma opção de exceção devido a extensão, profundidade da úlcera e dor refratária a analgésicos (2).

PALAVRAS-CHAVE: Úlcera de Lipschütz, Epstein-Barr, Úlcera genital

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), marcelaiglacerda@hotmail.com

² Universidade Estadual do Pará, marimari_carvalho@hotmail.com

³ Hospital Federal Cardoso Fontes, betameneguetti@yahoo.com.br

⁴ Hospital dos Servidores do Estado, c.jacyntho@yahoo.com.br

⁵



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RAZÃO DE MORTALIDADE MATERNA POR ECLÂMPسيا E PRÉ-ECLÂMPسيا EM ADOLESCENTES: DESIGUALDADES ENTRE AS CINCO REGIÕES BRASILEIRAS ENTRE 2008 E 2018

ANDRADE; Jéssica Moreno Soledade de¹, BESSA; Bruna Valentim Amichi², VITAL; Caroline Luz³, OLIVEIRA; Alice Rios de⁴, MACHADO; Márcia Sacramento Cunha⁵

RESUMO

Introdução: As síndromes hipertensivas gestacionais configuram uma das principais causas de morbimortalidade materna mundial, sobretudo em países em desenvolvimento. Sua incidência varia de 2 a 8%, enquanto no Brasil, pode ultrapassar 10%. É registrada maior prevalência desses agravos nos extremos de idade reprodutiva, abarcando a adolescência (10-19 anos). Justifica-se a relevância do estudo se considerarmos o risco obstétrico e neonatal e sua natureza potencialmente evitável. **Objetivo:** Descrever a razão de mortalidade materna (RMM) da doença hipertensiva específica da gravidez (DHEG) em óbitos maternos em adolescentes nas cinco regiões do Brasil entre 2008-2018. **Métodos:** Estudo ecológico com dados obtidos no TABNET/DATASUS. Calculou-se a RMM, sendo o numerador o número de casos de óbitos maternos de mulheres com idade entre 10 e 19 anos notificados como DHEG, segundo as categorias CID-O14 (pré-eclâmpسيا) e CID-O15 (eclâmpسيا), dividido pelo número de nascidos vivos multiplicados por 100.000 no período de 2008-2018. **Resultados:** No Brasil entre 2008-2018, foram registrados 344 óbitos por eclâmpسيا e 149 por pré-eclâmpسيا, cuja RMM foi de 1,07 e 0,46 por 100.000 nascidos vivos (nv), respectivamente. Houve discrepâncias das taxas entre as regiões: a menor para eclâmpسيا observada no Sul de 0,28 e a maior no Norte com 2,81 por 100.000 nv. Para pré-eclâmpسيا, Sul permaneceu com a menor taxa (0,28) e o Nordeste se destacou com 0,70 por 100.000 nv. As maiores taxas ocorreram em 2008: 1,70 por 100.000 nv para eclâmpسيا e 0,41 por pré-eclâmpسيا, sendo, Norte (41,67%) e Nordeste (58,33%), juntos, responsáveis por todos óbitos nacionais de pré-eclâmpسيا, e destaque dos óbitos por eclâmpسيا: (18,00%) e (52,00%), respectivamente. **Conclusão:** Verificou-se discrepância na RMM nas regiões brasileiras, sobretudo quanto a Norte/Nordeste e Sul. É necessária atenção às regiões supracitadas, com maior aprofundamento nos estudos, respaldando a implementação de políticas públicas eficazes no enfrentamento do agravo.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-eclâmpسيا, eclâmpسيا, gravidez na adolescência, mortalidade materna, hipertensão induzida pela gravidez.

¹ Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), jessicasoledade@hotmail.com

² Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), amichibruna@gmail.com

³ Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), carolinevital@outlook.com

⁴ Acadêmica de Medicina da UNIME, aliceriosdeoliveira@gmail.com

⁵ Professora Adjunta da UFBA e EBMS, marciascmachado@uol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ECLÂMPسيا E PRÉ-ECLÂMPسيا EM ADOLESCENTES: UM ESTUDO DESCRITIVO NA PERSPECTIVA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NAS CINCO REGIÕES BRASILEIRAS ENTRE 2008 E 2018

VITAL; Caroline Luz¹, BESSA; Bruna Valentim Amichi², ANDRADE; Jéssica Moreno Soledade de³, OLIVEIRA; Alice Rios de⁴, MACHADO; Márcia Sacramento Cunha⁵

RESUMO

Introdução: No Brasil, a doença hipertensiva específica da gravidez (DHEG) é um problema de saúde pública. Considerando a alta morbimortalidade materna e neonatal, com caráter evitável, é importante identificar seus fatores de risco: baixa renda e escolaridade, ausência de parceiro, etnia negra, falta de acesso a serviço de saúde, extremos da idade reprodutiva. A adolescência (10 a 19 anos) associa-se à tendência a comportamento de risco à saúde, podendo explicar a alta incidência desses agravos nessa população. **Objetivo:** Descrever o perfil sociodemográfico dos óbitos maternos em adolescentes na presença de DHEG nas regiões brasileiras entre 2008-2018. **Métodos:** Estudo ecológico utilizando dados disponibilizados na plataforma TABNET/DATASUS sobre variáveis em óbitos maternos de mulheres com idade entre 10 e 19 anos notificados como DHEG, conforme as categorias CID-O14 (pré-eclâmpسيا) e CID-O15 (eclâmpسيا) entre 2008-2018. Variáveis categorizadas em: raça, escolaridade, estado civil e local de falecimento. **Resultados:** Identificaram-se 493 adolescentes brasileiras acometidas por DHEG com perfil similar entre as regiões no período estudado: predominaram pardas (menor frequência de 50% no Sudeste), exceto na região Sul, onde com maioria branca (70,83%) e nenhuma indígena (o mesmo observado no Sudeste); a maioria estudou de 4 a 7 anos ($\geq 35,71\%$ no Sudeste), com exceção no Sul, onde as adolescentes estudaram de 8 a 11 anos (58,33%). Em todas regiões, prevaleceram jovens solteiras (58,62% no Norte e 82,14% no Sudeste). O local prevalente de óbitos em todas regiões foi em âmbito hospitalar (100% na região Sul) ou outro estabelecimento de saúde, entretanto, Norte (0,86%) e Nordeste (2,88%) foram as únicas regiões que apresentaram dados de óbitos em via pública. **Conclusão:** Pode-se definir o perfil sociodemográfico das jovens como pardas, solteiras e baixa escolaridade. Demonstra-se a necessidade de outras pesquisas analisando o acompanhamento pré-natal para avaliar possível mudança do desfecho do óbito para este agravo.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-eclâmpسيا, eclâmpسيا, gravidez na adolescência, hipertensão induzida pela gravidez, gestação de alto risco.

¹ Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), carolinevital@outlook.com

² Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), amichibruna@gmail.com

³ Acadêmica de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), jessicasoledade@hotmail.com

⁴ Acadêmica de Medicina da UNIME, aliceriosdeoliveira@gmail.com

⁵ Professora Adjunta da UFBA e EBMS, marciasmachado@uol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

IMPACTO E REPERCUSSÕES DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

FIGUEIREDO; Larissa Paola Ferreira¹, DUTRA; Juliana Pinheiro², FARIA; Melina Cançado Araújo³

RESUMO

INTRODUÇÃO: A violência sexual pode gerar, além dos danos no momento, sequelas permanentes e que impactarão na vida da vítima, principalmente quando sofrida na infância ou adolescência. O bem-estar físico e emocional da criança é a principal preocupação. Muitas vezes, os profissionais que identificarão essa situação são os pediatras e ginecologistas. **OBJETIVOS:** revisão sistematizada sobre os impactos da violência sexual na vida de vítimas crianças e adolescentes. **MÉTODOS:** Realizada busca na base de dados PUBMED sobre violência sexual em crianças e adolescentes. **RESULTADOS:** Crianças suspeitas de serem vítimas de violência sexual devem ser encaminhadas a um profissional de saúde mental para avaliação e aconselhamento. Para aquelas que desenvolvem sequelas psicológicas como resultado de abuso sexual, a terapia cognitivo-comportamental (TCC), como parte de uma intervenção psicossocial mais ampla, apresenta impacto positivo nas sequelas imediatas e de longo prazo. As repercussões futuras dependem de diversos fatores, como revitimização, polivitimização, duração do abuso, grau de relacionamento com o autor, entre outros. Sequelas de curto prazo (dois anos após o ataque) incluem fobias, culpa, vergonha, raiva, depressão, problemas escolares, delinquência, hostilidade e comportamento antissocial. Efeitos a longo prazo incluem distúrbios orgânicos, comportamentais e psiquiátricos, como: depressão, alterações alimentares e no sono, sentimentos de isolamento, estigmatização, baixa auto-estima, dificuldade em relacionamentos interpessoais, disfunções sexuais, revitimização, abuso de substâncias, suicídio e psicose. As vítimas estariam mais propensas a apresentar alterações emocionais na vida adulta, como dificuldade em lidar com as emoções, seja por agressividade ou entorpecimento emocional. **CONCLUSÃO:** Muitas vezes, a criança e o adolescente vítimas de violência sexual, serão inicialmente atendidos pelo ginecologista. É fundamental o acolhimento e tratamento com equipe multidisciplinar (incluindo profissionais da saúde mental) para auxiliar o indivíduo e reduzir as sequelas a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso, violência, ginecologia da adolescente, pediatria, infância

¹ UFMG, lariffp.ferreira@gmail.com

² UFMG, drajulianadutra@gmail.com

³ Mater Dei, melinacafaria@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PREVALÊNCIA DE ALEITAMENTO MATERNO ENTRE ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE GOVERNADOR VALADARES – MINAS GERAIS

IZIDORO; Natália Oliveira¹, MAGEVSKI; Karolina Bortolini², FORTES; Ramon Silva³, SIMÕES; Milena Oliveira⁴, ALVES; Waneska Alexandra⁵

RESUMO

Introdução: O aleitamento materno (AM) é recomendado pela Organização Mundial da Saúde de forma exclusiva até seis meses de vida e complementado até ≥ 02 anos. Para as nutrizes, a amamentação oferece benefícios como proteção para diabetes tipo II, retorno mais rápido ao peso pré-gestacional e aumento do espaçamento entre gestações. Entretanto, a prevalência da amamentação no Brasil (2013) foi de apenas 52,1%, sendo a adolescência fator de risco para a não amamentação e o desmame precoce. **Objetivo:** Analisar a prevalência de AM aos quatro meses pós-parto entre mães adolescentes do município de Governador Valadares, MG. **Métodos:** Estudo descritivo parte da pesquisa “Consumo alimentar de gestantes adolescentes e retenção de peso pós-parto: um estudo de coorte”. Trata-se de um censo abrangendo todas as puérperas adolescentes (idade <20 anos) residentes no município que tiveram o parto nas três maternidades locais entre 10/2018 e 10/2019. A coleta de dados ocorreu por questionário nas primeiras 48h pós-parto e no 4º mês pós-parto. Os dados foram analisados no software Stata@16.0. **Resultados:** Foram entrevistadas 367 mães (taxa de resposta 97,9%) com idade média de 17,6 anos ($\pm 1,57$). Destas, a maioria era da cor parda (77,8%), primípara (82,3%) e 71,6% realizaram ao menos seis consultas pré-natais. Ao parto, 97,8% pretendia amamentar por 11,3 \pm 6,67 meses, em média. Aos quatro meses pós-parto, 75,4% das mães mantiveram a amamentação, mas somente 21,5% oferecia exclusivamente leite materno (de forma que 78,5% já havia introduzido outra forma de leite, alimento ou água). **Conclusão:** Verifica-se que, apesar da elevada intenção de amamentar, há baixa prevalência de aleitamento exclusivo ao 4º mês pós-parto. Deve-se considerar que a lactação é envolta por grande carga emocional e, na adolescência, somam-se outros fatores psicológicos, fisiológicos e inexperiência para lidar com a condição de mãe, sendo necessária uma forte rede de apoio profissional no pré-natal, parto e pós-parto.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, aleitamento materno, estudos descritivos.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus avançado Governador Valadares, nataliaizidoro1@hotmail.com

² Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus avançado Governador Valadares, karolbortolini@gmail.com

³ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus avançado Governador Valadares, ramonfortes@outlook.com

⁴ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus avançado Governador Valadares, mih.simoes@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus avançado Governador Valadares, waneska.alves@ufff.edu.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE DA ADEÇÃO À VACINA CONTRA O PAPILOMAVÍRUS HUMANO NO BRASIL E AS BARREIRAS À VACINAÇÃO

LADEIA; Matheus Salles ¹, FERNANDES; Carolina Rossato ², MARANI; Rariane Bernardino ³, MORAES; Fernanda Silva de ⁴

RESUMO

Autores: Ladeia, M.S.; Fernandes, C.R.; Marani, R.B.; Moraes, F.S.; Introdução: A vacinação contra o HPV representa a forma mais eficaz de prevenção primária ao câncer de colo uterino. O advento da vacina do HPV e a adoção do modelo quadrivalente pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) trouxe o benefício da prevenção, abrangendo meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Objetivos: Analisar a adesão da população para a vacina contra papilomavírus humano (HPV) no Brasil, nos anos de 2014 e 2019. Métodos: Estudo descritivo, com análise quantitativa, de dados coletados do Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS, http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?bd_pni/dpnibr.def), do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI, <http://pni.datasus.gov.br/>) referente a todo território nacional e análise de revisões sistemáticas por meio de bancos de dados eletrônicos. Resultados: Houve uma queda significativa entre o ano de início da aplicação da vacina (2014) em que tivemos 7.988.677 milhões de doses aplicadas e o ano de 2019 com 4.454.454 milhões de doses aplicadas. Percebe-se então uma redução de quase 45% no total de doses aplicadas entre o primeiro ano da campanha nacional de imunização e a última campanha realizada. A redução se aproxima a 50% quando analisamos isoladamente a primeira dose da vacina. Dentre as causas que podem justificar a redução do número de vacinados inclui-se a falta de informações sobre os benefícios da vacinação, preocupações relacionadas ao impacto da vacina no comportamento sexual e percepções negativas baseadas em informações falsas sobre o assunto. Considerações finais: É preciso esforços contínuos e investimentos em campanhas sólidas e concisas, além de educação em saúde sexual para vencer barreiras e difundir informações, visando um número cada vez maior de vacinados.

PALAVRAS-CHAVE: papilomavírus, saúde sexual, vacinação

¹ UNICESUMAR, salles_matheus@hotmail.com

² UEL, carolrossato@gmail.com

³ UNICESUMAR, rarimarani@gmail.com

⁴ UNICESUMAR, ferzinhinha_moraes@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MANEJO DE UMA PACIENTE GESTANTE COM ANEMIA GRAVE MULTIFATORIAL E CO-INFECTADA PELOS VÍRUS HIV E HTLV: EXPERIÊNCIA DOS SERVIÇOS DE OBSTETRÍCIA E HEMATOLOGIA EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

VALENÇA; Sarah Queiroz¹, RISCAROLLI; Enrico Bruno², VALVIESE; Vitor Ribeiro Gomes de Almeida³, ROCCO; Regina⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO A assistência ao período gestacional promove um maior vínculo entre mulher e serviço de saúde, possibilitando diagnóstico e tratamento de infecções como HIV e sífilis. Sabe-se, inclusive, que a anemia é uma situação comum e multifatorial no período gestacional. Este trabalho tem como objetivo apresentar o caso de uma gestante em situação de vulnerabilidade social com co-infecção de HIV, HTLV e sífilis, que apresentou anemia grave. **RELATO DO CASO** AVMS, 23 anos, G-II P-0 A-I, aborto espontâneo em 2015. Solteira sem companheiro, gravidez não planejada, desconhece o progenitor. Ensino fundamental incompleto, sem renda mensal, nunca trabalhou. Usuária de cocaína e loló, suspensos ao descobrir gestação, na 20ª semana. Diagnóstico de HIV em 2017, sem adesão ao tratamento. Episódios de sífilis em 2015 e em 2020. Compareceu a oito consultas de pré-natal. Sorologia de HTLV 1 e 2 positivos. Anemia durante a gestação, sem resposta ao ferro oral. Desfecho com parto cesáreo sem intercorrências com IG de 39 semanas e 6 dias. Alta hospitalar após 5 dias devido quadro de fraqueza em MMII, incontinência urinária e permanência de anemia. **COMENTÁRIOS** O caso apresenta a condução da gestação de jovem em vulnerabilidade social, início tardio do pré-natal e sem tratamento antirretroviral. O esquema ARV foi eficaz com controle virológico e o tratamento da sífilis foi adequado, com VDRL 1/2 no parto. Com diagnóstico de HTLV e a permanência da fraqueza muscular suspeitou-se de paraparesia espástica tropical, encaminhada para serviço de neurologia. Além disso, a incontinência urinária durante a internação levou à hipótese de bexiga neurogênica. A anemia foi investigada no puerpério imediato devido piora laboratorial (Hb 6g/dL) e necessidade de transfusão de dois concentrados de hemácias. Cinética de ferro revelou a possibilidade da coexistência da anemia da inflamação e ferropriva, sendo indicada reposição parenteral de ferro pela desabsorção relacionada à inflamação.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez, HIV, HTLV

¹ UNIRIO, valenca.sarah@gmail.com

² UNIRIO, enrico.riscarolli@hotmail.com

³ UNIRIO, vvalvesse@gmail.com

⁴ UNIRIO, regina.rocco@pobox.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PREVALÊNCIA DE COINFEÇÃO POR SÍFILIS E HIV EM ADOLESCENTES NO BRASIL

FERRO; Laura Dourado¹, LEITE; Patrícia Mendonça², MACHADO; Paulo Henrique Ramos de Oliveira³, ASSIS; Larissa de Moura Goulart⁴, AMARAL; Waldemar Naves do⁵

RESUMO

Introdução: Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) representam um grave problema de saúde pública no Brasil. Adolescentes possuem maior risco de adquirirem ISTs que adultos devido à maior frequência de práticas sexuais não seguras. Nos últimos anos, observou-se recrudescimento de casos de coinfeção por sífilis-HIV em adolescentes. Dessa forma, é relevante obter dados epidemiológicos sobre esse tema a fim de orientar medidas de saúde pública mais efetivas a essa população. **Objetivos:** Analisar a prevalência de coinfeção por sífilis-HIV em adolescentes no Brasil. **Métodos:** Revisão de literatura com análise de artigos disponíveis nas bases de dados PubMed, BVS e CAPES, utilizando-se os descritores “syphilis” AND “hiv” AND “coinfection” AND “adolescent” AND “Brazil”. Foram incluídos artigos de 2010 a 2020 que abordassem o tema proposto e excluídos aqueles não relacionados ao tema, restando para análise 9 dos 60 artigos encontrados. **Resultados:** Em um estudo em Feira de Santana, foram atendidos 3.482 adolescentes de 11 a 18 anos entre 2003 e 2012, sendo 19% do sexo masculino, 34% não gestantes do sexo feminino e 47% gestantes. A prevalência de sífilis foi de 0,86% (1,95% em homens, 1,18% em mulheres não gestantes e 0,18% em gestantes). A coinfeção sífilis-HIV foi constatada em 100% dos homens e em 78,6% das não gestantes, observando-se associação neste último grupo entre sífilis e procura do serviço devido à exposição ou suspeita de IST/AIDS, uso de drogas e consumo de álcool. Por fim, verificou-se que relação sexual associada ao reduzido uso de preservativos foi a principal forma de exposição a essas doenças. **Conclusão ou considerações finais:** A adolescência caracteriza-se como um momento de especial vulnerabilidade para comportamentos de risco, aumentando, assim, o risco para ISTs, como sífilis e AIDS. Portanto, é necessário que estratégias de prevenção e educação em saúde sejam desenvolvidas especialmente para esta população, considerando-se suas características particulares.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis, HIV, coinfeção, adolescente.

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lauraferr0302@gmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, patriciamleite@hotmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, paulohrom.ph@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, larissa.goulartm@hotmail.com

⁵ Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, waldemar@sbus.org.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE DA EFICÁCIA DA TERAPIA DE REPOSIÇÃO ESTROGÊNICA EM MENINAS COM SÍNDROME DE TURNER: UMA REVISÃO

GUIMARÃES; Antônio Carlos Pinto¹, BEDETTI; Aline Dias², COSTA; Ana Caroline³, BRAGA; Ana Luiza Couto⁴, FERREIRA; Tiago Pedrosa⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A Síndrome de Turner (ST) é uma condição genética associada à perda parcial ou completa de um cromossomo X, resultando comumente em cariótipos mosaicos. Sua principal característica é a disgenesia gonadal relacionada à insuficiência de hormônios sexuais femininos, provocando manifestações corporais como baixa estatura/distúrbios metabólicos, mas, principalmente manifestações ginecológicas, como puberdade tardia/infertilidade. Para contorná-las, a Terapia de Reposição Estrogênica (TRE) tem sido recomendada. **OBJETIVOS:** Revisar a literatura acerca da eficácia da TRE na indução da puberdade em meninas com ST. **METODOLOGIA:** Foi feita busca de coortes ou ensaios clínicos no PUBMED, BVS e SCIELO com os descritores “hormonal replacement therapy”, “puberty”, “Turner Syndrome”, no período de 2014 a 2020 e com o filtro “texto completo”. Os artigos deveriam incluir meninas com ST submetidas à TRE e puberdade. Os critérios de exclusão foram estudos com abordagem exclusiva de tratamento com hormônio do crescimento (GH). **RESULTADOS:** Foram encontrados 34 artigos não duplicados, destes 4 foram elegíveis após aplicação de critérios de inclusão/exclusão. Todos os artigos selecionados consideraram que a TRE, com administração majoritariamente de etinilestradiol oral na dose de 2mg/dia, é importante para induzir as alterações puberais, já que a maioria das meninas portadoras de ST não as atingem espontaneamente. Observou-se em um deles que a TRE, quando feita em doses estrogênicas superiores 4mg/dia (associado a 1mg de acetato de noretisterona) em períodos determinados do ciclo menstrual, é capaz de aumentar significativamente o volume uterino, sendo comparado ao de controles saudáveis. Dois estudos demonstraram que o tempo para indução da puberdade é menor em meninas com mosaïcismo, sugerindo a existência de diferenças na sensibilidade tecidual ao estrógeno relacionadas ao cariótipo. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que mais estudos são necessários para a construção de um protocolo seguro de TRE nessas pacientes, especialmente tendo em vista as repercussões de cada cariótipo.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia de Reposição Hormonal, Puberdade, Síndrome de Turner, Ginecologia, Adolescente.

¹ Faculdade de Medicina, acpgui@gmail.com

² Universidade de Itaúna, alinebedetti@yahoo.com.br

³ Escola de Medicina (EMED), ana.caroline.98.ac@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Ouro Preto, analuizacoutobraga06@gmail.com

⁵ Escola de Medicina (EMED), ioliagopf@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RELATO DE CASO DE HEMATOMA VULVAR EM ADOLESCENTE PÓS-COITO CONSENTIDO. POR QUE A CAUSA É IMPORTANTE?

LIMA; Aline Lopes¹, ATHAYDE; Carmen Lúcia de Abreu², TEIXEIRA; Izabel Cristina dos Santos³

RESUMO

Os traumas genitais envolvendo a vulva, lábios, clitóris, vagina e estruturas urogenitais e anogenitais requerem uma abordagem organizada para diagnóstico, triagem e conduta. Paciente de 15 anos internada há 5 dias em uma emergência municipal apresentando hematoma de vulva, referindo aparecimento após esforço físico com levantamento de um balde de água. Durante a internação nesta emergência foi realizada tomografia computadorizada da pelve evidenciando formação sugestiva de hematoma localizada em grande lábio direito e vulva, se estendendo até hipogástrio medindo 13,4 x 9,8 x 4,2 cm. Foi transferida para serviço de Ginecologia do Hospital Universitário Antonio Pedro, onde, após anamnese cuidadosa, detalhada e direcionada, quando foi questionada sobre a causa alegada do trauma, a adolescente relatou que o levantamento de peso foi precedido por intercurso sexual consentido. Evoluiu com quadro de dor e edema em vulva quando procurou a emergência municipal. Na história ginecológica relatou menarca aos 13 anos, nuligesta, número de parceiros desconhecido, uso de preservativo, e informava relação sexual consentida e continuada com o mesmo parceiro, enfatizando que não se tratava de violência sexual. Foi abordada com drenagem em centro cirúrgico sob anestesia devido extensão do hematoma e dor refratária às medicações, com saída de grande quantidade de coágulos. Evoluiu com pós-operatório satisfatório. Comentários: O atendimento a crianças e adolescentes com trauma genital impõe que a avaliação da história seja compatível com o exame físico. Inconsistências entre a história e o exame físico devem levar à suspeição de violência sexual. Neste caso, a história contada pela adolescente no primeiro atendimento não revelava a real etiologia do trauma e não foi questionada durante o tempo em que ficou internada em outra unidade de saúde. Situações semelhantes, quando não adequadamente investigadas nos serviços de saúde, podem levar à perpetuação de situações de violência sexual a esta clientela.

PALAVRAS-CHAVE: Lesões acidentais, saúde do adolescente, cuidados médicos

¹ Hospital Universitário Antônio Pedro / Universidade Federal Fluminense, alineayu@hotmail.com

² Hospital Universitário Antônio Pedro / Universidade Federal Fluminense, carmenathayde@uol.com.br

³ Hospital Universitário Antônio Pedro / Universidade Federal Fluminense, bebel_spa@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O COMBATE DA VIOLÊNCIA SEXUAL: UMA REVISÃO SISTEMATIZADA.

BEZERRA; Sílvia Maria Gonçalves Luz Barros¹, COSTA; Ynarha Farias², PEREIRA; Natalia Lipay³, HADDAD; Mikhail Philippe⁴, SOUZA; Maria de Fátima Marinho de⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Caracterizando um problema grave e persistente de saúde pública, a violência sexual contra crianças e adolescentes é definida como toda atitude com finalidade de satisfação sexual praticada por um maior contra crianças e/ou adolescentes através de violência física ou coerção. Esse tipo de violência, que deixa sequelas físicas e psicológicas na vida da vítima, pode ser combatido através de orientação educacional, visto que conhecer e entender um mal é o primeiro passo para anulá-lo.

OBJETIVOS: Discutir a importância da educação sexual para o combate à violência sexual contra crianças e adolescentes. **MÉTODOS:** Revisão realizada através das bases de dados PUBMED e LILACS utilizando os descritores “Sex Education”, “Sexual Violence” e “Child Abuse”, e duas leis nacionais que remetem aos direitos das crianças e adolescentes e propõem a organização do sistema socioeducativo brasileiro. Foram encontrados 14 artigos, 8 foram excluídos por abordar faixa etária adulta e 3 por não abordarem o tema principal, e 3 artigos foram selecionados por abordarem o público-alvo pediátrico, no ano de 2015 e 2020.

RESULTADOS: Através de análises comparativas nota-se que os países que adotaram educação sexual na grade curricular escolar apresentaram um melhor índice de combate à violência sexual infantojuvenil.

CONCLUSÃO: A violência sexual de crianças e adolescentes é um problema de saúde global. Dessa forma, há a necessidade de implementar e facilitar o acesso à educação sexual, garantindo informação a essa população. Informadas, crianças e adolescentes, frente a um ato de violência sexual, podem identificar e buscar a ajuda adequada, diminuindo, com isso, sua vulnerabilidade e aumentando sua proteção.

PALAVRAS-CHAVE: Sex Education, Sexual violence, Child Abuse.

¹ Universidade Católica de Pernambuco, silvialuz_bezerra@hotmail.com

² Universidade Católica de Pernambuco,

³ Universidade Católica de Pernambuco,

⁴ Universidade Federal de Pernambuco,

⁵ Universidade Católica de Pernambuco,



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍFILIS PRIMÁRIA EM ADOLESCENTE DE RIBEIRÃO PRETO: UM RELATO DE CASO

CALDANA; Nárima¹, DIAS; Cleusa Cascaes², GONÇALVES; Larissa Abrão Lucante³, ALVES; Luiza Paulino⁴, LOPES; Mariana Bucci⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO A sífilis tem alarmado os serviços de saúde do Brasil pelo seu crescimento atual, exemplificada pela taxa de detecção que passa de 34,1 casos/100.000 habitantes em 2015 para 75,8 casos/100.000 habitantes em 2018, abrangendo diversas classes sociais e idades, especialmente a adolescência. Devido aos dados alarmantes, com 601 casos novos em 2013 e em 2018 serem contabilizados 1.278 casos somente em Ribeirão Preto, será relatado um caso de uma adolescente com sífilis primária. **RELATO DE CASO** I.R.T., 15 anos, comparece a uma Unidade Básica de Ribeirão Preto, em julho de 2020, queixando-se de prurido e ferida na vulva há 2 semanas. Relatou que teve sua primeira relação sexual há 2 meses sem preservativo e o namorado percebeu uma lesão no pênis, como uma “ferida”, também há 2 semanas. Ao exame físico, apresentou lesão ulcerada, de fundo limpo, bordas elevadas, avermelhada, indolor, de 1,5 cm em seu maior diâmetro, sem linfadenopatia inguinal, característica de sífilis primária. As sorologias solicitadas resultaram: anti-HIV não reagente; HbsAg não reagente; anti-HCV não reagente; teste treponêmico para sífilis reagente (4.96 CO) e VDRL reagente (1/1). Paciente foi orientada e tratada com Penicilina Benzatina 1,2 milhões UI, 2 ampolas em dose única. Realizamos busca ativa do parceiro, porém sem sucesso. Orientada quanto a métodos comportamentais e retorno em 40 dias para reavaliação e repetir sorologias. **COMENTÁRIOS** Diante do caso exposto, vê-se que a sífilis está cada vez mais presente na população de escolares, o que causa impacto na vida sexual, social e pode acarretar lesões neurológicas, caso não sejam diagnosticadas e tratadas corretamente. A atividade sexual dos adolescentes aumentou nas últimas décadas, tornando-se ainda mais necessário orientar a população jovem quanto à educação sexual, uso de preservativos, a fim de prevenir não só a infecção por *Treponema pallidum* como outras DSTs, além da gravidez na adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis na adolescência, sífilis primária, cancro duro

¹ Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto/SP, narimacaldana@hotmail.com

² Centro Universitário Barão de Mauá, cleusa.dias@barodemaui.br

³ Centro Universitário Barão de Mauá, larissaabrao3@gmail.com

⁴ Centro Universitário Barão de Mauá, luizapaulinoalves@gmail.com

⁵ Centro Universitário Barão de Mauá, mariana.bucci@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MANEJO CIRÚRGICO, DRENAGEM DE HEMATOCOLPO E CORREÇÃO DE SEPTO HEMIVAGINAL RELACIONADAS À SÍNDROME DE HERLYN-WERNER-WUNDERLICH (SHWW) - RELATO DE CASO.

ROCHA; Clarissa Lisbôa Arla da ¹, COSTA; Luis Eugênio de Medeiros ², NICOLA; Gabriel Zago ³, GALHARDO; Jaqueline Yonara da Silva ⁴, BAKRI; Shiren Fathi Yusef ⁵

RESUMO

Introdução: A síndrome de Herlyn-Werner-Wunderlich (SHWW) é uma alteração morfológica congênita rara, sem etiologia definida e desencadeada por falhas no desenvolvimento, fusão ou reabsorção dos ductos müllerianos. É caracterizada pela tríade: útero didelfo, septo hemivaginal e agenesia renal ipsilateral. Há divergências sobre os valores encontrados para prevalência da síndrome. Estima-se que seja entre 0,1% a 3,8%. **Relato do caso:** A.K.S., 15 anos, menarca aos 12 anos, ciclos menstruais regulares, negava sexarca, em uso de anticoncepcional oral, encaminhada ao ambulatório de ginecologia do Hospital São Francisco de Paula da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) para investigação de massa abdominal palpável ao exame físico associada a algia pélvica. Realizada consulta com cirurgião oncológico sob suspeita de tumorações em cavidade uterina e ovários, reforçadas por histórico positivo familiar de câncer de ovário e por resultado de CA 125 elevado (75,1 U/mL). Para confirmação da hipótese diagnóstica foi realizada ultrassonografia (US) e tomografia computadorizada (TC), constatando rim único a direita e útero bicornio associado à compressão da bexiga e do reto sigmoide por massa pélvica volumosa a esquerda, que, após imagens, suspeitou se tratar de hematocolpo. Programou-se procedimento cirúrgico para drenagem, confirmando hematocolpo e dando saída a abundante secreção sero-hemática. Durante procedimento observou-se presença de septo hemivaginal e dois colos uterinos independentes, confirmando diagnóstico para SHWW. Optou-se por realização de cirurgia para correção de septo vaginal (septostomia) em um segundo momento. Paciente evoluiu bem nos dois pós operatórios com auxílio de antibioticoterapia. **Comentários:** É fundamental o conhecimento da SHWW por parte dos profissionais de saúde para viabilizar o diagnóstico precoce, uma vez que se trata de uma anomalia rara e pouco conhecida que, se diagnosticada e tratada tardiamente, pode trazer muitas complicações na adolescência e prejuízos na vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: útero Didelfo, hematocolpo, septo hemivaginal.

¹ Universidade Católica de Pelotas, clarissa.rocha@hotmail.com

² Universidade Católica de Pelotas, luiseugenioocosta@hotmail.com

³ Universidade Católica de Pelotas, gnicola2@hotmail.com

⁴ Universidade Católica de Pelotas, jaqueline_yonara@hotmail.com

⁵ Universidade Católica de Pelotas, shirenf@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PREVALÊNCIA DA MORTALIDADE MATERNA EM ADOLESCENTES NO BRASIL ENTRE 2014-2018

FRANCO; Louise Vargas Polaro¹, CARMO; Bárbara Maria Santiago Santos do², PAIVA; Daniele Socorro de Brito Souza³

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência tem se destacado como um problema de saúde pública em diversos países devido ao elevado risco de morbi-mortalidade materna e infantil. Complicações na gestação e parto têm sido a principal causa de morte entre 15 e 19 anos em muitos países. Há poucos estudos abrangendo gestação nessa faixa etária, por isso se faz necessária a análise desses dados por ser um quadro de grande impacto sócio-econômico. **Objetivo:** Verificar o número de mortes maternas em adolescentes no Brasil. **Métodos:** Estudo descritivo, transversal e retrospectivo com análise de dados obtidos através da Plataforma DataSus, usando as opções de faixa etária, distribuição por região, categorias do CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e locais de ocorrências, entre os anos de 2014 a 2018 no Brasil. **Resultados:** Foi observado que entre os anos de 2014 e 2018 houve um quantitativo de 8.523 mortes maternas no Brasil, sendo que 13,1% (1.118 casos) em adolescentes. A região nordeste foi o local de maior ocorrência dos óbitos entre 10-19 anos com 35,3%, seguida da região sudeste, representada em 28,6%. Os óbitos foram principalmente por causas obstétricas diretas, com aproximadamente 69,9% dos casos no ambiente hospitalar (92,8%). O período de maior prevalência foi até o 42º dia de puerpério com 717 adolescentes, seguido de 356 mortes durante a gravidez, parto ou aborto. Sendo que 21,8% das causas foi representada pela SHEG (Síndrome Hipertensiva Específica da Gestação). **Conclusão:** Desta forma, evidencia-se o grande número de mortes maternas em adolescentes ainda existentes e a necessidade de medidas visando a melhoria na saúde pública e diminuição das taxas de óbitos.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez, Gravidez na adolescência, Mortalidade.

¹ Universidade Federal do Pará, louise.franco@hotmail.com

² Universidade Federal do Pará, bsantiagocarmo@gmail.com

³ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, dsbspaiva@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL DAS GESTANTES ADOLESCENTES VÍTIMAS DA MORTALIDADE MATERNA ENTRE 2014 E 2018, NO BRASIL

CARMO; Bárbara Maria Santiago Santos do¹, FRANCO; Louise Vargas Polaro², PAIVA; Daniele Socorro de Brito Souza³

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência é um evento de importante magnitude e marcador de vulnerabilidade social. A literatura tem demonstrado que as adolescentes grávidas têm baixas renda e escolaridade, além de menor atenção durante o pré-natal. Também possuem filhos com maiores taxas de baixo peso ao nascer e de mortalidades neonatal e infantil. **Objetivo:** Traçar o perfil epidemiológico das gestantes adolescentes vítimas da mortalidade materna no Brasil. **Métodos:** Estudo descritivo, transversal e retrospectivo com análise de dados obtidos através da Plataforma DataSus, usando as opções de faixa etária, distribuição por região, escolaridade e raça, entre os anos de 2014 a 2018 no Brasil. **Resultados:** 8.523 mortes maternas ocorreram no Brasil entre 2014 e 2018, sendo que 1.118 em adolescentes. Destas, a maioria eram de raça parda representadas com 61,8%, seguida da raça branca com 24,6%. Em relação ao nível educacional, 38,5% apresentavam grau de escolaridade entre 4 e 7 anos, enquanto que 0,9% não possuíam grau de instrução. Com relação a faixa etária, 6,44% possuíam entre 10-14 anos, o que é considerado resultante de estupro de vulnerável; e 93,55% entre 15-19 anos. **Conclusão:** Assim, observa-se que o perfil de gestantes adolescentes que evoluíram a óbito, no Brasil, foi de raça parda, com baixa escolaridade e a maior parte entre 15 e 19 anos. É necessário, desta forma, que sejam feitas melhorias na saúde pública como medidas de anticoncepção e pré natal eficazes para que obtenha-se um desfecho favorável e redução nas taxas de mortalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez, Gravidez na adolescência, Mortalidade

¹ Universidade Federal do Pará, bsantiagocarmo@gmail.com

² Universidade Federal do Pará, louise.franco@hotmail.com

³ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, dsbspaiva@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RAZÃO DE MORTALIDADE MATERNA DE ADOLESCENTES POR REGIÃO DO BRASIL NO PERÍODO DE 2014 A 2018.

ASSIS; Júlia Lopes de¹, MUNIZ; Camila Osterne², QUEIROZ; Camila Pena³, OLIVEIRA; Alice Rios de⁴, MACHADO; Márcia Sacramento Cunha⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gravidez na adolescência tornou-se um problema de saúde pública. O corpo de uma jovem mulher ainda não está fisiologicamente preparado para a gestação até seus 19 anos, logo torna-se uma gravidez de alto risco quando ocorre antes dessa idade. As comorbidades que acometem estas grávidas são inúmeras podendo chegar até ao óbito. **OBJETIVO:** Traçar o perfil regional, etário e de escolaridade da adolescente grávida relacionado com a mortalidade materna. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo, retrospectivo da gravidez na adolescência nas cinco regiões do Brasil de 2014 a 2018. Relacionou-se a mortalidade da amostra com as variáveis: escolaridade da mãe e faixa etária (10 a 14 e 15 a 19). As fontes dos dados foram o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponíveis no DATASUS. O indicador utilizado foi a razão de mortalidade materna, obtido pelo número de óbitos maternos até 42 dias pós-parto dividido pelo total de nascidos vivos multiplicado por 105. **RESULTADOS:** No período do estudo, o perfil sociodemográfico na gravidez na adolescência apresentou um resultado de maior razão de mortalidade materna entre 10 a 14 anos na região Centro Oeste, com um valor de 4,4. Já entre 15 a 19 anos, a região com maior resultado foi a Norte, com um valor de 57,9. Em relação à escolaridade, de 10 a 19 anos, a região com maior índice de nenhuma escolaridade foi a Norte. **CONCLUSÃO:** O estudo evidencia a razão de mortalidade materna na adolescência como um problema de saúde pública, principalmente no Norte e Nordeste do Brasil, na faixa etária de 15 a 19 anos e nenhuma escolaridade. Reconhecer-se esse perfil é importante para o planejamento de ações de saúde que reduzam essa razão.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, Mortalidade Materna, Cuidado pré-natal

¹ Universidade de Tecnologia e Ciência (UNIFTC), julialopesdeassis@hotmail.com

² Universidade Salvador (UNIFACS), milaosterne@gmail.com

³ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), camilapena973@gmail.com

⁴ União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), aliceriosdeoliveira@gmail.com

⁵ Docente Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA), marciascmachado@uol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS, NUTRICIONAIS E SOCIODEMOGRÁFICAS DE GESTANTES ADOLESCENTES ASSISTIDAS EM UM SERVIÇO DE PRÉ-NATAL.

BOTELHO; Valéria Cristina Soares Furtado¹, ROCCO; Regina², BARBOSA; Márcia Neves³, OLIVEIRA; Jéssica Govea Camilo de⁴, FONSECA; Victor Júlio Coelho⁵

RESUMO

Introdução: O Brasil tem alto índice de gestantes adolescentes, importante problema de saúde pública. A gravidez na adolescência aumenta a prevalência de complicações materno-infantil, reforçando a importância dos cuidados clínicos-nutricionais no pré-natal. **Objetivo:** Avaliar características clínicas, nutricionais e sociodemográficas de gestantes adolescentes assistidas em consultas individuais de pré-natal. **Métodos:** Trata-se de estudo clínico, observacional, onde avaliou-se 12 gestantes adolescentes em Ambulatório Geral de Obstetrícia em um Hospital Universitário na cidade do Rio de Janeiro. O protocolo de coleta de dados incluiu: etnia, situação conjugal, renda, ocupação, diagnóstico clínico, história da gestação, tabagismo, etilismo, atividade física, peso, estatura e índice de massa corporal-IMC. **Resultados:** A idade média das adolescentes foi 16,0±1,0 anos; metade possuía alguma situação clínica (vitiligo-n=1; diabetes-n=1 e HIV-n=4); assim, 33,3% das adolescentes tinham infecção por HIV. A maioria era solteira (n=9/75,0%), de etnia parda ou negra (n=9/75,0%), estudante (n=9/75,0%), com renda familiar entre 1-1,5 salário-mínimo (n=7/58,3%). Apenas uma adolescente era primípara (8,3%); sendo a maioria nulípara (n=11/91,7%). Quase metade iniciou pré-natal no terceiro trimestre gestacional (n=5/41,7%); apenas um terço (n=4/33,3%) começou acompanhamento clínico-nutricional no primeiro trimestre da gestação e metade (50,0%) iniciou no segundo trimestre. Nenhuma das adolescentes referiu consumo de bebida alcoólica ou tabagismo durante a gestação; apenas duas adolescentes relataram realizar atividade física (16,7%). Metade das gestantes (n=6/50,0%) apresentou estado nutricional pré-gestacional adequado conforme IMC; contudo um terço (n=4/33,3%) apresentou baixo peso. Apenas duas adolescentes (n=16,7%) apresentaram sobrepeso. **Conclusão:** A maioria das adolescentes era solteira, de etnia parda ou negra, estudante e com baixa renda familiar; um terço tinha infecção por HIV. Metade das adolescentes apresentou baixo peso no início da gestação; contudo apenas um terço iniciou acompanhamento clínico-nutricional no primeiro trimestre da gravidez. O baixo peso materno durante a gestação tem associação com baixo peso ao nascer, retardo do crescimento intrauterino e prematuridade.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, cuidado pré-natal, HIV, estado nutricional

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO / Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, vfurtado2000@yahoo.com.br

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO / Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, regina.rocco@pobox.com

³ Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, marcianeves75@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, jessicagovea18@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, victorjulionutri@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

EPIDEMIOLOGIA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA EM PERNAMBUCO

SILVA; Elisa Carla da¹, ARAÚJO; Raone Pedro da Silva², CARVALHO; Raquel Lira Lustosa³

RESUMO

INTRODUÇÃO- A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública em Pernambuco. Sendo evidenciado pelos elevados números de gestações precoces e que, facilmente, tornar-se de risco. Podendo trazer, também, consequências emocionais e socioeconômicas para a jovem mãe. **OBJETIVO-** Essa pesquisa tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico da gravidez na adolescência em Pernambuco, no ano de 2018. **MÉTODOS-** As informações foram coletadas do banco de dados DATA SUS, que contém informações relacionadas aos nascidos vivos, por estado brasileiro, ano e idade materna. Também foi utilizado informações do relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Fundo de População das Nações Unidas, de 2019; bem como dados da Secretaria Estadual da Saúde de Pernambuco, do ano de 2020. Foram usados os seguintes descritores: Gravidez na adolescência, gestação de risco, adolescentes, saúde pública. **RESULTADOS-** A cada cinco nascimentos no Brasil, um é de mãe adolescente, com índice chegando a 65 gestações para cada mil meninas entre 15 e 19 anos. Apesar do nível de fecundidade brasileira ser menor que a média mundial, o da faixa etária entre 10 a 19 anos ainda é elevada. Em Pernambuco não é diferente, no ano de 2018, 18% do total dos nascidos eram de mães adolescentes. Os registros mostraram que 1.222(0,89%) bebês nascidos vivos eram de mães com idade entre 10 e 14 anos. Na faixa entre 15 e 19 anos, foram 23.727(17,15%) recém-nascidos. Só em Recife, são realizados aproximadamente de 14,4 mil partos ao ano, em média 1.929 (13,4%) deles, de adolescentes. Contudo, esses números decaíram numa década, pois no ano de 2008, foram 32.730 partos de adolescentes; já em 2018 foram 24.949, houve queda de 4,5%. **CONCLUSÃO-** Mesmo tendo consequências psicológicas e por vezes fisiológicas, causando diversos problemas obstétricos e neonatais; a taxa de gestantes adolescentes, em Pernambuco, continua exacerbada.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, saúde pública, gestação de risco

¹ Faculdade Integrada Tiradentes-FITS, ec_elisacarla@hotmail.com

² Faculdade Integrada Tiradentes- FITS, raone.pedro@soufits.com.br

³ Faculdade Integrada Tiradentes- FITS, raquelliralustosa@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ESTUDO DA AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES PORTADORAS DE HIPERPLASIA ADRENAL CONGÊNITA

SOUSA; Graziela Cesar de ¹, SILVA; Grazielle Aparecida², EMILIANO; Mariana Cristina Flores³, SANTOS; Karine Ferreira dos⁴

RESUMO

Introdução: A Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC) é uma condição genética caracterizada por desbalanço na produção de hormônios pelo córtex das adrenais. Na forma clássica, além da disfunção no equilíbrio hidrossalino, há virilização da genitália externa de pacientes do sexo feminino. A autoestima é uma avaliação que o indivíduo faz de si mesmo relacionada ao bem-estar e à satisfação pessoal. Considerando o papel que o corpo assume na contemporaneidade e a angústia própria da adolescência, impactos na autoestima podem ocorrer como consequência da malformação genital. **Objetivos:** estudar a autoestima de adolescentes portadoras de HAC, verificando possíveis implicações da virilização da genitália ao nascimento. **Métodos:** busca sistematizada nas principais bases de dados da literatura médica (MEDLINE, LILACS, EMBASE e COCHRANE) utilizando os termos: “adolescent”, “self concept” e “adrenal hyperplasia, congenital”, além da inclusão de 3 artigos indicados por especialista. **Resultados:** dos 24 artigos que retornaram das buscas, 10 foram descartados por não se adequarem aos critérios de inclusão, sendo eles: amostra constituída por pessoas do sexo feminino portadoras de HAC e abordagem de aspectos relativos à autoestima. Foram analisados, portanto, 17 artigos, sendo 14 originários das buscas e 3 indicados por especialista. Destes, apenas um abordou a autoestima de forma específica em pacientes com HAC na adolescência. Nos demais artigos, a investigação de questões psicossociais teve como foco temas como repercussões sexuais, estigmas, satisfação quanto ao peso corporal e análise de outros pontos de saúde mental. Apesar de estudos precedentes indicarem o contrário, os artigos mais recentes do tema apontam impactos negativos na saúde mental de adolescentes portadoras de HAC. Contudo, a ambiguidade genital não foi relacionada diretamente às repercussões envolvendo a autoestima. **Conclusão:** A HAC pode ter repercussões negativas sobre a saúde mental de adolescentes portadoras. Contudo, percebe-se uma carência de estudos que investiguem a autoestima desta população.

PALAVRAS-CHAVE: adrenal hyperplasia, congenital, self concept, adolescent

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graziela.cesar@sga.pucminas.br

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, gasilva@sga.pucminas.br

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mariana.emiliano@hotmail.com

⁴ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, karineferreira@pucminas.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍFILIS NA GESTAÇÃO DA ADOLESCENTE EM RIBEIRÃO PRETO: UM PANORAMA DA ÚLTIMA DÉCADA

CALDANA; Nárima¹, DIAS; Cleusa Cascaes², WISS; Caroline Roland³, CASTRO; Victória Leoni Pardi de⁴, CRUZ; Mariana de Carvalho⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: O comportamento sexual de adolescentes e jovens configura um desafio para a Saúde Pública, em especial na gestação, em decorrência de múltiplos fatores de exposição e risco para sífilis, bem como pelas repercussões psicossociais e econômicas nos contextos individual, familiar e social. **OBJETIVO:** Esse estudo tem como objetivo analisar a incidência dos casos de sífilis em gestantes adolescentes de 10 aos 19 anos no Município de Ribeirão Preto entre os anos de 2009 e 2019 e promover conhecimento para o meio científico e para as áreas de saúde, subsidiando informações que contribuirão para a promoção da saúde desta população. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma análise documental de estudo descritivo com uma abordagem quantitativa e transversal. A população de estudo é formada por casos de sífilis na gestação em meninas de 10 aos 19 anos, notificadas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Após a coleta dos dados, os mesmos foram tabulados e organizados em uma planilha Excel. **RESULTADOS:** Entre 2009 e 2019, foram notificados 163 casos de gestantes com sífilis adquiridas entre 10 e 19 anos no município de Ribeirão Preto, representando 16,34% do total de casos de sífilis em gestantes, aumentando cerca de 7 vezes o número de notificações desde o primeiro ano de análise, saindo de 3 casos para 23 notificados no último ano completo. **CONCLUSÃO:** Observou-se um crescimento progressivo na notificação e na taxa de incidência de casos de sífilis em gestantes adolescentes residentes em Ribeirão Preto. Dessa forma, entende-se que a atuação de políticas públicas voltadas para a adolescência é de grande importância para a prevenção de novos casos. O conhecimento sobre a saúde sexual e reprodutiva, assim como a assistência ao pré-natal de qualidade, é indispensável para a garantia do diagnóstico precoce, tratamento oportuno e prevenção da transmissão vertical.

PALAVRAS-CHAVE: sífilis na gestação, gestação na adolescência, sífilis na adolescência

¹ Centro Universitário Barão de Mauá, narimacaldana@hotmail.com

² Centro Universitário Barão de Mauá, cleusa.dias@baraodemaua.br

³ Centro Universitário Barão de Mauá, carolinerwiss@gmail.com

⁴ Centro Universitário Barão de Mauá, vivipardi@hotmail.com

⁵ Centro Universitário Barão de Mauá, macarvalhoacruz@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INCIDÊNCIA DE INFECÇÃO PELO HIV E MORTALIDADE POR AIDS EM ADOLESCENTES NO BRASIL

FERRO; Laura Dourado¹, MACHADO; Paulo Henrique Ramos de Oliveira², VAZ; Livia Pereira do³, FERREIRA; Eloá de Andrade⁴, AMARAL; Waldemar Naves do⁵

RESUMO

Introdução: Embora tenha se estabilizado nos últimos anos, a infecção pelo HIV tem tido notificações crescentes na adolescência, possivelmente devido à descoberta da sexualidade, à multiplicidade de parceiros e ao baixo uso de preservativos serem mais comuns nessa fase. Assim, é relevante analisar a epidemiologia de HIV/AIDS em adolescentes no Brasil. **Objetivos:** Analisar a incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por AIDS em adolescentes no Brasil. **Métodos:** Estudo analítico transversal com consulta ao Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre HIV/AIDS de 2019, contendo dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) e Sistema de Informação sobre Mortalidade de 2007 a 2019. **Resultados:** Segundo dados do SINAN, de 2007 até junho de 2019 foram notificados 300.496 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 0,2% entre 10-14 anos e 5,7% entre 15-19 anos, com maior percentual relativo da adolescência no sexo feminino que no masculino. Embora tenha menor percentual relativo, os casos absolutos em meninos de 15-19 anos entre 2011 a 2018 cresceram mais que em meninas nessa faixa, aumentando de 351 para 1671, enquanto em meninas, de 315 a 734. Quanto ao coeficiente de mortalidade por AIDS de 2008 a 2018, observou-se redução tanto na faixa dos 10-14 anos (de 0,3 para 0,1) quanto na dos 15-19 anos (de 0,8 a 0,6), valendo destacar que em ambos os sexos esse coeficiente foi semelhante. **Conclusão ou considerações finais:** A diminuição da mortalidade por AIDS entre adolescentes e aumento na incidência de HIV entre 15-19 anos, especialmente no sexo masculino, sugerem melhora na perspectiva de tratamento, porém carência na prevenção da infecção. Portanto, esses indicadores podem potencializar intervenções e ações em saúde que atuem especialmente na prevenção dessa infecção na adolescência, através de campanhas que conscientizem quanto à importância de práticas sexuais seguras.

PALAVRAS-CHAVE: Infecções por HIV, Síndrome de imunodeficiência adquirida, Adolescente.

¹ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, lauraferro0302@gmail.com

² Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, paulohrom.ph@gmail.com

³ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, liviapvaz@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, eloadeandrade.med@gmail.com

⁵ Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, waldemar@sbus.org.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

HPV NA REGIÃO SUL DO BRASIL: COBERTURA VACINAL E ALTERAÇÕES CÉRVICO-UTERINAS NEOPLÁSICAS

ADAMES; Mariela Goulart¹, BARBOSA; Natália², ROJAS; Paulo Fernando Brum³

RESUMO

Introdução: Devido à alta incidência e mortalidade, o câncer do colo do útero é um problema de saúde pública relevante atualmente. O HPV é a principal causa do câncer cervical, especialmente o HPV 16 e 18. Assim, a vacinação é de extrema importância, visto que apresenta potencial para reduzir a carga de doença cervical, lesões precursoras e conseqüentemente prevenir esse câncer. **Objetivos:** Avaliar os resultados da cobertura vacinal contra HPV e relacionar com lesões anatomopatológicas precursoras e outros indicadores do câncer do colo do útero. **Metodologia:** O estudo é descritivo retrospectivo da Região Sul do Brasil, de 2014 a 2019, com a população feminina alvo da campanha de vacinação, excluindo a idade de 9 anos. A faixa etária entre 10-19 anos e a população geral também foram avaliadas, para correlacionar a indicadores. Os dados foram coletados do Sistema de Informação em Saúde: SIS-PNI, SIH- SUS, IBGE, SISCAN no site do DATASUS. **Resultados:** A Região Sul brasileira não obteve taxa de vacinação próxima à meta de 80% do Ministério da Saúde, mesmo em 2014, ano com maior percentual de meninas vacinadas com primeira e segunda doses, 56,5% e 35,8% respectivamente. A situação piorou principalmente a partir de 2016 e em relação à administração da primeira dose. Apesar da vacinação, desde 2014 o número de diagnósticos de Neoplasia Intraepitelial Cervical (NIC) aumentou 134% na região, quando comparado com 2019. A faixa etária de 14-19 anos obteve o maior número de casos, predominando NIC 1. O percentual de câncer cervical aumentou, tanto de carcinoma epidermóide (63,6% dos casos) quanto de adenocarcinoma no período. **Conclusão:** O percentual de vacinação contra HPV na Região Sul não se aproximou da meta do Ministério da Saúde, conseqüentemente não apresenta os benefícios esperados para situação epidemiológica, resultando em grandes impactos para saúde pública e individual.

PALAVRAS-CHAVE: Papillomaviridae, Vacinas, Colo do Útero.

¹ Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, mari.adames06@gmail.com

² Campus Pedra Branca, nataliab190400@gmail.com

³ Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, paulofermandorojas@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS GESTANTES ADOLESCENTES ATENDIDAS EM MATERNIDADE DE BELO HORIZONTE

MORAIS; Caroline Cássia de¹, SILVEIRA; Jane Savoi², LOBATO; Ana Christina de Lacerda³, MARTINS; Luciana Vieira⁴, CALDEIRA; Joice Guedes⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gravidez na adolescência acarreta grande impacto na estrutura sócioeconômica, biológica, familiar e emocional. Entender o perfil das pacientes e os fatores que ocasionam esta gestação é fundamental para adoção de políticas sócio-educativas, ampliação e divulgação da contracepção segura e eficaz para esta faixa etária. **OBJETIVOS:** Analisar o perfil epidemiológico de gestantes adolescentes atendidas no pré-natal em uma maternidade de Belo Horizonte. **METODOLOGIA:** Estudo transversal envolvendo 153 pacientes atendidas entre 06/2018 e 04/2020 através de entrevista com questionário estruturado aplicado na primeira consulta de pré-natal em uma maternidade de referência de Belo Horizonte. **RESULTADOS:** O estudo acompanhou gestantes entre 12 a 17 anos sendo 21% menores de 14 anos e a primiparidade foi relatada em 92% dos casos. Mais de 70% relataram ser pardas, solteiras, 74,5 % residiam com a família/pais e 90% tinham bom relacionamento em casa. A renda familiar de 77% estava estimada entre 1 a 2 salários mínimos tendo como principal provedor a mãe. Cerca de 16% abandonaram os estudos devido a gestação e 24% pretendem retomar após o parto. Quanto ao parceiro 57% possuíam entre 20-30 anos e 88% davam apoio durante a gestação. A média de início da atividade sexual foi 14 anos e menos de 15% relataram gestação planejada. Mais de 70% mostraram que conheciam algum método contraceptivo, mas 48% relataram que não quiseram usar nenhum deles. Em relação às infecções sexualmente transmissíveis, 6% tiveram alguma afecção, sendo a de maior prevalência a sífilis (62%). Em relação ao tabagismo (37,5%), álcool (76,5%) e drogas ilícitas (22%) relataram que já fizeram uso e interromperam durante a gestação. **CONCLUSÃO:** Entender o perfil das adolescentes permite intervenções e melhorias nos processos de educação sexual, promoção do uso consistente e correto de contraceptivos através do acolhimento, da confidencialidade, visando a assistência multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, adolescente, métodos contraceptivos, comportamento sexual

¹ Hospital Júlia Kubitschek, carolinecmorais@hotmail.com

² Hospital Júlia Kubitschek, janesavoi@gmail.com

³ Hospital Júlia Kubitschek, anacllobato@gmail.com

⁴ Hospital Júlia Kubitschek, luvmartins@yahoo.com.br

⁵ Hospital Júlia Kubitschek, joice-gc@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: FATORES ASSOCIADOS AO INÍCIO DA VIDA SEXUAL

MORAIS; Caroline Cássia de¹, SILVEIRA; Jane Savoi², LOBATO; Ana Christina de Lacerda³, MARTINS; Luciana Vieira⁴, CALDEIRA; Joice Guedes⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Diversos são os fatores que contribuem para a ocorrência da gestação na adolescência, muitas vezes não planejada, acarretando profundas transformações biopsicossociais. **OBJETIVOS:** Analisar a relação entre os fatores associados ao início da vida sexual e gravidez na adolescência. **METODOLOGIA:** Estudo transversal realizado no período de junho/2018 a abril/2020, envolvendo gestantes de 12 a 17 anos, que responderam questionário estruturado na primeira consulta de pré natal, em maternidade de referência de Belo Horizonte. **RESULTADOS:** A idade prevalente da 1ª relação foi 14 anos (33%) sendo por vontade própria (87,6%) e por curiosidade (21,6%). Aproximadamente 45% tiveram apenas um parceiro sexual, 76% relataram que o parceiro atual é o pai do bebê, 49% buscaram informações sobre como seria a primeira relação sexual tendo como fonte a escola (33%), a família (32%) e o centro de saúde (27,8%). Apesar de grande parte das entrevistadas conhecer algum método contraceptivo, foi verificado que cerca de 47,5% fazia uso irregular dos mesmos e 33,3% não quiseram utilizar nenhum método. Quando abordadas sobre o que levou a gestação, 18,3% relataram que a emoção superou a razão (no momento do ato não usou nenhum método contraceptivo), 21,6% relataram falha no método, 7,2% o parceiro se recusou a usar, 5,2% a paciente desejou a gestação. Em 14,4% fora observado pensamento imaginário (quando o risco de engravidar não era consciente). Apenas 0,7% não tinham conhecimento de nenhum método na relação que engravidou. 60% das adolescentes eram filhas de mães que também engravidaram na adolescência. **CONCLUSÃO:** Entender os fatores associados ao início da vida sexual e adesão aos métodos contraceptivos pelas adolescentes é fundamental para compreensão da ocorrência de gestação não planejadas nessa faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, adolescente, métodos contraceptivos, vida sexual

¹ Hospital Júlia Kubitschek, carolinecmorais@hotmail.com

² Hospital Júlia Kubitschek, janesavoi@gmail.com

³ Hospital Júlia Kubitschek, anacllobato@gmail.com

⁴ Hospital Júlia Kubitschek, luvmartins@yahoo.com.br

⁵ Hospital Júlia Kubitschek, joice-gc@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CONTRACEPÇÃO E GESTAÇÃO: QUAL O CONHECIMENTO DA GESTANTE ADOLESCENTE QUANTO AOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS EXISTENTES?

SILVEIRA; Jane Savoi¹, MORAIS; Caroline Cássia de², LOBATO; Ana Christina de Lacerda³, MARTINS; Luciana Vieira⁴, CALDEIRA; Joice Guedes⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gestação na adolescência mantém sua prevalência ao longo dos anos. Entender o conhecimento quanto aos métodos existentes e uso dos mesmos é fundamental para adoção de políticas de saúde capazes de promover a educação sexual. **OBJETIVOS:** Analisar o conhecimento das gestantes adolescentes sobre os métodos contraceptivos. **METODOLOGIA:** Estudo transversal realizado entre 06/2018 e 04/2020, envolvendo 153 pacientes atendidas no ambulatório de pré natal de maternidade de referência de Belo Horizonte com análise da resposta ao questionário estruturado aplicado na primeira consulta. Foram incluídas gestantes entre 12 e 17 anos. **RESULTADOS:** A busca por informações sobre métodos contraceptivos anteriormente à gravidez foi de 73,2%, sendo o centro de saúde a principal referência (45,9%), seguido por familiares (34%), escola (18,9%), amigos (17,1%) e internet (18,9%). Os métodos contraceptivos de maior conhecimento foram o condom masculino (95,4%) e o anticoncepcional oral (93,5%), seguido pelo injetável mensal (79,1%), a pílula do dia seguinte (61,4%) e o injetável trimestral (57,5%). Os menos conhecidos foram o anel vaginal, adesivo e implante (7,5%). A taxa da adesão aos métodos foi de 69,9% no condom masculino, 41,8% no anticoncepcional oral e 30,7% da pílula do dia seguinte. Cerca de 57,5% das entrevistadas relatou uso irregular e 19% nunca usaram. Quase 47,7% não quiseram utilizar nenhum método contraceptivo na relação que engravidou apesar de, em média, 83,7% das gestações não terem sido planejadas. **CONCLUSÃO:** O conhecimento das opções de contraceptivos na adolescência é tão importante como saber a sua correta utilização. Grande parte desta informação, quando não obtida por profissionais de saúde, pode ocasionar riscos para adolescente e impacto negativo na sua saúde. O treinamento da equipe multidisciplinar é fundamental para o sucesso dessa abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, adolescente, métodos contraceptivos

¹ Hospital Júlia Kubitschek, janesavoi@gmail.com

² Hospital Júlia Kubitschek, carolinecmorais@hotmail.com

³ Hospital Júlia Kubitschek, anaclobato@gmail.com

⁴ Hospital Júlia Kubitschek, luvmartins@yahoo.com.br

⁵ Hospital Júlia Kubitschek, joice-gc@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA - DESFECHOS PERINATAIS

LOBATO; Ana Christina de Lacerda ¹, SILVEIRA; Jane Savoi ², MORAIS; Caroline Cássia de ³, MARTINS; Luciana Vieira ⁴, CALDEIRA; Joice Guedes ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gravidez precoce está associada a diversas complicações maternas e neonatais, sendo a segunda causa de óbito entre mulheres de 15 a 19 anos de idade. **OBJETIVOS:** Analisar os desfechos perinatais da gravidez na adolescência em uma maternidade de Belo Horizonte. **METODOLOGIA:** Estudo transversal realizado de 06/2018 a 04/2020, com análise de prontuários e banco de dados do serviço de pré-natal de adolescentes de maternidade de referência de Belo Horizonte. Foram incluídas 76 gestantes que tiveram parto no hospital de referência da pesquisa. **RESULTADOS:** Do grupo analisado neste estudo, 77% tiveram parto vaginal, sendo 13% desses operatório, 20,5% cesariana e 2,5% das gestações evoluíram para abortamento. A taxa de prematuridade foi de 17,3% sendo 10,5% dos nascimentos abaixo de 34 semanas. A mediana de idade Gestacional ao nascimento foi de 38 semanas. A média de peso foi de 2800g sendo 16% de baixo peso ao nascer (< 2.500g). A média do Apgar no 1 e 5 minutos foi de 08/09. A taxa de intercorrência materna foi menor que 5% sem aumento da morbidade. **CONCLUSÃO:** O acompanhamento da gestação na adolescência envolve os cuidados pré-natais e o preparo de toda a família para a chegada do bebê. A assistência adequada à essas pacientes levam uma menor ocorrência de prematuridade e complicações materno-fetais.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência, adolescente, desfecho perinatal, complicações materno-fetais

¹ Hospital Júlia Kubitschek, anaclobato@gmail.com

² Hospital Júlia Kubitschek, janesavoi@gmail.com

³ Hospital Júlia Kubitschek, carolinecmorais@hotmail.com

⁴ Hospital Júlia Kubitschek, luvmartins@yahoo.com.br

⁵ Hospital Júlia Kubitschek, joice-gc@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: INFLUÊNCIAS DA PANDEMIA DE COVID-19

RODRIGUES; Deborah Leopoldo¹, PAIXÃO; Rafaela Maria Bezerra², LESSA; Beatriz³, SOARES; Avha Clarice Paixão⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: O isolamento social exigido pela pandemia da COVID-19 impactou significativamente o cotidiano de crianças e adolescentes, especialmente os já inseridos em contexto de vulnerabilidade social (incluídos os que passam por pobreza, desemprego parental, negligência, abuso físico ou sexual, exposição precoce ao uso de substâncias, situação de rua ou mesmo a juventude LGBTQIA+). Considerando a restrição a redes de apoio, anteriormente supridas por escolas, amigos, família estendida e assistência social, a violência infantil assevera-se. **OBJETIVOS:** Descrever achados de literatura que relacionam o isolamento social devido à pandemia de COVID-19 com a incidência de violência doméstica e abuso sexual a menores de idade. **MÉTODOS:** Revisão Sistemática baseada em materiais das plataformas Pubmed, BVS e Google Scholar, utilizando-se descritores “violência sexual; menores de idade; adolescência; pandemia; isolamento social”. Incluídos os trabalhos publicados posteriormente a 01/04/2020 direcionados à temática, sendo reunidos 6 artigos. **RESULTADOS:** 4 estudos apontam maior tendência à violência doméstica com o convívio familiar integralmente domiciliar durante o isolamento na pandemia, muitas vezes sem condições adequadas de habitabilidade, somando-se ao aumento do consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas devido estresse do confinamento. Todavia, 2 trabalhos versam que, as denúncias de abuso e violência contra menores não apresentaram aumento, podendo ser justificado pela diminuição das oportunidades de detecção e denúncia, pelo afastamento do ambiente escolar e de outras organizações comunitárias. Para mais, os abusos cibernéticos acentuam-se, dada a maior vulnerabilidade e menor supervisão desses menores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Devido aumento da vulnerabilidade das famílias no período da pandemia, a proteção dos menores de idade contra os diversas violências deve ser redobrada por parte das instituições que têm a competência de zelar e proteger seus direitos, como os conselhos tutelares, o Ministério Público e as varas da justiça da infância e da adolescência, através da criação de canais de denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: violência sexual, menores de idade, adolescência, pandemia, isolamento social.

¹ Acadêmica da Faculdade de Medicina, deborahleopoldo@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas, rafaelamaria.duarte@gmail.com

³ Maceió, beatrizmlessa@gmail.com

⁴ Brasil., avha.soares@famed.ufal.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

FATORES ASSOCIADOS À ESCOLHA DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS REVERSÍVEIS DE LONGA DURAÇÃO EM ADOLESCENTES QUE JÁ ENGRAVIDARAM: ESTUDO TRANSVERSAL

FERREIRA-FILHO; Edson Santos ¹, BAHAMONDES; Luis ², TAKIUTI; Albertina Duarte ³, MELO; Nilson Roberto de ⁴, SORPRESO; Isabel Cristina Esposito ⁵

RESUMO

Introdução: Gravidez na adolescência é um relevante problema de saúde pública. Por suas repercussões físicas, sociais e emocionais, é fundamental prevenir gravidezes não planejadas na adolescência. Embora se conheça a predileção das adolescentes por métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC), ainda não se sabem quais fatores determinam a escolha de um LARC em detrimento de outros entre adolescentes que já engravidaram. **Objetivo:** Identificar os fatores associados à escolha de LARC em adolescentes que já engravidaram. **Métodos:** Estudo transversal com 146 adolescentes (10-19 anos) hígdas que já tiveram pelo menos uma gestação. Foram identificadas variáveis sociodemográficas e clínicas e foram aplicados testes estatísticos (t de Student, Mann-Whitney, qui-quadrado, exato de Fischer) para identificar diferenças em relação à escolha dos LARC em subgrupos de adolescentes. **Resultados:** As participantes tinham em média $17,5 \pm 1,9$ anos de idade, a maioria não era caucasiana (58%), tinha religião (65%) e não estava estudando (61%) ou trabalhando (78%). A maioria morava com a família (56%), com quatro ou mais pessoas na mesma casa (62%). A maioria (84%) teve uma gestação não planejada: 81% delas tinha engravidado uma vez, 13% tinha engravidado duas vezes; 60% já tinha usado anticoncepção de emergência pelo menos uma vez. Antes do aconselhamento reprodutivo, os métodos anticoncepcionais mais usados eram pílula (28%), injetável trimestral (27%) e mensal (19%) e 17% delas não usava nenhum método. Após o aconselhamento reprodutivo, a maioria (93%) optou por LARC, com distribuição semelhante em relação a DIU hormonal (47%) e implante subdérmico (47%). Não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$) nas variáveis sociodemográficas e clínicas das adolescentes conforme o método anticoncepcional escolhido. **Conclusão:** Os métodos contraceptivos reversíveis de longa duração constituem demanda majoritária entre adolescentes que já engravidaram. Não foram identificadas características que interfiram na escolha entre DIU hormonal e implante neste subgrupo de adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: anticoncepção, adolescência, LARC, prevenção de nova gestação

¹ Hospital das Clínicas HCFMUSP, edson.f@fm.usp.br

² Faculdade de Medicina, drtuisbahamondes@hotmail.com

³ Universidade de Sao Paulo, albertinadtakiuti@gmail.com

⁴ Sao Paulo, nilsonrobertomelo@gmail.com

⁵ SP, icesorpreso@usp.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

AVALIAÇÃO DO NÚMERO DE GESTAÇÕES E DESFECHOS GESTACIONAIS EM ADOLESCENTES ATENDIDAS EM UM AMBULATÓRIO DE GESTAÇÕES DE ALTO RISCO NOS ANOS DE 2014 A 2016.

FAVARETTO; Sabrina¹, BIANCHI; Nicolle Azeredo², SILVA; André Anjos da³

RESUMO

Introdução: As gestações de alto risco são aquelas que apresentam chance de evolução desfavorável. Dentre os fatores que predispõem à gravidez de alto risco, está a idade materna precoce. A adolescência compreende o período dos 10 aos 19 anos, gestações nesse período retratam um grande problema de saúde pública, pois, além de trazerem repercussões negativas para a vida social dessas pacientes, também podem representar risco de vida, visto que são uma das principais causas de morte em mulheres dessa faixa etária. **Objetivos:** Verificar o número de gestações e desfechos gestacionais das adolescentes atendidas em um ambulatório de gestações de alto risco nos anos de 2014 a 2016. **Métodos:** Análise transversal quantitativa realizada através de um banco de dados montado com base no prontuário das gestantes acompanhadas em um ambulatório de gestações de alto risco nos anos de 2014 a 2016. **Resultados:** Do total de 835 gestantes de alto risco acompanhadas no período, 10% (n=83) eram adolescentes. Dessas pacientes, 78,3% (n=65) estavam em sua primeira gestação, enquanto 18% (n=15) passavam pela segunda gestação e 3,6% (n=3) já estavam na terceira gravidez. Das pacientes que já haviam gestado, 55,6% (n=10) fizeram parto cesáreo, enquanto apenas 16,7% (n=3) delas tiveram parto normal e 38,9% (n=7) tiveram abortos. A prevalência de abortos na amostra foi de 8,4% (n=7). **Conclusão:** A alta prevalência de cesáreas e abortos nas jovens do estudo revela a importância do conhecimento dos desfechos gestacionais por parte dos profissionais de saúde, a fim de prevenir tais resultados. Da mesma forma, observou-se uma alta taxa de adolescentes em sua segunda ou terceira gestação, revelando uma possível falta de informação das jovens referente a métodos contraceptivos. Ademais, se evidencia escassez de literatura científica específica nessa área, nesse sentido, tal tema necessita de maiores estudos para adequada avaliação desse problema de saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: Gestação de Alto Risco, Gestação na Adolescência, Aborto

¹ Universidade do Vale do Taquari - Univates, sabrina.favaretto@universo.univates.br

² Universidade do Vale do Taquari - Univates, nicolle.bianchi@universo.univates.br

³ Universidade do Vale do Taquari - Univates, andre.silva3@univates.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DURANTE A ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.

MURER; Gabriella Mariella¹, ROSA; Carolina Camargo de Mello², SANTOS; Camila Amaro Guedes³, GATTI; Alan Francisco⁴, FREITAS; Efigência Maciel Aparecida de⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: O cenário da gravidez na adolescência no Brasil aponta deficiências na assistência à saúde sexual e reprodutiva dos jovens. Isso ocorre devido à falta de informações, baixo acesso anticoncepcionais, e pouco conhecimento sobre direitos sexuais e reprodutivos. **OBJETIVOS:** Explorar na literatura intervenções e impactos sociais relacionados ao planejamento reprodutivo para adolescentes. **MÉTODOS:** Trata-se Revisão Integrativa da Literatura. A busca de artigos utilizou o operador booleano AND na base de dados PubMed com descritores Medical Subject Heading (MeSH): “Preganancy in Adolescence”, “Adolescent Helth” e “Family Planning”; na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Gravidez na Adolescência”, “Saúde do Adolescente” e “Planejamento Familiar”. Critérios de inclusão: ano de publicação 2018-2020, artigos primários, idiomas português, inglês ou espanhol e concordância com objetivo proposto. Critérios de exclusão: artigos repetidos, indisponíveis na íntegra, revisões, fuga do tema e outros documentos. **RESULTADOS:** Foram localizados 107 artigos, sendo 55 na BVS e 52 na PubMed. Desses, excluíram-se 60 (23 não atenderam ao objetivo, 16 indisponíveis integralmente, 10 repetidos, 9 artigos de revisão, 2 outros documentos), constituindo amostra de 57 artigos. As seguintes temáticas emergiram: 1) “Meios para ampliar acesso pelos adolescentes ao planejamento familiar”, tais como: programa educacional de contracepção, políticas públicas, diminuição da desigualdade social, uso de ferramenta digital e gibis. 2) “Impactos negativos da gravidez na adolescência (evasão escolar, possibilidade de desenvolver transtorno mental, aumento de abortos inseguros).” 3) “Informação sobre métodos contraceptivos favorece a adesão” 4) “Dispositivos intrauterinos e implantes são mais recomendados para adolescentes” 5) “Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), baixo nível socioeconômico e escolaridade aumentam a chance de gravidez indesejada”. **CONCLUSÃO:** É imprescindível que a assistência à saúde sexual e reprodutiva seja multi-contextual, para que os jovens tenham acesso às informações e saibam da importância desse cuidado, tanto para evitar a gravidez não planejada, como para prevenir as ISTs.

PALAVRAS-CHAVE: “Gravidez na Adolescência”, “Saúde do Adolescente” e “Planejamento Familiar”

¹ UFU, gabriellammurer@gmail.com

² UFU, carolmellorosa@hotmail.com

³ UFU, camilaagsantos@yahoo.com.br

⁴ UFU, alangatti1@gmail.com

⁵ UFU, efigeniaufu@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE MENTAL

MELO; Ana Luísa Soares ¹, LOURENZO; Mayara Azevedo Resende de ²

RESUMO

Introdução: A adolescência é o período entre a infância e fase adulta que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), compreende dos 10 aos 19 anos, e é marcado por inúmeras transformações biopsicossociais. Devido a maturação dos órgãos sexuais e reprodutivos, com o início da vida sexual e o contexto social, a gestação pode ocorrer nessa fase de maneira precoce, repercutindo diretamente na saúde mental das adolescentes. **Objetivo:** Identificar os danos à saúde mental de uma gestação na adolescência. **Método:** Revisão sistemática de literatura através dos bancos de dados eletrônicos: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores: gravidez na adolescência, transtorno mental, saúde mental. **Resultados:** Os dados mostram que a gravidez na adolescência está relacionada com o surgimento de desordens mentais frequentes como depressão, transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade e ideação suicida. Outros estudos identificaram mudanças no padrão comportamental das adolescentes: retraimento e aumento do tabagismo. Os desencadeantes do adoecimento mental possuem relação com as condições socioeconômicas e baixo suporte social, como a limitação de recursos, ausência de parceiro, conflitos familiares e dependência financeira. Dessa forma, foi identificado que o suporte social atua como fator protetor contra ansiedade, gerando um efeito positivo na saúde mental. Verificou-se, ainda, que o subdiagnóstico durante o pré-natal está vinculado a efeitos adversos como parto prematuro e baixo peso ao nascer. **Conclusão:** Os impactos à saúde mental das adolescentes grávidas mais relatados na literatura são depressão, ansiedade e ideação suicida. Diante disso, o atendimento a essa gestante requer um olhar ampliado, com intervenções além da obstetrícia, contando também com apoio multiprofissional e oferta de assistência durante todo o pré e pós-natal. E assim, reduzir os impactos negativos de uma gestação precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência. Transtorno Mental. Saúde Mental.

¹ Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC Palmas, anna.luisa29@gmail.com

² Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC Palmas, mayara.lourenzo@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

OS IMPACTOS DA DEPRESSÃO EM GESTANTES ADOLESCENTES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MELO; Ana Luísa Soares ¹, LOURENZO; Mayara Azevedo Resende de ²

RESUMO

Introdução: A depressão é uma doença que pode afetar adolescentes durante o período gestacional e pós-natal. Sua etiologia é multifatorial, pode manifestar-se com rebaixamento do humor, perda de interesse ou prazer nas atividades, fadiga e outros, e suas consequências podem repercutir no desenvolvimento biopsicossocial da criança. **Objetivo:** Expor os impactos da depressão em adolescentes grávidas no desenvolvimento infantil. **Método:** Revisão da literatura através dos bancos de dados eletrônicos: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO). **Resultados:** Estudos apontam que sintomas depressivos em mães adolescentes podem aumentar o risco de a criança desenvolver problemas comportamentais e emocionais, sobretudo na primeira infância. As explicações para relação entre depressão materna e seu impacto no desenvolvimento infantil, bem como a gravidade dos sintomas, ainda permanecem incertas. Porém, existe a hipótese que durante a depressão ocorre uma maior exposição ao cortisol intrauterino e uma resposta inadequada ao estresse ambiental após o nascimento. Isso altera o comportamento infantil e tem sido associado à elevada reatividade ao cortisol. Foi identificado que filhos de mães adolescentes com depressão apresentavam irritabilidade, distúrbios psicológicos e relacionados ao sono, à alimentação, à respiração e à pele. Expõem, também, prejuízos nas habilidades sociais, resolutividade de problemas e empobrecimento no desenvolvimento neural e motor da criança. Dessa forma, muitos resultados apontam que o tratamento da depressão nas adolescentes, independente do contexto, pode ser mais eficaz e relaciona-se com a prevenção de danos psicológicos na criança. **Conclusão:** Nota-se que a depressão na adolescência tem repercussões para a paciente e no desenvolvimento da criança, embora a causalidade ainda permaneça indefinida. Ressalta-se a importância da triagem psicológica durante o período gestacional e pós-natal, visando a redução do subtratamento e sofrimento materno, e prevenindo agravos à criança.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Gestação na adolescência. Desenvolvimento Infantil.

¹ Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC Palmas, anna.luisa29@gmail.com

² Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC Palmas, mayara.lourenzo@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RELATO DE CASO: TERATOMA MADURO BILATERAL - ACHADO VIDEOLAPAROSCÓPICO DURANTE APENDICECTOMIA

PEREIRA; Isabella Cruz Cesário¹, JÚNIOR; Adalberto Cesário Pereira², CRUZ; Catarina Cé Bella³, DEMÉTRIO; André Luiz Barzan⁴, NETO; Anísio de Souza⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Teratomas ovarianos são tumores de células germinativas derivados das células primordiais do ovário, sendo o tipo mais comum de tumor ovariano em crianças. O teratoma maduro/cisto dermoide, é um tumor benigno, encapsulado, proveniente de dois ou três folhetos embrionários. O objetivo é relatar o caso de uma paciente jovem, com teratoma maduro bilateral de grandes dimensões. **RELATO DE CASO:** GS, 13 anos, natural de Itajaí/SC, procurou pronto atendimento pediátrico por dor abdominal aguda e vômitos. Submetida à laparotomia por suspeita de apendicite aguda, evidenciou-se cisto ovariano direito com 10 cm, que foi retirado como a causa da dor e a apendicite foi confirmada e operada. Na revisão da cavidade, foi observado cisto (8cm) ovariano contralateral, que não foi abordado, por orientação da ginecologia, especialidade a qual a paciente foi encaminhada. O anatomopatológico revelou teratoma cístico maduro do ovário e apendicite aguda; RNM pélvica evidenciou grande cisto em ovário esquerdo com 325cc, paredes regulares e alguns septos. Submetida à videolaparoscopia: achado de cisto de ovário esquerdo com 8 cm, livre na cavidade, com superfície lisa e brilhante. Puncionado, apresentou líquido citrino. Realizada ooforoplastia cuidadosa, com exereses da cápsula, hemostasia e colocação de Gelfoan intraovariano. Anatomopatológico: teratoma adulto cístico. Ecografia 30 dias pós-operatório demonstrou ovário esquerdo com 29,6cc e imagem nodular compatível com tumor dermoide remanescente. Mantida conduta expectante e iniciado anticoncepcional oral combinado. Eco 4 meses após, ovário com 13cc e, 6 meses após, ovário com 11cc. **COMENTÁRIOS:** Trata-se de um caso atípico de teratoma maduro por ser uma paciente de 13 anos e ter acometimento bilateral, dimensões significativas, diagnosticado em laparotomia por apendicite na infância. Importante ser achado para evitar possíveis complicações pela evolução como a torção ovariana. A conduta de realizar ooforoplastia foi adequada considerando a idade da paciente e a não malignidade do caso.

PALAVRAS-CHAVE: Cisto Dermoide, Teratoma, Procedimentos Cirúrgicos em Ginecologia.

¹ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, bellaccp@gmail.com

² Hospital e Maternidade Santa Luíza e Hospital Unimed Litoral - Balneário Camboriú, adalberto.9@terra.com.br

³ SC, catarinabellacruz@gmail.com

⁴ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, andre.barzan@gmail.com

⁵ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, anisio@anisio.med.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

RELATO DE CASO: TORÇÃO OVARIANA EM UMA ADOLESCENTE DE 13 ANOS.

ALARCON; Nicole Niehues¹, JÚNIOR; Adalberto Cesário Pereira², WEISS; Debora³, THIEDE; Alexia Nayane⁴, ARIAS; Livia de Aragon⁵

RESUMO

Torção anexial é a rotação do ovário e/ou tuba uterina entorno de sua vasculatura. Ocorre principalmente em mulheres em idade fértil, mas pode acometer a população pediátrica e adolescente. Este relato apresenta a importância de seu diagnóstico precoce e intervenção adequadas. G.A.C.N, 13 anos, estudante, natural de Itajaí/SC, se apresentou ao consultório médico, com queixa de dor pélvica em fossa ilíaca direita, de início súbito e crescente, há 6 horas, de moderada intensidade, sem outros sintomas. Menarca aos 12 anos, ciclos regulares e normais, sem iniciação sexual. Nega patologias anteriores, alergias, uso de medicações ou tabagismo. Histórico de mãe com infertilidade conjugal e SOP. Exame físico: bom estado geral, sinais vitais estáveis, abdome doloroso à palpação profunda em fossa ilíaca direita, sem Blumberg. Exame ginecológico: genitália normal, hímen íntegro, sem sangramentos ou secreções. Ecografia pélvica mostrando útero em AVF, normal; ovário direito homogêneo, aumentado de volume, com 6cm e ovário esquerdo normal. Videolaparoscopia mostrou torção do pedículo anexial direito, trompa edemaciada e aumento volumétrico do ovário, com área de provável necrose (aproximadamente 30% do mesmo). Foi desfeita a torção e aguardada revitalização anexial; trompa mostrou-se viável, mas a área ovariana isquêmica necessitou ser removida; seguido com ooforopexia na parede pélvica direita. Após 1 semana, retiraram-se os pontos e ecografia mostrou involução ovariana em 3 semanas. O caso ilustra o potencial comprometimento de ovário e trompa nas situações de torção. Apesar de infrequente nessa faixa etária, pode ocorrer mesmo na ausência de massas. A ecografia com doppler, como visto, é um excelente exame, sendo a TC e RNM úteis em casos como torção incompleta ou crônica. A abordagem cirúrgica tem como objetivo a recuperação anexial. Portanto, a suspeita e o diagnóstico precoce, foram fundamentais para preservar a função ovariana e o futuro reprodutivo da paciente.

PALAVRAS-CHAVE: anexos uterinos, doenças dos anexos, anormalidade torcional

¹ Universidade do Vale do Itajaí - Itajaí, nickniehues@hotmail.com

² SC, adalberto.9@terra.com.br

³ Hospital e Maternidade Santa Luiza e Hospital Unimed Litoral - Balneário Camboriú, debora.weiss@outlook.com

⁴ SC, thiedealexia@gmail.com

⁵ Universidade do Vale do Itajaí - Itajaí, ariaslivia@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍNDROME DE HERLYN-WERNER-WUNDERLICH – RELATO DE CASO

SOUZA; Ivana Fernandes ¹, GEMRA; Fábio ², SANTOS; Luisa Cascaes dos ³

RESUMO

Introdução: Síndrome de Herlyn-Werner-Wunderlich é uma variedade rara de anomalia do ducto mülleriano caracterizada por útero didelfo, hemivagina obstruída e agenesia renal ipsilateral. O quadro clínico envolve dismenorreia, massa pélvica ou vaginal, corrimento vaginal anormal, retenção urinária aguda, podendo cursar com infertilidade, endometriose ou complicações na gravidez e parto. Múltiplas complicações associadas como estenose vaginal e formação de hematocolpos, perfuração do septo vaginal, com migração bacteriana patogênica e consequente infecção do hematocolpo podem ser encontradas. Cursa com genitália externa normal, sendo o diagnóstico realizado frequentemente na adolescência, através de exames de imagem como ultrassonografia pélvica e ressonância magnética da pelve. Análogos do GnRH, progestágeno injetável trimestral ou contracepção hormonal oral combinada contínua podem ser usadas visando a amenorreia até que o tratamento cirúrgico definitivo seja realizado. Relato de Caso: paciente de 13 anos e 10 meses, menarca aos 10 anos, ciclos menstruais regulares há 1 ano e virgem. Procurou atendimento hospitalar com dor abdominal em baixo ventre, associada à febre e deambulação dificultada. Ultrassom abdominal identificou agenesia renal esquerda, útero didelfo, hemivagina esquerda com obstrução distal e dilatação hemática no terço proximal confirmados pela ressonância magnética da pelve que suspeitou de abscesso vaginal e presença de ureter ectópico desembocando na vagina atrésica. Realizado antibioticoterapia e exérese de septo vaginal com drenagem de hematocolpos com infecção bacteriana associada. Encaminhada posteriormente para correção cirúrgica definitiva. Comentários: paciente apresentou sintomatologia habitual em casos da Síndrome de Herlyn-Werner-Wunderlich, destacando-se o atraso no diagnóstico comum nestes casos. Enquadra-se no tipo III da classificação das anomalias do ducto de Müller e apresentou-se com complicações como hematocolpos e infecção bacteriana associada necessitando conduta hospitalar cirúrgica imediata. Destaca-se a dificuldade e importância do diagnóstico nestes casos visando minimizar complicações a curto e longo prazo às pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Ductos paramesonéfricos, vagina, útero, rim, ginecologia.

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), ivanafernandes@hotmail.com

² Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), fabio.gemra@gmail.com

³ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), cascaesluisa@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DA LITERATURA

RAMOS; Manoela Zen¹, SCALCO; Sandra Cristina Poerner², GOMEZ; Vitoria Campanha³, GARAYP; Giulia Giampaoli⁴, BORTOLUZZI; Livia Menegat⁵

RESUMO

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência entre 10 e 19 anos, transição caracterizada por várias mudanças, a maioria é sexualmente ativa, especialmente no final do período. Sexualidade é pauta de discussão na rotina clínica, tema multidimensional. A falta de estratégias na abordagem da saúde sexual dos adolescentes por profissionais da saúde, associada a estreia sexual precoce, corroboram com altos índices de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), riscos socioeconômicos e gestações não planejadas. **Objetivos:** instrumentalizar profissionais de saúde sobre melhores estratégias e diretrizes de abordagem, para promoção à saúde sexual dos adolescentes, focadas na redução dos comportamentos sexuais de risco. **Métodos:** revisão da literatura baseada em evidências sobre abordagem de saúde sexual em adolescentes e redução de comportamentos de risco. Busca nas plataformas: PubMed, Cochrane Central Register of Controlled Trials e Scielo, entre 2015 e agosto 2020, inclui revisões sistemáticas, metanálises, ensaios clínicos e estudos de caso-controle, nos idiomas: português, inglês e espanhol. **Cruzamento dos descritores:** "saúde sexual", "adolescentes" e ou "abordagem". **Resultados:** medidas/ abordagens que apresentaram melhores resultados, diminuindo índices de ISTs e gravidez na adolescência: 1- No âmbito escolar, aliadas à tecnologia/mídias. 2- Uso de aplicativos: na educação sexual para adesão a contraceptivos, aprimoramento na comunicação sobre tema e diminuição da aceitação da violência. 3 - Comunicação dos pais: mecanismo positivo para diminuição de riscos, com menor probabilidade de relações sexuais precoces e maior probabilidade do uso de contraceptivos. 4 - Vinculação de serviços de saúde à atividades não clínicas, focadas nas habilidades de planejamento pessoal. **Conclusão:** Há intervenções aplicadas a saúde sexual dos adolescentes, com graus variados de evidências. Contudo, a principal estratégia para diminuição de comportamentos de risco é adequação da abordagem sexual no contexto socioeconômico, disponibilidade de acesso e viabilidade de adesão a contracepção.

PALAVRAS-CHAVE: abordagem, saúde sexual, adolescentes, comportamentos de risco

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, manelaramos99@gmail.com

² HMIPV/UNISINOS/UNIVATES, sabdrascalco@yahoo.com.br

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, vitoriacomez14@gmail.com

⁴ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, gigigarayp@hotmail.com

⁵ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, liviabortoluzzi@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA PELO SARS-COV-2 (COVID-19).

LEITE; Yasmin Sendrete de Carvalho Oliveira¹, PEREIRA; Marcela Maria Capelin², RAMOS; Maria Leticia Carvalho da Cruz³, SANTOS; Ana Cecília Figueiró⁴, BRITO; Georgia Maciel da Silva⁵

RESUMO

Introdução: A adolescência compreende o período dos 10 aos 19 anos, no qual ocorrem grandes mudanças que serão determinantes para a formação da mulher adulta. Nessa fase, a gravidez é considerada um problema de saúde pública devido as complicações maternas e neonatais que podem ocorrer, bem como os agravantes de problemas psicossociais e econômicos. A gravidez por si só é um processo de construção e adaptação, mas nos casos das adolescentes esse desafio é ainda maior. Aliado a toda essa problemática, surgiu em Wuhan, em 2019, a Covid-19, uma infecção viral transmitida pelo SARS-COV-2. A infecção foi declarada pandemia pela Organização Mundial de Saúde em 2020, desde então, os sistemas de saúde estão sendo desafiados e sofrendo inúmeras mudanças, com isso, os direitos ao parto e os padrões de assistência vêm se alterando e em, muitos casos, tendo perdas significativas. **Objetivos:** Analisar a relação entre a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (Covid-19) e o aumento da vulnerabilidade da gravidez na adolescência. **Métodos:** Revisão sistematizada de literatura, sem realização de metanálise, que buscou responder qual a relação da pandemia da Covid-19 com a vulnerabilidade da gravidez na adolescência. A pesquisa ocorreu por meio das plataformas PubMed, Nature, Science, The New England Journal of Medicine, Nature medicine. Foram incluídos artigos nacionais e internacionais publicados do período de 2015 a 2020. **Resultados:** Houve aumento dos casos de violência obstétrica devido à realização de intervenções sem evidência científica. Houve violação dos direitos das mulheres com a proibição de acompanhantes durante o parto e a separação da mãe e do recém-nascido após o nascimento. **Considerações finais:** Estudos e ações para o conhecimento e o impedimento de atos que violam os direitos das puérperas adolescentes são necessários devido ao elevado impacto que é gerado na vida das mulheres, seus filhos e na sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Violência Obstétrica, Covid, Gravidez

¹ Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), yasmin.sendrete@gmail.com

² União Das Faculdades dos Grandes Lagos (UNILAGO), marcelacapelin@gmail.com

³ Universidade Tiradentes (UNIT), lecacruz@hotmail.com

⁴ Centro Universitário IMEPAC Araguari (IMEPAC), anaceciliafigueiro@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), georgia.msb@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ABUSO SEXUAL COMO PREDITIVO DE EXTREMA VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA.

ALTISSIMO; Fabiana Caroline¹, CORAL; Gabrielle Pesenti², SALVADOR; Raquel Fontana³, SANTOS; Vitória Diehl dos⁴, SCALCO; Sandra Cristina Poerner⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A atividade sexual precoce na adolescência pode relacionar-se à abuso sexual intrafamiliar, estupro por agressor identificável ou desconhecido. Aspecto que revela uma das preocupações consideradas fatores de risco, associados à extrema vulnerabilidade. Este estudo demonstra complexidade no conceito “ser vulnerável” e intrínseca rede de causalidade a partir de três casos de adolescentes vítimas de violência sexual, atendidas em serviço de referência. Pautado em revisão da literatura, com busca no PubMed, cujas palavras-chave foram: “vulnerabilidade sexual”; “precocidade sexual”; “abuso sexual na infância”; “infecções sexualmente transmissíveis”, nos últimos 5 anos, obteve-se 132 artigos, e foram selecionados 20 artigos, sobre o tema. **SÉRIE DE CASOS:** As adolescentes mostram-se vítimas mais frequentes de abuso antes dos 16 anos. É provável que corram maior risco, pelos parentes mais próximos, como observado no caso de T.C.S (17 anos), que desde 11 anos foi vítima de abuso sexual e sofria ameaças pelo avôdrasto. No caso da E.C.W. (15 anos), devido questões psicossociais, como bullying e depressão, a vulnerabilidade incidiu com abuso perpetrado por “amigo” que conheceu na internet. Enquanto que no caso de F.C. (11 anos), a ausência dos pais e transtorno de desenvolvimento, possivelmente a levaram a exposições e à comportamentos de riscos. **COMENTÁRIOS:** Adolescentes com histórico de abuso físico e/ou sexual foram mais propensas a início sexual precoce e exibir comportamentos sexuais de risco, incluindo múltiplos parceiros sexuais posteriores e não uso de preservativos. Adolescentes submetidas a situações de vulnerabilidade extrema tendem a mostrar intensa tristeza, depressão e ideação suicida, especialmente quando associadas a pobreza, desafios familiares, traumas, falta de apoio psicossocial, bullying e transtornos de desenvolvimento. Os dados apresentados destacam a importância de desenvolver estratégias preventivas focadas nas adolescentes mais suscetíveis, com comportamentos sexuais de risco e com base nos fatores vinculados, em especial a identificação do abuso sexual.

PALAVRAS-CHAVE: “vulnerabilidade sexual”, “precocidade sexual”, “abuso sexual na infância”, “infecções sexualmente transmissíveis”

¹ UNISINOS - Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, fabialtissimo@hotmail.com

² UNISINOS - Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, gabriellepcoral@gmail.com

³ UNISINOS - Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, raquelfontanasalvador@gmail.com

⁴ UNISINOS - Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, diehl.vitoria@gmail.com

⁵ HMIPV/UNISINOS/UNIVATES, sandrascalco@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MIOMA SUBMUCOSO EM ADOLESCENTE: UM RELATO DE CASO

TOMELIN; Nayara Andressa¹, BALDUÍNO; Gisele Elisa², HORN; Amanda Orsatto³, GONÇALVES; Larissa Furlani Bohora⁴, RODRIGUES; Yasmim Brustolin Lobo⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: miomas são os tumores benignos mais frequentes do trato genital feminino e são mais prevalentes na quarta e quinta década de vida. Menarca precoce, etnia negra e histórico familiar de mioma são reconhecidos como fatores de risco. A maioria das pacientes são assintomáticas, porém, quando sintomáticas, causam impacto na qualidade de vida, podendo apresentar sangramento uterino anormal, dismenorrea e infertilidade – principalmente nos miomas submucosos. A conduta depende principalmente da localização (submucoso, intramural e subseroso), podendo ser expectante, medicamentosa ou cirúrgica. **RELATO:** Paciente feminina, 16 anos, branca, solteira, encaminhada para consulta queixando-se de sangramento menstrual volumoso. Referiu sangramento vaginal importante, iniciado há 2 semanas. Relata aumento significativo da quantidade de absorventes e uso correto, há 3 anos, do anticoncepcional hormonal oral (Yaz®). A menarca ocorreu aos onze anos e a sexarca, aos treze. Nega comorbidades, histórico familiar de doenças e uso crônico de medicações. Ao exame físico, o abdome encontrava-se levemente distendido, indolor e sem massas palpáveis. Ao exame especular, visualizou-se sangramento de média quantidade, saindo pelo orifício cervical interno. A ultrassonografia transvaginal e a ressonância magnética pélvica demonstraram imagens de lesão característica de mioma submucoso. Como tratamento, optou-se pela miomectomia histeroscópica. **COMENTÁRIOS:** O caso refere-se a um mioma submucoso em adolescente, sendo uma apresentação pouco frequente, contrastando a faixa etária predominante. Além disso, a paciente não apresentava os fatores de risco em potencial. Vale ressaltar a menarca precoce, pois mais divisões celulares no miométrio resultam em maior probabilidade de mutações nas células miometriais, já no início da idade reprodutiva, podendo predispor a miomas. Neste caso, a miomectomia histeroscópica é a terapia de escolha, haja vista a idade, preservação da fertilidade e sintomas apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: mioma submucoso, adolescente, miomectomia histeroscópica

¹ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, nayaratomelin@hotmail.com

² Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, gisele_elisa@hotmail.com

³ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, amandaorsatto@hotmail.com

⁴ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, larissabohora@gmail.com

⁵ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, yasmimbrustolinrl@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TRATAMENTO DE VAGINISMO NA ADOLESCÊNCIA: UMA REALIDADE CONTROVERSA?

SILVA; Fernanda Dias da Silva -¹, F.D; ², FERREIRA; Isadora Vargas Ferreira -³, I.V; ⁴, HERINGER; Jane Iândora Heringer -⁵, J.J; ⁶, ARAÚJO; Tatiane Gomes de Araújo - ⁷, T.G; ⁸, SCALCO; Sandra Cristina Poerner Scalco -⁹, S.C.P; ¹⁰

RESUMO

INTRODUÇÃO: Vaginismo é disfunção sexual que envolve aspectos físicos e emocionais, de etiologia multifatorial (agravos, educação sexual, crenças, tabus e acesso), caracterizada por contração involuntária dos músculos do assoalho pélvico, cursa com dificuldade à penetração vaginal, cujos critérios englobam sofrimento sofrimento intra/interpessoal e duração mínima de 6 meses. A prevalência é subestimada, falta conhecimento do tema, entre adolescentes. Este estudo, embasado em revisão de literatura (Uptodate e Pubmed), visa chamar atenção para aspectos controversos, benefícios do diagnóstico precoce, manejo adequado e questões éticas inerentes à faixa etária, a partir de relato de caso de vaginismo em adolescente. Além de ressaltar importância da rede de apoio (escola, serviços de saúde e responsáveis). **RELATO DE CASO:** Paciente de 17 anos, ensino médio incompleto, encaminhada pela ginecologista, com seu parceiro também de 17 anos, cujo relacionamento fixo de de 3 anos é qualificado como excelente, ambos sob anuência prévia dos respectivos responsáveis. Relatam sofrimento com inúmeras tentativas de práticas penetrativas, sem sucesso. Nega história prévia de violência sexual, comorbidades, uso de medicamentos ou drogas. Realizou 8 sessões de terapia sexual, intervalos quinzenais, cujas técnicas empregadas foram: psicoeducação, estratégias de relaxamento, mindfulness e treino de dessensibilização gradativa com dilatadores vaginais (contemplados no exame físico, sozinha e com parceiro, 3 vezes por semana, 20 minutos). A resolução de deu com a possibilidade de relações sexuais associadas a práticas penetrativas, sem dor/desconforto, após 4 meses de tratamento. **COMENTÁRIOS:** Diferenciais de bom prognóstico, no relato, são reafirmados na literatura: diagnóstico precoce, tempo reduzido no sucesso terapêutico, apoio da parceria sexual e consentimento dos responsáveis. Cabe aos profissionais de saúde: abordagem adequada, no escopo da saúde sexual das adolescentes, ampliar conhecimento sobre orientações universais de questões éticas, confidencialidade e consentimento dos responsáveis. Reitera-se o bem-estar referente à saúde sexual desta faixa etária, objetivo de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas.

PALAVRAS-CHAVE: vaginismo, adolescência, disfunções sexuais femininas, saúde sexual

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, fdsilva@hcpa.edu.br

² Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, isadora.vferreira@gmail.com

³ Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, janeheringer@gmail.com

⁴ Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, tatinhaga@yahoo.com.br

⁵ Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas / UNISINOS / UNIVATES, sandrascalco@yahoo.com.br

⁶,

⁷,

⁸,

⁹,

¹⁰,



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TÍTULO: VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL NA CAPITAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

SANTOS; Luisa Cascaes dos¹, SOUZA; Ivana Fernandes²

RESUMO

Introdução: violência sexual é um problema de saúde pública em todo o mundo. Suas consequências tendem a ser irreversíveis provocando danos físicos e psicológicos. A violência infanto-juvenil ocorre independentemente da raça, classe, religião ou cultura do indivíduo. No Brasil, entre 2011 e 2017, foram notificados mais de 1800 casos de violência sexual, dos quais 76,5% foram contra crianças e adolescentes. **Objetivo:** caracterizar a violência sexual contra crianças e adolescentes (zero até 19 anos) na capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, entre 2009 e 2016. **Métodos:** estudo descritivo do perfil epidemiológico dos casos de violência sexual notificados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Dados tabulados no software Windows Excel, analisados pelo programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 18.0), apresentados na forma de frequência simples e relativa. **Resultados:** dentre os 384 registros de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual na capital catarinense no período, predominou o sexo feminino (81,5%), menores de 10 anos (51,8%) da raça branca (72,3%). Quanto ao abuso, destacaram-se os casos únicos (56,3%), do tipo estupro (47,9%), ocorridos na casa da vítima (61%), 65,4% provocados por conhecidos ou familiares, não havendo suspeita do uso de álcool por parte do agressor em 58,7% dos casos. Observado incremento de 3,4 vezes no registro de violência no período avaliado. O mesmo ocorrendo nas notificações entre os sexos, com aumento de 2,4 vezes no sexo masculino e 3,6 vezes no feminino. **Conclusão:** há na capital do Estado de Santa Catarina um perfil quanto às vítimas, o abuso e o tipo de abuso. Os dados obtidos neste estudo são relevantes para a implantação de políticas públicas de enfrentamento à violência sexual e suas consequências, garantindo maior proteção às vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência sexual, Crianças, Adolescentes.

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), cascaesluisa@gmail.com

² Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), ivanafernandes@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ABORDAGEM DO ABORTO LEGAL NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

WEBER; Stefanie Piber¹, GONÇALVES; Caroline Persi², XAVIER; Cristina Noschang³, SPEER; Andrea Brugger⁴, SCALCO; Sandra Cristina Poerner⁵

RESUMO

Introdução: Segundo código penal brasileiro: “O crime de estupro de vulnerável se configura com conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima, sua experiência sexual anterior ou existência de relacionamento amoroso com o agente”. Nessa perspectiva, enfatiza-se a caracterização como crime independente de contexto, assim como, o direito legal ao abortamento para pré-adolescentes. O Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) evidencia que 5.451 meninas entre 0 a 14 anos concluíram suas gestações de janeiro a abril de 2020. Estes dados suscitam reflexões, e, a partir de três casos atendidos em serviço de referência, discutiremos acerca do conhecimento sobre direitos legais e reais oportunidades de escolha. **Série de Casos:** S.R.M., 12 anos, repetente do sexto ano, vítima de abuso sexual crônico pelo pai HIV positivo e dependente químico. Ao confirmar gravidez, realizou aborto. G.T.S., 12 anos, sem atraso escolar, desde 10 anos sofria abuso pelo pai e após pelo pedreiro contratado pela família. A data de concepção informada era compatível com período em que estava com o pai. Mantinha relações sexuais também com amigo de 19 anos. Paciente e mãe concordaram com interrupção. M.C.G., 13 anos, repetente do sétimo ano, sofreu abuso sexual do pai aos 7. Engravidou do ex companheiro de 19 anos. Apesar de ter solicitado avaliação para aborto legal, desistiu e manteve a gestação. **Comentários:** O cuidado multidisciplinar e a informação acerca dos direitos sobre aborto legal foram essenciais para a abordagem holística nos diferentes contextos. Além disso, o empoderamento é um processo fundamental para proporcionar escolha orientada no desfecho. O atendimento interdisciplinar, do serviço de referência, atendeu às consequências de complexas vulnerabilidades, como: rede de apoio ineficaz, traumas psicológicos e atrasos escolares, a fim de proporcionar, mesmo que parcialmente, um cuidado integral dentro da abordagem biopsicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Aborto legal, estupro, pré-adolescente, empoderamento, atendimento biopsicossocial.

¹ UNISINOS, stefaniepwr@gmail.com

² UNISINOS, carolpersigonca@gmail.com

³ UNISINOS, cristina.noschangxavier@gmail.com

⁴ UNISINOS, andrea_brugger@hotmail.com

⁵ HMIPV/UNISINOS/UNIVATES, sandrascalco@yahoo.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ATIVIDADE FÍSICA EXCESSIVA E DEFICIÊNCIA RELATIVA DE ENERGIA NO ESPORTE (RED-S)

COSTA; Bianca Rodrigues¹, MONTEIRO; Denise Leite Maia², BROLLO; Leila Cristina Soares³, SALOMÃO; Claudia Lucia Barbosa⁴, CABRAL; Dâmaris⁵

RESUMO

Introdução: Inicialmente conhecida como tríade da mulher atleta, a síndrome da deficiência de energia relativa no esporte (RED-S) trata-se de uma complexa síndrome, na qual aspectos da função fisiológica, saúde e desempenho são afetados. Ela atinge atletas de ambos os sexos e seu mecanismo fisiológico se baseia na quantidade insuficiente de energia decorrente de atividade física excessiva e/ou ingestão inadequada de alimentos, levando a diversos prejuízos para a saúde dos atletas. **Objetivos:** Conhecer os principais prejuízos à saúde decorrentes da RED-S. **Métodos:** Revisão sistematizada a partir de pesquisa nas bases de dados eletrônicas: Medline (PubMed), LILACS e SciELO, usando como estratégia de busca: ("Female Athlete Triad Syndrome/complications" [Mesh] OR "Female Athlete Triad Syndrome/ diagnosis" [Mesh]), a partir de 2010. Foram incluídos 6 coortes prospectivos, 6 estudos transversais e 1 ensaio clínico. **Resultados:** Os resultados mostraram que as atletas acometidas pela síndrome apresentaram prejuízos como baixa disponibilidade de energia, baixa taxa metabólica basal, distúrbios menstruais e alterações ósseas, incluindo lesões por estresse ósseo, além de alterações hematológicas como dislipidemia e hipoglicemia. Além disso, cada componente da tríade da mulher atleta foi identificado como fator de risco para fratura por estresse ósseo entre atletas adolescentes. **Conclusões:** Este estudo valoriza a complexidade da RED-S e aponta que as complicações relacionadas a essa síndrome envolvem fatores endocrinometabólicos, físicos, bioquímicos e psicológicos. Entre as principais podemos citar alterações no ciclo do sono, diminuição da pressão arterial sistólica, dislipidemia, diminuição da temperatura corporal, distúrbios menstruais, problemas na saúde óssea, aumento do risco de desenvolver lesões por estresse ósseo, distúrbios alimentares e deficiências nutricionais.

PALAVRAS-CHAVE: Tríade da Mulher Atleta, Diagnóstico, Complicações

¹ Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) – Teresópolis – RJ, biancarodriguesc@hotmail.com

² UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

³ UERJ, lcs1507@yahoo.com.br

⁴ Hospital Infantil São Camilo UNIMED - Belo Horizonte, ginecoinfantopub@yahoo.com.br

⁵ Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) – Teresópolis – RJ, damaris.cabral@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O VIVER ADOLESCENTE NA PANDEMIA: O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO ON-LINE

PINHEIRO; LIA¹, TAKIUTI; ALBERTINA DUARTE², RIJO; ERNANE BORGES³, ROMÃO; LARISSA⁴, ARAÚJO; ROBERTA⁵

RESUMO

Introdução: A pandemia do Covid-19 em 2020, trouxe para os adolescentes, uma situação estressante por natureza, que deixa os sintomas psicológicos mais intensos, como: ansiedade, depressão, autolesão, entre outros. No atual cenário, procurou-se entender como o adolescente lida com o isolamento, ausência dos amigos, escola, pais ou cuidadores em casa, etc. Para poder lidar com a saúde mental, iniciou-se o “Acolhendo Dá pra atender! On-line, onde a escuta é um dos diferenciais, pois faz com que o adolescente perceba o acolhimento como espaço protetor, onde suas inquietações, são expressas e experienciadas de outra maneira. O projeto “Acolhendo Dá pra atender! On-line” foi desenvolvido com o objetivo de entender como o/a adolescente, na sua maneira de ser e estar no mundo, está lidando com as situações adversas do momento. O Acolhimento psicológico on-line, é realizado toda quinta feira no período da tarde, com equipe de psicólogos e psicopedagoga. Três adolescentes escolhidas: 12 anos, estressada, cuida dos irmãos e das tarefas domésticas; 13 anos, morde as pontas dos dedos, com cicatrizes que não curam- autolesão e, 16 anos ansiosa pelo isolamento social, sem aula, sem o curso de música, sem dinheiro, e seu pai fala: “lava louça que tudo passa”- “lavei e não passou”. Através do acolhimento, as adolescentes conseguiram entrar em contato consigo mesmas e resgatar o seu autossuporte. Comentários: “Acolhendo Dá pra atender! On-line”, espaço importante para acolhimento das diferentes queixas trazidas, evidenciando ser também uma oportunidade especial de crescimento pessoal, funcionando como um serviço de referência e desenvolvimento profissional. A terapia auxilia na elaboração de novas alternativas para o comportamento não saudável do adolescente, buscando reintegrar as partes disfuncionais na sua maneira de ser e estar, diante da existência que sofre, pois é preciso aprender a re-aprender sempre.

PALAVRAS-CHAVE: acolhimento, adolescentes, pandemia on-line, autossuporte

¹ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, pinli@bol.com.br

² PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, albertinadtakiuti@gmail.com

³ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, rjonane5@gmail.com

⁴ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, pinli@bol.com.br

⁵ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, pinli@bol.com.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PANDEMIA E ADOLESCÊNCIA: COMPROMETENDO AINDA MAIS O MOMENTO PRESENTE

PINHEIRO; LIA¹, TAKIUTI; ALBERTINA DUARTE², BORGES; GIUSEPPE M. RIJO³, BELL; ALEXANDRA⁴, CRUZ; ÍCARO⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A vida do adolescente sofreu mudanças diante da COVID-19, onde o isolamento social, a nova rotina de estudo e um ambiente de incertezas o coloca no enfrentamento de novas perspectivas e expectativas. A maioria das queixas trazidas pelos adolescentes frente a essa situação pandêmica é a dificuldade de se iniciar a ação e/ou decisão de estudar, de fazer alguma coisa para si, apresentando dessa forma o ato de procrastinar. É perante a esse contexto que surge o Projeto “Acolhendo Dá Pra Atender! On-line”, com atendimento psicológico e psicopedagógico. R., 18 anos, 3º ano ensino técnico, relata, no acolhimento a vontade de cursar o ensino superior em uma universidade americana: “não tenho recursos financeiros, mas tenho o idioma.” Procurou-se entender seu momento atual, contexto socioeconômico, conhecimentos adquiridos, entre outros aspectos, que possam auxiliá-la a ir em busca do seu desejo. O objetivo dos atendimentos é acolher a adolescente abordando os seus planos e efetivar e elaborar um plano dentro de um cronograma. Se a adolescente sentir-se pressionada, pode ir buscar outro prazer o que a fará procrastinar em seu compromisso. O Acolhimento on-line, foi realizado toda quinta feira no período da tarde, sendo que a orientação de carreira e os comportamentos de ansiedade, angústia, frustração e irritabilidade, são os focos a serem trabalhados. A adolescente reconhece que existem outras possibilidades para conquistar o seu objetivo, como ingressar em uma universidade brasileira em 2021. **COMENTÁRIOS:** A procrastinação é um comportamento social complexo que impacta diversos aspectos da vida do indivíduo. Ao conseguir estruturar o seu plano, R. passa a ter melhor compreensão sobre si e a sua realidade, buscando realizar o que se propus fazer, com base em quem acredita ser, sem comprometer o momento presente.

PALAVRAS-CHAVE: adolescente, procrastinação, ansiedade, psicologia, psicopedagogia

¹ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, pinli@bol.com.br

² PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, albertinadtakiuti@gmail.com

³ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, giuseppeborges.gb@gmail.com

⁴ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, aabelli@terra.com.br

⁵ PROGRAMA SAÚDE DO ADOLESCENTE - SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, icarosc@outlook.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

VACINA CONTRA O HPV: O QUE AINDA DIFICULTA A ADESÃO ENTRE OS ADOLESCENTES?

GOMES; Louise Moreira Ferro¹, RODRIGUES; Deborah Leopoldo², DUARTE; Rafaela Maria Bezerra³, LESSA; Ana Beatriz Machado⁴, PAIXÃO; Avha Clarice⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A vacina contra o Papilomavírus humano (HPV) está disponível no Sistema Único de Saúde, sendo eficaz na prevenção do câncer cervical e relevante para proteção da população feminina. Observa-se, porém, baixa adesão entre os adolescentes, ocorrida por diversos fatores, especialmente a desinformação popular sobre a importância da prevenção contra o HPV, desafio este a ser superado na saúde pública. **OBJETIVOS:** Descrever as principais dificuldades na adesão à vacina do HPV entre adolescentes. **MÉTODOS:** Revisão sistemática a partir de busca nas plataformas BVS e Scielo, selecionando as publicações dos anos 2018 e 2019. **RESULTADOS:** Estudos apontam a importância da aceitabilidade da vacina pela população, que se baseia na ciência de seus benefícios. Porém, a influência de crenças e valores sobre o comportamento sexual, impede a percepção sobre os riscos da doença. Os adolescentes têm menor autonomia nesta decisão, logo, os responsáveis são um importante alvo para divulgação de informações sobre prevenção. Constatou-se que os principais fatores para não adesão são o desconhecimento de segurança e eficácia da vacina, e a lacuna de compreensão sobre HPV e câncer de colo uterino, somado a receios de dor na aplicação, de desaprovação familiar, e ausência de atividade sexual entre os mais jovens, já que, pelo SUS, a vacina é assegurada para meninas de 9 a 14 e meninos de 11 a 14 anos. Notou-se, ainda, a importância das escolas para divulgação de informações e oferta vacinal. Além disso, o acesso aos serviços de saúde e qualidade da informação prestada nesses espaços impactam a adesão à vacina, o que é influenciado pelas desigualdades sociais e raciais. **CONCLUSÃO:** O conhecimento da população sobre o HPV e a vacina ainda são barreiras e é fundamental que profissionais de saúde identifiquem e superem essas dificuldades, contribuindo com ações preventivas e promovendo a saúde na população.

PALAVRAS-CHAVE: Papilomavirus humano, Adolescente, Vacina

¹ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, louise-moreira@hotmail.com

² Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, deborahleopoldo@gmail.com

³ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, rafaelamaria.duarte@gmail.com

⁴ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, beatrizmiessa@gmail.com

⁵ Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, avha.soares@famed.ufal.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DOS FATORES QUE PROPICIAM A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

LESSA; Ana Beatriz Machado¹, DUARTE; Rafaela Maria Bezerra², RODRIGUES; Deborah Leopoldo³, GOMES; Louise Moreira Ferro⁴, SOARES; Avha Clarice Paixão⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Segundo a OMS, 16 milhões de adolescentes de 15 a 19 anos e 2 milhões de menores de 15 anos dão à luz a cada ano. De 2010 a 2015, a taxa média de fertilidade entre as adolescentes na América Latina foi a segunda maior do mundo: 66.5 nascimentos para cada mil, superada apenas pela África Subsaariana. Para mais, a gravidez na adolescência relaciona-se a maiores taxas de morbimortalidade materna e fetal, de modo que as complicações gestacionais e do parto lideram as causas de morte entre jovens de 15 a 19 anos. Elucidar os fatores que a provocam é, então, imprescindível para assegurar o bem-estar desta população. **OBJETIVOS:** Descrever os achados de literatura relacionados a fatores que corroboram a incidência de gravidez precoce. **MÉTODOS:** Revisão sistemática a partir de busca nas plataformas BVS e Google Scholar utilizando-se os descritores gravidez na adolescência, contracepção, sexualidade e planejamento familiar e filtrando-se as publicações dos anos de 2014 a 2020. **RESULTADOS:** O Brasil possui uma sociedade conservadora quanto à saúde reprodutiva, principalmente envolvendo adolescentes, o que limita o conhecimento e acesso aos métodos contraceptivos, contribuindo para gravidez precoce. Influenciam esse cenário religiosidade, educação sexual inefetiva ou ausente nas escolas, início precoce de atividade sexual e dificuldade no diálogo com o parceiro e com a família ao iniciá-la. Ademais, deve ser considerado o contexto social dessas adolescentes, visto que a gravidez nesta idade está presente principalmente nas camadas sociais mais baixas. Também foi analisado que boa parte dos adolescentes conhecem os métodos contraceptivos, entretanto, isto não significa que saibam usá-los, tornando-se vulneráveis a gravidez indesejada e IST's. **CONCLUSÃO:** A gravidez precoce pode trazer muitas implicações à juventude. Portanto, a discussão e disseminação de conhecimentos sobre sexualidade e contracepção de modo responsável mostra-se imprescindível para que tal conteúdo deixe de ser tabu.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, contracepção, sexualidade, planejamento familiar.

¹ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, beatrizmlessa@gmail.com

² Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, rafaelamaria.duarte@gmail.com

³ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, deborahleopoldo@gmail.com

⁴ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, louise-moreira@hotmail.com

⁵ Docente do curso de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, avha.soares@famed.ufal.br



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PRINCIPAIS FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM MÃES ADOLESCENTES

GOMES; Ana Carolina Lopacinski¹, AIDAR; Joana Trosdolf²

RESUMO

Introdução. A depressão pós-parto (DPP) é um especificador do DSM-5 para Transtorno Depressivo Maior que ocorre durante a gravidez ou nas quatro semanas pós-parto. Afeta 6,9 a 16,7% das mães adultas e 14 a 53% das adolescentes. Além da maior prevalência, nas adolescentes os sintomas persistem por períodos mais longos, com taxas de tentativas de suicídio 3 vezes maiores. Uma vez que a DPP pode acarretar consequências negativas na saúde materna e desenvolvimento da criança, a análise dos seus fatores de risco é fundamental. **Objetivo.** Analisar os principais fatores de risco associados a depressão pós-parto em mães adolescentes. **Métodos.** Realizou-se uma revisão integrativa de literatura utilizando as bases de dados PUBMED e BVS. Foram incluídos os termos “adolescent pregnancy”, “postpartum depression” e “risk factors”, unidos pelo booleano “and”. Incluíram-se artigos dos últimos 5 anos, em português e inglês e pesquisados em humanos. Excluíram-se estudos que abordassem DPP em maiores de 18 anos e aqueles cujo foco não eram fatores de risco. Foram selecionados 11 artigos. **Resultados.** Diversas condições associam-se ao risco de DPP em adolescentes. Dentre as características maternas temos: idade, histórico de depressão ou ansiedade, mães solteiras e baixa autoestima. As características sociais de risco incluem baixa escolaridade, desemprego e condições econômicas desfavoráveis. Falta de suporte familiar e histórico de violência física ou sexual aumentam 2 a 5 vezes as chances de DPP em adolescentes. Nessa população, o uso de álcool, tabaco ou substâncias ilícitas também aumentam tais chances. Além disso, complicações no parto, doenças congênitas no bebê e dificuldades na amamentação foram relacionadas a maiores taxas de DPP nas adolescentes. **Conclusão.** Tendo em vista as múltiplas variáveis que contribuem para DPP em adolescentes, conclui-se que é de suma importância a identificação precoce dos fatores de risco nessa população para desenvolver programas eficazes visando a prevenção de desfechos desfavoráveis.

PALAVRAS-CHAVE: adolescent pregnancy, postpartum depression, risk factors

¹ Faculdades Pequeno Príncipe - FPP, analopacinski@hotmail.com

² Faculdades Pequeno Príncipe - FPP, joana.aidar@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O CONHECIMENTO DE ADOLESCENTES SOBRE OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS DE EMERGÊNCIA

GOMES; Ana Carolina Lopacinski ¹, AIDAR; Joana Trosdolf ²

RESUMO

Introdução. A OMS define anticoncepção de emergência (AE) como um método que previne gravidez após relação sexual desprotegida, falhas contraceptivas ou agressão sexual. Gravidez na adolescência é uma importante questão de saúde pública mundialmente, com 11% dos nascimentos ocorrendo entre 15 e 19 anos. Uma vez que a maioria dessas gestações não são intencionais e estão associadas a complicações maternas e consequências sociais, analisar o conhecimento de adolescentes sobre AE pode contribuir para alterar tal cenário. **Objetivo.** Analisar o conhecimento de adolescentes sobre métodos contraceptivos de emergência. **Método.** Realizou-se uma revisão integrativa de literatura utilizando as bases de dados PUBMED e BVS. Foram incluídos os termos “emergency contraception”, “adolescent” e “knowledge”, unidos pelo booleano “and”. Incluíram-se artigos dos últimos 5 anos, em português e inglês e pesquisados em humanos. Excluíram-se estudos que abordavam conhecimento de outros métodos contraceptivos e aqueles cuja população não fosse adolescente. Foram selecionados 12 artigos. **Resultados.** AE é capaz de reduzir até 85% das gestações se utilizada corretamente. Apesar da maioria dos adolescentes terem conhecimento do método, muitos não sabem quando acessá-lo, qual sua ação e eficácia. YEN e col. (2015) pontuaram que 86% das adolescentes tinham ouvido falar sobre AE, mas 40% não sabia se era um método abortivo, 19% tinha dúvida da eficácia na prevenção de IST's e 12% acreditava que infertilidade era uma consequência esperada. O acesso ao método foi considerado uma barreira para seu uso adequado, já que muitos relataram medo de julgamentos. Informações prévias consistentes sobre AE, histórico de gravidez precoce e uso de contraceptivos regulares foram considerados preditores para o uso correto do método. **Conclusão.** Devido a difusão limitada de conhecimento entre os adolescentes sobre AE, conclui-se que é fundamental a criação de programas de educação em saúde sexual abrangentes, bem como a garantia de acesso a tais métodos.

PALAVRAS-CHAVE: emergency contraception, adolescent, knowledge

¹ Faculdades Pequeno Príncipe - FPP, analopacinski@hotmail.com

² Faculdades Pequeno Príncipe - FPP, joana.aidar@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL DOS AGRESSORES SEXUAIS DE VÍTIMAS MENORES DE 18 ANOS ATENDIDAS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA NO ESTADO DO CEARÁ

OLIVEIRA; Ana Beatriz Timbó de¹, CORREIA; Christopher Falcão², BORIZ; Isac Lucca Frota³, GALDINO; Láiza Pessoa Lopes⁴, BRUNO; Zenilda Vieira⁵

RESUMO

Introdução: A violência é um fenômeno de causalidade complexa. Ao investigar aspectos da violência ou abuso sexual em menores, descrever o perfil dos agressores é crucial para elaborar estratégias de proteção à vítima. **Objetivos:** Analisar o perfil epidemiológico de indivíduos envolvidos com agressão sexual de vítimas menores de 18 anos atendidas em um hospital de referência em Fortaleza, Ceará. **Métodos:** A análise retrospectiva foi baseada na revisão das fichas de notificação de violência interpessoal e autoprovocada do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Selecionou-se as pacientes de até 18 anos que sofreram violência sexual e buscaram o serviço especializado de um hospital universitário, na cidade de Fortaleza-CE, de maio de 2015 a julho de 2020. **Resultados:** Foram analisados os dados referentes aos campos sobre agressores sexuais em 172 casos notificados através do SINAN. A análise etária expôs que a maior fração (65-37,8%) é de adultos entre 25-59 anos, seguida de jovens entre 10-19 anos (56-32,6%) e de indivíduos com idade entre 20-24 anos (38-22,1%). Houve o registro de 3 idosos (1,7%) e 1 criança (0,6%) entre os violentadores, não sendo possível acessar esse dado em 9 fichas (5,2%). Houve predominância de agressores considerados amigo da vítima (53-30,8%) e, simultaneamente, de desconhecidos (51-29,7%). Os casos de agressão sexual se concretizaram, majoritariamente, mediante o uso de ameaça (74-43%) e força (73-42,4%). A maioria (104-60,5%) não estava sob efeito de álcool no momento da agressão. **Conclusão:** Os dados coletados acerca do agressor expõem o contexto de vulnerabilidade generalizado ao qual as vítimas estão inseridas, dado que as ocorrências acontecem através de indivíduos próximos e desconhecidos, de idade variada e por meio de força e ameaça, sugerindo um importante peso cultural na origem da violência sexual e a necessidade de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Delitos sexuais, Saúde sexual e reprodutiva, Saúde do adolescente

¹ Universidade Federal do Ceará - UFC, anabtimbo@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará - UFC, christopherfalcão2000@gmail.com

³ Universidade Federal do Ceará - UFC, isaclucca@gmail.com

⁴ Universidade de Fortaleza - UNIFOR, laizaplg@gmail.com

⁵ Maternidade Escola Assis Chateaubriand - MEAC/UFC, zenildavieirabruno@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL ATÉ 18 ANOS EM ATENDIMENTO ESPECIALIZADO NO ESTADO DO CEARÁ

CORREIA; Christopher Falcão¹, OLIVEIRA; Ana Beatriz Timbó de², NETO; José Armando Pessoa³, LIMA; Ilana Leila Barbosa de⁴, BRITTO; Débora Fernandes⁵

RESUMO

Introdução: Violência sexual em crianças e adolescentes tem alta incidência, ocorrendo, muitas vezes, em ambiente e contexto familiar. Conhecer o perfil das vítimas e as circunstâncias desses eventos é essencial para planejamento de assistência e intervenções. **Objetivos:** Descrever as características sociodemográficas das vítimas de violência sexual atendidas em um serviço de referência de um hospital escola universitário. **Métodos:** Estudo de coorte retrospectivo, com a análise de informações clínicas-epidemiológicas disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, de mulheres de 0 a 18 anos que sofreram violência sexual e procuraram atendimento em um serviço de um hospital universitário, na cidade de Fortaleza-CE, de maio de 2015 a julho de 2020. **Resultados:** Os dados relativos a 172 mulheres foram analisados. A idade variou de 1-18 anos, com média de $12,52 \pm 4,13$ anos, sendo 109 com 14 anos ou menos. O abuso ocorreu majoritariamente na residência da vítima, 61,6% (106), e em via pública, 15,1% (26). As ocorrências também envolveram, em 36,6% (63), violência física e, em 49,4% (85), violência psicológica/moral. Além disso, utilizou-se força corporal, 42,4% (73), e ameaça, 43% (74), como principais meios de agressão. A violência teve caráter recorrente em 40,7% (70) das vítimas. 32% (56) das vítimas realizaram profilaxia para DST, ao passo que 24,4% (42) fez uso de contraceptivos de emergência e 8,7% (15) interromperam a gestação. O intervalo médio, em dias, entre a ocorrência da violência e o registro foi de 86,7 dias ($p < 0,001$). **Conclusão:** Marcadas pela pouca idade e pela recorrência, as vítimas foram violentadas, majoritariamente, no próprio domicílio, mediante uso de força e/ou violência psicológica, além do abuso sexual. O acesso retardado ao sistema de saúde reduziu a possibilidade de adoção dos procedimentos profiláticos, bem como a interrupção legal da gestação.

PALAVRAS-CHAVE: Delitos sexuais, violência contra a mulher, monitoramento epidemiológico.

¹ Universidade Federal do Ceará/UFC, christopherfalcao2000@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará/UFC, anabtimbo@gmail.com

³ Universidade Federal do Ceará/UFC, japessoaneto@gmail.com

⁴ Maternidade Escola Assis Chateaubriand - MEAC/UFC, ilanablina@gmail.com

⁵ Maternidade Escola Assis Chateaubriand - MEAC/UFC, deborabritto@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ATENDIMENTO MULTIPROFISSIONAL EM AMBULATÓRIO ESPECIALIZADO EM ADOLESCENTES

KERR; Joana Shikanai ¹, FERNANDES; Lelia S ², ASHKENAZI; Chaim ³, RAMOS; Rosana ⁴, TAKIUTI; Albertina Duarte ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Centro de Atenção Saúde do Adolescente (CASA) de Pinheiros adota um Modelo de Atenção Integral a Saúde do Adolescente, implantado a partir de conceitos definidos pelo Programa Saúde do Adolescente, com marco conceitual contemplando integralidade, multiprofissionalidade, intersetorialidade. A promoção da saúde é realizada com ênfase em grupos, nas rodas de conversa, trabalhando autoestima, autoimagem, juízo crítico, protagonismo e cidadania. O serviço se localiza na Zona Oeste de São Paulo e seu acesso é aberto, não se restringindo o atendimento pelo local de moradia. Desde 1994, fizeram matrículas no serviço 41100 adolescentes. **OBJETIVO:** Descrever o perfil dos adolescentes que procuram o atendimento multiprofissional **METODO:** Levantamento de dados de todas as matrículas realizadas em 2019 e durante atendimento multiprofissional de adolescentes que procuraram o serviço. **RESULTADOS:** Realizaram matrículas em 2019, 1152 adolescentes :660 (57,2%) garotas e 492 (42,7%) garotos; 470(40,8%) na idade 10 a 13 anos, 409(35,5%) idade 14 a 16anos, 273(23,6%) idade 17 a 19anos. No ano de 2019 a equipe multiprofissional realizou 3470 atendimentos hebiátricos, 1261ginecológicos, 1050 nutrição, 2581 psicologia, 2465 procedimentos odontológicos. Eram realizados Grupos de Roda de conversa antes dos atendimentos e oficina de nutrição semanal. Em atualização de cerca de 500 atendimentos mais recentes, o local de moradia 44,1%zona oeste, 25% cidades vizinhas, 19,8%zona sul, 7,1%zona leste, 03,1%zona norte, 0,9%centro. **CONCLUSÃO:** Em 2019, o serviço recebeu mais de mil novos adolescentes. Garotas constituem a maior parte desta procura, e a faixa etária é de menor idade. É notável a alta porcentagem de adolescentes de fora da cidade que buscam o serviço, e cujos motivos devem ser melhor avaliados pensando em como prover um acesso mais adequado a essa população.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes, Atendimento, Multiprofissional

¹ Programa Saúde do Adolescente, joanamsk@gmail.com

² Programa Saúde do Adolescente, albertinadtakiuti@gmail.com

³ Programa Saúde do Adolescente, albertinadtakiuti@gmail.com

⁴ Programa Saúde do Adolescente do, albertinadtakiuti@gmail.com

⁵



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DESFECHO DAS GESTAÇÕES EM ADOLESCENTES NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

SIROTHEAU; Fernanda David ¹, PAIVA; Daniele Socorro de Brito Souza ², SILVA; Alina Simas ³, PANTOJA; Natasha Cristina da Silva ⁴, ABDALLA; Adriana Pereira ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO Em 2018, 15,48 % dos partos ocorridos no Brasil foram decorrentes de gestações em adolescentes. Apesar da contínua diminuição a cada ano da porcentagem desse grupo etário, o mesmo ainda corresponde a uma parcela significativa dos nascimentos. Diversas pesquisas identificaram um maior risco de prematuridade e baixo peso ao nascer nas gestações de adolescentes. **OBJETIVO** Conhecer o impacto da idade materna no desfecho gestacional. **MÉTODOS** Trata-se de estudo descritivo, longitudinal e retrospectivo. Os dados epidemiológicos foram obtidos por meio da consulta ao Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC), disponibilizado pelo banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico <https://datasus.saude.gov.br/nascidos-vivos-1994-a-2017>. Foram identificados o tipo de parto, Apgar no 1º e 5º minuto, peso ao nascer, presença de anomalias congênitas e óbitos maternos de nascidos vivos de mães nas faixas etárias menores de 20 anos no período de 2014 a 2018 no Brasil. **RESULTADOS** No período em estudo, 60,5% dos partos em adolescentes no Brasil foram partos vaginais, e 39,3% cesáreas. Quanto ao Apgar no 1º e 5º minutos, 83,2% e 94,2% obtiveram 8-10, respectivamente, sendo semelhante à porcentagem encontrada entre 20-34 anos. O baixo peso ao nascer foi detectado em 9,5% dos nascimentos da população estudada, além de 0,82% de presença de anomalias congênitas fetais. E a taxa de mortalidade materna ficou em torno de 43,8 % nesse período, também não tendo grandes diferenças quando comparado a mulheres de 20-29 anos (45,9%). **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Com os dados obtidos nos estudos, percebe-se que quanto ao desfecho gestacional, não foi observado grande diferença entre mães adolescentes e com idade de 20-34 anos. Devendo-se ter os mesmos cuidados, com captação precoce no pré natal, acesso a assistência durante a gestação, no parto e no puerpério, além de acompanhamento psicológico para essas mães e suas famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, nascidos vivos, avaliação de resultados em cuidados de saúde.

¹ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - Universidade Estadual do Pará, fsirotheau@gmail.com

² Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - Universidade do Estado do Pará, dsbspaiva@gmail.com

³ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - Universidade Estadual do Pará, alinasimas@gmail.com

⁴ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - Universidade Federal do Pará, silva_pantoja@hotmail.com

⁵ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - Universidade Estadual do Pará, adriana-abdalla@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL DA GESTANTE ADOLESCENTE NUMA CAPITAL DO NORTE DO BRASIL.

PEREIRA; Ákilla Caroline Nascimento¹, PLACIDO; Ana Beatriz Rangel²

RESUMO

Introdução: A adolescência, segundo a Organização Mundial da Saúde, deve compreender o período que abrange dos 10 aos 19 anos. A gestação é uma condição que eleva a prevalência de complicações maternas e fetais, além de agravar problemas socioeconômicos frequentemente observados nesta faixa etária. O acompanhamento pré-natal tem efeito protetor sobre a saúde da gestante e do recém-nascido, uma vez que contribui para uma menor incidência de mortalidade materna, baixo peso ao nascer e mortalidade perinatal. A determinação de um perfil é importante para o planejamento de atividades direcionadas para os grupos de maior vulnerabilidade. **Objetivo:** Demonstrar o perfil socioeconômico da adolescente grávida no estado de Roraima, de acordo com dados do DATASUS, entre os anos de 2015 a 2018. **Método:** Um estudo epidemiológico, descritivo, de abordagem quantitativa. Os dados utilizados nessa pesquisa foram coletados do Sistema de Informação de Nascidos – Vivos (SINASC) a partir do DATASUS. Foram selecionados dados de nascidos vivos de mães entre 10 a 19 anos e as variáveis de utilizadas foram: Raça/Cor; Instrução materna, Estado civil materno; Adequação do pré-natal e peso ao nascer. Para a tabulação e disposição de dados foi utilizado o software Microsoft Excel 2013. Devido ao uso de dados secundários não foi necessária a aprovação no Comitê de Ética. **Resultados:** Entre 2015 e 2018, a proporção de nascidos vivos de mães adolescentes em Roraima foi de 23,7%. Sendo a maioria parda (63,3%) e indígena (28,8%), com 8 a 11 anos de escolaridade (68,4%), solteira (74,9%), com pré-natal inadequado (43,1%), com 37-41 semanas de gestação (80,7%) e RN entre 3000 a 3999g ao nascer (57,9%). **Conclusão:** É preciso investimentos sociais, visando a melhora da qualidade de vida da população em geral. Além disso, estabelecimento de políticas públicas e programas voltados para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, gestação, epidemiologia

¹ Universidade Federal de Roraima, akillanascimento12@gmail.com

² Universidade Federal de Roraima, beatriz_placido@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍFILIS MATERNA E CONGÊNITA DE GESTANTES ADOLESCENTES NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

PAIVA; Daniele Socorro de Brito Souza ¹, SILVA; Alina Simas ², PANTOJA; Natasha Cristina da Silva ³, ABDALLA; Adriana Pereira ⁴, PAIVA; Eduardo Miranda de ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A Sífilis é um grave problema de saúde pública, principalmente nos últimos 10 anos. É um doença infecciosa que pode se manifestar nas formas adquirida (transmitida principalmente pela via sexual) ou congênita (transmissão vertical). A assistência pré-natal pode proporcionar um rastreamento oportuno e um tratamento eficaz da doença, por isso o seu diagnóstico na forma congênita reflete falhas na atenção materna. **OBJETIVOS:** Estimar a incidência de sífilis materna e congênita de gestantes adolescentes. **MÉTODOS:** Estudo descritivo, retrospectivo e transversal com análise de dados coletados do Doenças e Agravos de Notificação do DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde) sobre sífilis materna e congênita de gestantes adolescentes (entre 10 e 19 anos) no Brasil no período de 2009 a 2018. **RESULTADOS:** Foi observado um aumento gradativo da incidência de sífilis materna e de sífilis congênita, crescendo no final de 10 anos 747,5% e 433,2%, respectivamente. Em 324.199 casos de sífilis em gestantes, 22,8% a idade materna se encontrava entre 10 e 19 anos. Esse grupo etário foi também responsável por 25% dos casos de sífilis congênita (total de 156.969). Além do mais, foi verificado que nos anos de 2014 a 2018 houve um aumento da percentagem das gestantes adolescentes e uma diminuição da percentagem de gestantes com mais de 30 anos tanto da sífilis materna quanto na congênita. Entre as adolescentes, houve um predomínio da faixa etária materna de 15 a 19 anos, em relação a 10 a 14 anos, nas duas formas de sífilis em estudo. **CONCLUSÃO:** A sífilis materna e a sífilis congênita apresentam um aumento absoluto e proporcional em gestantes adolescentes nos últimos 10 anos. São necessárias políticas públicas que favoreçam a adesão das gestantes ao pré-natal, bem como o rastreamento e tratamento de sífilis na assistência materna, em especial das gestantes.

PALAVRAS-CHAVE: sífilis, sífilis congênita, adolescência, epidemiologia

¹ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, dsbspaiva@gmail.com

² Universidade do Estado do Pará, alinasimas@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará, silva_pantoja@hotmail.com

⁴ Universidade do Estado do Pará, adriana-abdalla@hotmail.com

⁵ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, edu.mpaiva72@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DAS ADOLESCENTES

SANTOS; Camila Amaro Guedes¹, GATTI; Alan Francisco², MURER; Gabriella Mariella³, ROSA; Carolina Camargo de Mello⁴, CALEGARI; Tatiany⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: Durante a faixa etária entre 10 e 19 anos da adolescência, conforme a Organização Mundial de Saúde, ocorrem significativas mudanças físicas, mentais e comportamentais. Nesta fase, as redes sociais tornam-se importantes ferramentas para educação em saúde sobre os direitos sexuais e reprodutivos das adolescentes, visto que a gravidez na adolescência é considerada um problema de saúde pública no Brasil. **OBJETIVOS:** Compreender as estratégias nas redes sociais associadas ao planejamento reprodutivo na adolescência e apoio à adolescente grávida. **MÉTODOS:** Revisão Integrativa da Literatura no banco de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os descritores (DeCS): “Gravidez na Adolescência”, “Rede Social” e “Saúde do Adolescente” aplicando o operador booleano AND e na base de dados PubMed com os termos (MeSH): “Pregnancy in Adolescence”, “Social Networking” e “Adolescent Health”. Critérios de inclusão: publicação de 2015 a 2020, artigos primários, idiomas português ou inglês, consonância com o objetivo proposto. Critérios de exclusão: artigos repetidos, indisponíveis na íntegra, revisões e abordagem de diferentes temas. **RESULTADOS:** Localizadas 26 publicações: 8 na PubMed e 18 na BVS. Foram excluídos 22 estudos: quatro repetidos, dois indisponíveis integralmente, dois artigos de revisão e 14 não atenderam ao objetivo. Conforme o proposto, emergiram as categorias temáticas: 1) Experiências de outros países na construção de programas a partir da tecnologia para proporcionar rede de apoio às gestantes adolescentes e pais jovens; 2) Uso da tecnologia por profissionais de saúde para prestar suporte às dúvidas e necessidades de gestantes adolescentes; 3) Importância das parcerias comunitárias para efetivar e fortalecer o uso das tecnologias e redes sociais para divulgar educação em saúde sexual. **CONCLUSÃO:** A literatura possibilita a identificação dos desafios da educação em saúde sexual na adolescência e as potencialidades de soluções com o auxílio das redes sociais mediante a integração entre a comunidade, profissionais de saúde e adolescentes grávidas.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Rede Social, Saúde do Adolescente

¹ Discente do curso de Medicina, camilaagsantos@yahoo.com.br

² Faculdade de Medicina, alangatti1@gmail.com

³ Universidade Federal de Uberlândia, gabriellammurerr@gmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina, carolmellorosa@hotmail.com

⁵ Faculdade de Medicina, calegari.tatiany@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O PESO DA MACROMASTIA SOBRE A AUTOIMAGEM NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMATIZADA.

PRAZERES; Luiz Paulo de Souza¹, CUNHA; Maria Clara de Sousa Lima², OLIVEIRA; Lisiane Vital de³, GOMES; Helena Barreto Maia⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: A macromastia ou hipertrofia mamária puberal é uma condição que afeta as adolescentes cujos seios aumentam de volume desproporcionalmente, causando várias repercussões sociais como baixa autoestima, ansiedade social e vergonha. A fisiopatologia ainda é incerta, mas há teorias de desequilíbrio da produção hormonal endógena de estrógenos, que provoca o depósito de gordura na região mamária durante a telarca. Na esperança de reduzir o tamanho dos seios, as jovens podem desenvolver distúrbios alimentares como anorexia e bulimia nervosas, as quais resultam na perda de massa corporal e são caracterizadas como distúrbios de saúde mental que necessitam de uma abordagem multidisciplinar. **OBJETIVOS:** Identificar os relatos de distúrbios alimentares associados à macromastia e compreender o alcance de suas repercussões. **MÉTODOS:** Realizou-se uma revisão sistemática de literatura mediante a busca no Google Acadêmico e MEDLINE via PubMed com os termos "breast hypertrophy" e "macromastia" com o operador booleano "OR" e termos "adolescents" ligado por OR ao "adolescente" e o termo "quality of life" sendo utilizado o operador "AND", nos anos de 2015 a 2020. Para fins do estudo, foram estabelecidas etapas de leituras de títulos, resumos e artigos. Como critérios de exclusão, citam-se ginecomastia em homens, faixa etária, outras línguas, que não inglês, português e francês. **RESULTADOS:** Dos 140 artigos encontrados, 120 foram excluídos por não atenderem aos propósitos da pesquisa, 20 foram elegíveis para análise na íntegra, restando 4 relevantes para o estudo. **CONCLUSÃO:** As consequências da macromastia resultam em distúrbios alimentares e insatisfações corporais, de forma que a bulimia e a anorexia passam a ter o maior foco nos artigos. Isso demonstra que as repercussões sociais se desenvolvem na insegurança em relação ao peso e de como a saúde mental é afetada, porém, ainda é escassa a descrição dos impactos psíquicos, já que a maior preocupação está baseada nas implicações físicas.

PALAVRAS-CHAVE: Autoimagem, Saúde do adolescente, Enfermidade da mama, Imagem corporal.

¹ Universidade Federal de Alagoas, luiz.prazeres@famed.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas, maria.cunha@famed.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas, vitallisiane@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Alagoas, hbm4@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CONTRIBUIÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA PARA OS ADOLESCENTES

CABRAL; Dâmaris¹, MONTEIRO; Denise Leite Maia², RAUPP; Roberta Monteiro³, COSTA; Bianca Rodrigues⁴, HESPANHOL; Mariana Borges⁵

RESUMO

Introdução: Devido à alta aceitação das mídias sociais (facebook e outros sites de redes sociais, SMS e páginas da web) pelos adolescentes, a comunicação sofreu grande impulso, com a criação de ferramentas que podem auxiliar na orientação. **Objetivos:** Avaliar a contribuição das mídias sociais no conhecimento sobre saúde sexual (SX) e reprodutiva para os adolescentes. **Métodos:** Revisão sistematizada a partir de pesquisa nas bases de dados eletrônicas: Medline (PubMed), LILACS e SciELO, usando como estratégia de busca: (((("Health"[Mesh]) AND "Adolescent"[Mesh]) AND "Education"[Mesh]) AND "Internet"[Mesh]), nos 5 últimos anos. Essa revisão incluiu 96 artigos, dos quais apenas 5 artigos se encaixavam nos critérios de inclusão. **Resultados:** Aragão et al (Brasil) notaram que o facebook contribuiu para o aprendizado em SX e reprodutiva, de maneira interativa, lúdica e prática, amenizando a vergonha dos adolescentes para dialogar sobre a temática, e os aproximou do serviço de saúde, fortalecimento o vínculo com os profissionais de saúde. Wadham et al. (Austrália) focaram na prevenção do HIV, mas somente 20% conseguiu estimular uso de condom. Gabarron et al (Noruega) mostraram que em 56,9%, a promoção da SX foi abrangente ou para aumentar a testagem de IST. Fontenot et al. (EUA) descreveram que 86% forneceram informações sobre vacinações, mas menos de 50% mencionaram o HPV ou sua vacina especificamente. Tannebaum et al (EUA) examinaram as percepções da comunicação sexual entre universitários por meio da tecnologia. Relataram que utilizarão novamente no futuro, pois perceberam a sua eficácia. **Conclusão:** A maior parte da literatura digital é utilizada para saber informações sobre os adolescentes e não para informá-los sobre SX e reprodutiva. Embora a mídia digital seja reconhecida como uma nova e importante ferramenta de comunicação em SX, há poucas evidências publicadas sobre a sua eficácia geral das intervenções de saúde sexual entregue por meio de novas mídias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras-chave: Adolescente, Educação, Internet

¹ UNIFESO, damaris.cabral@hotmail.com

² UERJ, denimonteiro2@yahoo.com.br

³ FIOCRUZ, robertamont@gmail.com

⁴ UNIFESO, biancarodrigues@hotmail.com

⁵ UNIFESO, ma.hespanhol@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES ADOLESCENTES COM ENDOMETRIOSE NO BRASIL (2010-2019)

MOREIRA; Thainá Bastos Manguiera¹, MONTEIRO; Sarah Lima², BEZERRA; Thalia de Souza³, MONTEIRO; Fernanda Teixeira Bentes⁴, ROCHA; Fabiola de castro⁵

RESUMO

Introdução: A endometriose, uma doença ainda desconhecida por muitas mulheres e que pode levar à infertilidade, acomete o aparelho reprodutivo feminino antes mesmo da idade adulta, causando sofrimento desde a adolescência. **Objetivo:** Compreender o perfil das pacientes, de 10 a 19 anos, com endometriose no Brasil (2010 a 2019). **Método:** Estudo transversal e de análise documental com abordagem quantitativa, com amostra de 1.308 adolescentes (10 a 19 anos) internadas por endometriose no Brasil (2010 - 2019) por meio do Sistema de Declaração de Morbidade Hospitalar do SUS do DATASUS. Foram avaliadas as variáveis de dados por local de residência, número de internações e faixa etária. **Resultados:** A faixa etária entre 15 e 19 anos foi a mais acometida representando 86,16% (1.127) de todas as ocorrências. A região sudeste apresentou a maior prevalência, com 523 casos (39,98%), seguida da região nordeste, com 364 (27,82%) ocorrências. Observou-se uma crescente redução nos casos ao longo do período pesquisado em todas as regiões do país durante o período estudado. **Conclusão:** No contexto da endometriose, chama-se atenção para a quantidade decrescente de casos nos últimos anos, interrogando-se a possibilidade de subnotificações, por consequência de diagnóstico definitivo cirúrgico. Observa-se também, o alto número de registros na adolescência, representando mais da metade de todas as ocorrências, e evidenciando o início da idade fértil como importante “fator de risco” para endometriose. Diante disso, é necessário enfatizar a importância de um acompanhamento especializado, para que seja possível evitar quadros de infertilidade associados.

PALAVRAS-CHAVE: Endometriose, Epidemiologia, Medicina do Adolescente

¹ UNIFOR, ttbastosmm@gmail.com

² UNIFOR, sarahmonteir@gmail.com

³ UNIFOR, thaliasouzabezerra@gmail.com

⁴ UNIFOR, fernandatbm@gmail.com

⁵ UNIFOR, fabiolacrocha@globo.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

O POTENCIAL LIMITANTE DA HIPERTROFIA MAMÁRIA NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMATIZADO.

CUNHA; Maria Clara de Sousa Lima¹, PRAZERES; Luiz Paulo de Souza², OLIVEIRA; Lisiane Vital de³, SANTOS; Glauber Gotardo Pinheiro dos⁴, GOMES; Helena Barreto Maia⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A macromastia ou hipertrofia mamária puberal é uma condição que afeta as adolescentes cujos seios aumentam de volume desproporcionalmente, causando várias repercussões como: dores nas costas, pescoço, ombros e má postura. Além das consequências psicológicas como baixa autoestima e ansiedade social. A causa dessa patologia ainda é incerta, mas há teorias de caráter metabólico (obesidade, por exemplo) e do desequilíbrio da produção hormonal endógena. Para a melhora da qualidade de vida das pacientes, a intervenção recomendada é a mamoplastia redutora junto, em alguns casos, de terapia hormonal. Compreender de real amplitude dessas manifestações pode ser decisivo para auxiliar na decisão do tratamento. **OBJETIVOS:** Identificar na literatura atual quais repercussões biopsicossociais relevantes acometem adolescentes com macromastia. **MÉTODOS:** Realizou-se uma revisão sistematizada de literatura mediante a busca no Google Acadêmico e MEDLINE via PubMed com os termos "breast hypertrophy" e "macromastia" com o operador booleano "OR" e termos "adolescents" ligado por OR ao "adolescente" e o termo "quality of life" sendo utilizado o operador "AND" entre eles, nos anos de 2015 a 2020. Isso resultou inicialmente em 140 artigos, que foram restringidos para o sexo feminino e idade entre 10 a 18 anos, deixando assim 20 artigos relevantes. **RESULTADOS:** Foram encontradas 38 manifestações associadas aos quadros de macromastia descritos nos artigos alvo. Desse número, 22 foram abordados em 10% ou menos do total de artigos. Desfechos como o isolamento, bullying, recusa de ir à escola e o abandono escolar foram relatados em 4 artigos. **CONCLUSÃO:** As evidências confirmam que macromastia atinge o cotidiano feminino de forma ampla, às vezes limitante. Múltiplos desfechos já foram relatados na literatura científica, porém de forma isolada. Tal fato sugere que ainda é incipiente o rastreamento desses sintomas, e estudos futuros nessa direção podem ter efeito potencial no apoio a tomada de decisão do tratamento da macromastia em adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Autoimagem, Saúde do adolescente, Enfermidade da mama, Mamoplastia.

¹ Universidade Federal de Alagoas, maria.cunha@famed.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas, luiz.prazeres@famed.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas, vitallisiane@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Alagoas, glauber.santos@famed.ufal.br

⁵ Universidade Federal de Alagoas, hbm4@hotmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TRANSTORNOS HIPERTENSIVOS DA GESTAÇÃO NA ADOLESCENTE GRÁVIDA NO BRASIL (2010-2019)

MOREIRA; Thainá Bastos Manguiera¹, VIDAL; Mariana de Souza², MONTENEGRO; Mariana Albuquerque³, MOURA; Ana Beatriz de Sousa⁴, ROCHA; Fabiola de castro⁵

RESUMO

Introdução: A Síndrome Hipertensiva Gestacional é uma importante complicação da gestação, estando entre as principais causas de morbimortalidade materna e fetal em especial em países em desenvolvimento. **Objetivo:** Avaliar a síndrome hipertensiva específica da gestação (SHEG) entre as adolescentes no Brasil. **Método:** Estudo transversal e de análise documental e abordagem quantitativa, com amostra de 139.684 adolescentes (10 a 19 anos) internadas por edema, proteinúria e transtornos hipertensivos da gestação, parto e puerpério no Brasil (2010 - 2019) notificadas por meio do Sistema de Declaração de Morbidade Hospitalar do SUS do DATASUS. Avaliou-se as variáveis por local de residência, número de internações e faixa etária. **Resultados:** A SHEG é uma das principais causas de morbimortalidade materna e neonatal. Os fatores de risco observados foram: idade inferior a 17 anos, desinformação, nuliparidade e dificuldade de acesso ao SUS. Dentre as adolescentes, a faixa etária entre 15 e 19 anos foi a mais prevalente, representando 93,9% (131.157) das ocorrências. Fatores sociodemográficos, alimentação inadequada e dificuldade de assistência pré-natal mostraram-se importantes na ocorrência da SHEG, sendo a região nordeste a que apresentou o maior número de casos (57.744), seguida da região sudeste (41.747). No período pesquisado, houve uma redução no número de casos registrados nas regiões sul, sudeste e nordeste, podendo estar relacionada a um maior acesso ao pré-natal e melhoria na qualidade de assistência. Já as regiões norte e centro-oeste, sofreram um aumento de 37,96% (542 casos) e 12,63% (108 casos) de casos, respectivamente, neste período. **Conclusão:** Conclui-se que a SHEG ainda é uma realidade, sendo importante identificação dos grupos com maior vulnerabilidade e expansão do acesso e melhoria na assistência ao pré natal.

PALAVRAS-CHAVE: Hipertensão Induzida pela Gravidez, Epidemiologia, Medicina do adolescente

¹ UNIFOR, tbastosmm@gmail.com

² UNIFOR, marianasouzavidal2@gmail.com

³ UNIFOR, mariana.mam98@gmail.com

⁴ UNIFOR, anabeatrizsm46@gmail.com

⁵ UNIFOR, fabiolacrocha@globo.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE HEMORRAGIA ANTEPARTAL EM ADOLESCENTES NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

AMARAL; Giana Lobão¹, PACÍFICO; Arthur Antunes Coimbra Pinheiro², MONTEIRO; Fernanda Teixeira Bentes³, MONTEIRO; Sarah Lima⁴, ROCHA; Fabiola de Castro⁵

RESUMO

Introdução: A ocorrência da hemorragia anteparto é uma das causas mais importantes de mortalidade materno-fetal. Esta é definida como sangramento vaginal que ocorre a partir da vigésima semana de gestação até o parto. As principais causas desse sangramento são decorrentes do descolamento prematuro da placenta e a placenta prévia. **Objetivo:** Realizar estudo epidemiológico dos casos de placenta prévia, descolamento prematuro de placenta e hemorragia antepartal em adolescentes no Brasil nos últimos 10 anos. **Método:** Estudo transversal, documental e quantitativo, com amostra de 75.795 indivíduos entre 10 e 19 anos internados por placenta prévia, descolamento prematuro de placenta e hemorragia antepartal no Brasil (2010 - 2019) notificadas por meio do Sistema de Declaração de Morbidade Hospitalar do SUS do DATASUS. Avaliou-se as variáveis por local de residência, número de internações, sexo e faixa etária. **Resultados:** Entre 2010 e 2019, houve uma queda de 2000 casos para 1.403. A faixa mais acometida foi entre 15 a 19 anos (14.777). Em relação ao caráter de atendimento, 14.800 foram de urgência e 841 eletivos. A região sudeste apresentou o maior número de casos (5.312), seguida da região nordeste (4.846). **Conclusão:** Chama-se atenção para a quantidade decrescente de casos nos últimos anos, sustentando a possibilidade de subnotificações. Observa-se também, o alto número de registros na adolescência, evidenciando o início da idade fértil como importante “fator de risco” para estas condições. Com isso, faz-se necessário conhecer o perfil epidemiológico dos casos de hemorragia anteparto no Brasil, pois é um problema de saúde pública, onde deve haver o acompanhamento pelos diversos níveis de atenção à saúde. Dessa forma, ao obter o conhecimento das características dos perfis epidemiológicos desta patologia é possível criar uma linha de cuidado específico para os grupos de risco podendo dessa forma traçar uma forma de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE: hemorragia pós-parto, epidemiologia, medicina do adolescente

¹ UNIFOR, gianaamaral@outlook.com
² UNIFOR, arthurcoimbra@edu.unifor.br
³ UNIFOR, fernandatbm@gmail.com
⁴ UNIFOR, sarahmonteir@gmail.com
⁵ UNIFOR, fabiolacrocha@globo.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

CASOS CONFIRMADOS DE HIV E SÍFILIS EM ADOLESCENTES GESTANTES DE UMA REGIONAL DE SAÚDE DO OESTE DO PARANÁ (2015-2020)

ALBAN; Luana Lunardi¹, CARVALHO; Ana Caroline², TORQUATO; Edneia Fatima Brambilla³, NATALE; Jackeline Janeiro Araújo⁴

RESUMO

Introdução: A adolescência é a fase da vida caracterizada por profundas transformações e o período em que muitos adolescentes iniciam a vida sexual. A busca por novas experiências pode acarretar na adoção de práticas sexuais desprotegidas e conseqüentemente ao risco de exposição às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). A sífilis e o HIV são um grave problema de saúde pública e se contraídas durante o período gestacional podem ser transmitidas ao feto durante a gestação ou parto, e no caso do HIV também pela amamentação. **Objetivos:** Descrever os casos confirmados de sífilis e HIV em adolescentes gestantes de uma Regional de Saúde do estado do Paraná. **Métodos:** Estudo descritivo realizado através da coleta de dados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), referentes aos casos confirmados de sífilis e HIV em adolescentes gestantes entre 10 e 19 anos, no período de 2015 a 2020. **Resultados:** As notificações de sífilis em adolescentes gestantes totalizaram no período estudado 251 casos, destes, 96% (n= 241) tinham entre 15 e 19 anos e 4% (n=10) entre 10 e 14 anos. Destaca-se ainda que a faixa etária dos 15 aos 19 anos representou em 2018 23,65% (n= 57) dos casos e em 2019 21,16% (n=51). A taxa de detecção em 9 dos 25 municípios (2015-2018) foi igual ou menor a 0,5/1.000 nascidos vivos de Sífilis Congênita. As notificações de HIV totalizaram 29 casos, dos quais 93% (n=27) em adolescentes de 15 a 19 anos e 7% (n=2) entre 10 e 14 anos. **Conclusão:** Associar o diagnóstico precoce ao tratamento adequado do HIV e da sífilis na gravidez resulta na prevenção da transmissão vertical. A vigilância epidemiológica deve conhecer e medir a tendência dos agravos para planejar ações de controle, com estratégias de prevenção e intervenção terapêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Vigilância em Saúde Pública, Saúde do Adolescente.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, luanalunardialban@hotmail.com

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná, carollinecarv@gmail.com

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, edneiabt@gmail.com

⁴ 10ª Regional de Saúde, jcknatale@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE SALPINGITE E OOFORITE EM ADOLESCENTES NO BRASIL (2010-2019)

AMARAL; Giana Lobão¹, BEZERRA; Thalia de Souza², MOURA; Ana Beatriz de Sousa³, PACÍFICO; Arthur Antunes Coimbra Pinheiro⁴, ROCHA; Fabiola de Castro⁵

RESUMO

Introdução: A Doença Inflamatória Pélvica (DIP) é causada por uma variedade de infecções microbianas no trato genital superior. A progressão dessa depende de diversos fatores, dentre eles, a virulência da bactéria envolvida, podendo evoluir sob as formas de salpingite, ooforite, peritonite, pelvipertonite e sepse. **Objetivo:** Realizar análise epidemiológica relativa ao acometimento por salpingite e ooforite nas adolescentes do Brasil (2010-2019). **Método:** Estudo transversal, documental e quantitativo. Amostra de 7.533 adolescentes (10 a 19 anos) internadas por salpingite e ooforite no Brasil (2010 - 2019). Dados obtidos pelo Sistema de Declaração de Morbidade Hospitalar do SUS no DATASUS. Foram analisadas variáveis referentes a local de residência, número de internações e faixa etária. **Resultados:** Amostra foi composta por 7.533 adolescentes do sexo feminino. A faixa etária mais acometida foi a de 15 a 19 anos com 6.268 casos (83,2%). A região Norte destacou-se com a maior incidência (7,3/100.000hab), seguida pela região Nordeste (4,6/100.000hab), enquanto a região Sudeste apresentou a menor incidência (2,2/100.000hab). Ressalta-se uma redução de 54,8% ao comparar as notificações de 2010 e 2019. **Conclusão:** Acerca da faixa etária, a média de idade do início das atividades sexuais entre os adolescentes brasileiros é 14,9 anos e, dados mostram que nas mulheres jovens, entre 15 a 25 anos, quanto mais precoce o início da atividade sexual, maior é o risco de desenvolvimento de uma DIP. Outro fato observado é a ocorrência do evento entre as adolescentes de baixo nível socioeconômico, o que pode estar associado a relacionamentos com multiparceiros e prática sexual desprotegida, predispondo à ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis, cujos principais patógenos causadores da DIP são a *Neisseria gonorrhoeae* e a *Chlamydia trachomatis*; este cenário pode justificar a maior ocorrência nas regiões Norte e Nordeste do país.

PALAVRAS-CHAVE: salpingite, ooforite, epidemiologia, medicina do adolescente

¹ UNIFOR, gianaamaral@outlook.com

² UNIFOR, thaliasouzabezerra@gmail.com

³ UNIFOR, anabeatrizm46@gmail.com

⁴ UNIFOR, arthurcoimbra@edu.unifor.br

⁵ UNIFOR, fabiolacrocha@globo.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

TELARCA PRECOCE INDUZIDA POR PARABENOS

ARAÚJO; Elaine da S P¹, CONCEIÇÃO; Flavia Lucia², SILVA; Renan Paschoal da³, FOURNY; Duany Ribeiro⁴, OLIVEIRA; Afranio Coelho⁵

RESUMO

Introdução: Parabenos são populares conservantes sintéticos e podem ser encontrados em cosméticos, comidas e drogas farmacêuticas. São ésteres derivados do ácido p-hidroxibenzóico (PHBA) encontrados em diferentes formulações, sendo estas 4 as principais: metilparabeno (MP), etilparabeno (EP), propilparabeno (PP) e butilparabeno (BP). O MP isolado ou combinado com PP são as formas mais encontradas em produtos de higiene e beleza. São considerados seguros em dosagens pré-determinadas, porém níveis acima do recomendado podem ser encontrados devido ao uso diário de cosméticos associada à falta de controle na aplicação (elevada frequência e grande quantidade). Os parabenos possuem atividade agonista estrogênica cerca de 1.000 até 100.000 vezes menor que o 17 β -estradiol. **Relato do caso:** Paciente de 3 anos, busca atendimento por desenvolvimento bilateral das mamas. Aos 3 meses foi observado desenvolvimento unilateral de mama, com regressão espontânea. Ao exame apresentava desenvolvimento bilateral das mamas estágio M3 de Tanner, sem outros caracteres sexuais secundários. Idade óssea compatível com 5-6 anos de idade. Ultrassonografia pélvica e dosagens hormonais compatíveis com fase pré-puberal, assim como função tireoidiana normal. Investigado exposição de produtos com desreguladores endócrinos e a mesma usava 3 cosméticos para cabelo, da linha infantil, com 4 tipos de parabenos. Suspenso imediatamente o uso e após 6 meses houve regressão do desenvolvimento mamário, sem surgimento de outros sinais de desenvolvimento puberal. **Comentários:** A exposição aos parabenos está relacionada ao desenvolvimento de caracteres sexuais secundários, pelo seu efeito agonista estrogênico, e sua exposição deve ser evitada e suspensa assim que detectada, evitando o desenvolvimento de puberdade precoce.

PALAVRAS-CHAVE: Parabenos, Puberdade, mama

¹ Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), elainearaujo@hucff.ufrj.br

² Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), flavialucia@hucff.ufrj.br

³ Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), paschoalrenan@gmail.com

⁴ Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), duany2fourny@gmail.com

⁵ Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ), afranio.co@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

PERFIL DAS GESTANTES ADOLESCENTES NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2018

SILVA; Alina Simas ¹, PAIVA; Daniele Socorro de Brito Souza ², PANTOJA; Natasha Cristina da Silva ³, ABDALLA; Adriana Pereira ⁴, SIROTHEAU; Fernanda David ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gestação na adolescência é um problema de saúde pública que atinge gravemente a sociedade brasileira. A gravidez precoce é resultado de diversas situações preocupantes que convergem para uma implicação ainda maior na saúde física, mental e social das adolescentes, tornando-se extremamente necessário uma análise sobre causas e consequências. **OBJETIVOS:** Traçar o perfil social e obstétrico das gestantes adolescentes no Brasil nos últimos 5 anos. **MÉTODOS:** Este estudo analisou dados obtidos na plataforma DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), acerca de gestações em adolescentes no período de 2014 a 2018. Observou-se o perfil destas adolescentes, englobando escolaridade, região de moradia, estado civil, raça e características das gestações em relação à idade das pacientes. As adolescentes foram divididas em dois grupos etários: 10 a 14 anos e 15 a 19 anos, excluindo aquelas com dados incompletos. **RESULTADOS:** No Brasil, no período em estudo, 2.548.604 adolescentes entre 10 e 19 anos engravidaram, sendo 4,8% entre 10 e 14 anos e 95,2% entre 15 e 19 anos. Destas 48,65% pertenciam às regiões Norte e Nordeste. Quanto à raça, 67% delas foram definidas como pardas e 66% possuíam entre 8 e 12 anos de escolaridade. Além disso, 64% das adolescentes eram solteiras. Quanto ao perfil gestacional, 87% foram a termo (> ou = 37 semanas), com 99% das gestações únicas, 61% dos partos via vaginal e 44% teve acesso incompleto ao pré-natal, com menos de 3 consultas médicas preconizadas pelo Ministério da Saúde. **CONCLUSÃO:** A população adolescente brasileira encontra-se em estado de vulnerabilidade para problemas como a gestação precoce. É necessário a implementação de medidas de saúde pública, como o fortalecimento do programa de planejamento familiar, além do acesso universal ao pré-natal e a não exclusão dessa população da comunidade, para protegê-las e garantir seus direitos dentro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: gestação na adolescência, saúde comunitária, gravidez, perfil de saúde.

¹ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, alinasimas@gmail.com

² Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, dsbspaiva@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará, silva_pantoja@hotmail.com

⁴ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, adriana-abdalla@hotmail.com

⁵ Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, fsirotheau@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

FATORES ASSOCIADOS À MORTALIDADE MATERNA NA GESTAÇÃO DE ADOLESCENTES - UMA REVISÃO NARRATIVA

NOGUEIRA; Gleydson Cavalcante¹, COSTA; Antonio de Pádua Gonçalves², NETO; Pedro Ivo de Sousa³, KROGH; Érika⁴

RESUMO

Introdução: Gestantes adolescentes refletem 19% dos partos mundialmente, mas equivalem à 23% da morbimortalidade materna. Corresponde à principal causa de óbito em mulheres entre 15 e 19 anos - a maioria proveniente de países em desenvolvimento e caracterizadas como mortes evitáveis. A gravidez antes dos 20 anos deve ser manejada com o entendimento e reconhecimento de seus riscos particulares, essencial na obtenção de desfechos satisfatórios para a adolescente, o recém-nascido e seu círculo social. **Objetivos:** Determinar as principais causas de morte materna em adolescentes gestantes e os determinantes clínicos, psicológicos e sócio-demográficos relacionados. **Métodos:** Revisão bibliográfica realizada por meio de pesquisa nas bases de dados Scielo, PubMed e Lilacs, referentes a estudos publicados nos últimos 5 anos, utilizando-se como descritores “Gravidez na adolescência” e “Mortalidade materna”. **Resultados:** Dentre as complicações clínicas dessas pacientes jovens, destaca-se maior incidência de síndrome hipertensiva da gravidez, anemia, diabetes gestacional e intercorrências intraparto, culminando em um aumento da mortalidade materna. No contexto das complicações pós-parto, identifica-se também maior prevalência de hemorragia quando comparado à população gestante adulta. Em países em desenvolvimento cita-se, ainda, sepse, abortamento e parto obstruído como principais causas da mortalidade materna adolescente. Fatores que comprometem a evolução dessas gestações incluem a baixa escolaridade, a falta de autonomia na adolescência, que tem como consequência a demora na procura de assistência pré-natal, além do estigma e abandono, que leva à deficiência de apoio familiar. **Conclusão:** Reconhecer que adolescentes buscam atendimento de forma mais tardia é a etapa inicial na adaptação dos cuidados pré-natais que devem ser fornecidos pelos profissionais de saúde, perpassando também por equipe multidisciplinar treinada para acolher jovens gestantes. O acompanhamento deve ser individualizado, combatendo os fatores de risco particulares a esse grupo, que superam comorbidades orgânicas, tendo como protagonistas os determinantes sociais inerentes a esse problema de saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência, mortalidade materna, adolescente

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sir_gleydson@outlook.com

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), antoniodepauagconcalvescosta@gmail.com

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pedro.ivo_sousa@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), erikakrogh@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

MANEJO TERAPÊUTICO DA ENDOMETRIOSE EM ADOLESCENTES

NETO; Pedro Ivo de Sousa¹, NOGUEIRA; Gleydson Cavalcante², COSTA; Antonio de Pádua Gonçalves³, KROGH; Érika⁴

RESUMO

Introdução: A endometriose é a principal causa de dismenorreia secundária em adolescentes, gerando impactos físico e social traduzidos no comprometimento de atividades escolares e laborais. Até 70% das adolescentes com dor pélvica crônica são diagnosticadas com endometriose após tratamento farmacológico inicial ineficaz. O tratamento nessa faixa etária ainda é desafiador. **Objetivos:** Analisar o conjunto ideal de abordagens terapêuticas da endometriose em pacientes adolescentes. **Métodos:** Foi realizada uma revisão de literatura a partir de pesquisa utilizando as bases de dados LILACS, PubMed e SciELO, onde foram selecionados artigos dos últimos 5 anos com os descritores “Endometriose”, “Adolescente”, “Tratamento Farmacológico”, “Terapêutica” e suas variantes. **Resultados:** O tratamento clínico de dismenorreia, como uso de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), é apropriado antes do diagnóstico e tratamento laparoscópico. A terapia hormonal com anticoncepcionais orais combinados (ACO) ou com progestágeno oral, implantável ou injetável deve ser associada durante alguns meses. Não havendo melhora do quadro algico, expande a necessidade de diagnóstico pelo método padrão-ouro, a laparoscopia, e ablações ou ressecções cirúrgicas. A endometriose na adolescência geralmente apresenta-se como uma doença superficial peritoneal de morfologias variáveis, cooperando para subdiagnósticos, subtratamentos e, conseqüentemente, a progressão da doença. Portanto, a cirurgia nunca deve ser uma abordagem isolada. Os agonistas do hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH) com terapia de reposição a curto prazo são uma abordagem de segunda linha, sendo pouco recomendada a utilização a longo prazo. **Conclusão:** Faltam estudos robustos que reforcem a segurança na abordagem da endometriose em adolescentes. A principal estratégia é a individualização do tratamento. Os objetivos da terapia devem incluir alívio dos sintomas, resguardo da fertilidade e supressão de sua progressão, por tratar-se de uma doença crônica com potencial progressivo se não tratada.

PALAVRAS-CHAVE: Endometriose. Adolescente. Terapêutica.

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pedro.ivo_sousa@hotmail.com

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sir_gleydson@outlook.com

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), antoniodepaduagoncalvescosta@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), erikakrogh@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE ENDOMETRIOSE EM ADOLESCENTES

COSTA; Antonio de Pádua Gonçalves¹, NOGUEIRA; Gleydson Cavalcante², NETO; Pedro Ivo de Sousa³, KROGH; Érika⁴

RESUMO

Introdução: Estima-se que a endometriose afete 10% a 15% de todas as mulheres em idade reprodutiva e, embora a maioria relate o início dos sintomas durante a adolescência, o diagnóstico geralmente é atrasado. Conseqüentemente, esse atraso pode diminuir o potencial reprodutivo e os resultados funcionais, mostrando a importância do diagnóstico precoce. **Objetivos:** Este trabalho tem como objetivo discutir a necessidade e a dificuldade do diagnóstico precoce da endometriose em adolescentes. **Métodos:** Revisão bibliográfica realizada a partir da pesquisa nas bases de dados: LILACS, PUBMED e SCIELO, referentes a estudos publicados nos últimos 5 anos, ante os descritores: “Endometriose na adolescência”, “Diagnóstico precoce” e “Dificuldade diagnóstica”. **Resultados:** Adolescentes com dor pélvica podem apresentar um desafio diagnóstico, porque descrevem dor acíclica e dor cíclica e podem apresentar uma série de sintomas confusos. A aparência intra-operatória da endometriose pode diferir da clássica de queimadura de pó normalmente observada em adultos, sendo, nas mulheres jovens, comum o achado de lesões claras, fibróticas e defeitos peritoneais. Outras análises já demonstram as principais localizações destas células: aderências pélvicas entre os ovários e o peritônio; e implantações superficiais no peritônio do saco de Douglas, no ligamento uterossacral e no septo retovaginal. Entretanto, o diagnóstico já deve ser fortemente considerado em adolescentes com dor pélvica refratária ao tratamento médico. **Conclusão:** Esta faixa etária é negligenciada porque pode apresentar sintomas atípicos. Estudos comprovam que a maioria das adolescentes apresentam endometriose em estágio inicial, confinada à pelve, sendo a doença progressiva. O diagnóstico precoce e a ablação ou remoção do tecido afetado podem diminuir os efeitos prejudiciais a longo prazo, incluindo dor crônica e infertilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Endometriose, adolescentes, diagnóstico.

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), antoniodepaduagoncalvescosta@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sir_gleydson@outlook.com

³ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pedro.ivo_sousa@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), erikakrogh@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

FATORES DE RISCO PARA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

HADDAD; MIKHAIL PHILIPPE ¹, PEREIRA; NATALIA LIPAY ², BEZERRA; Sílvia Maria Gonçalves Luz Barros³, COSTA; Ynarha Farias ⁴, SILVA; Elisabete Pereira ⁵

RESUMO

INTRODUÇÃO: A gravidez na adolescência é um problema complexo, envolvendo desde fatores sociais, como pobreza, até fatores biológicos, como gestação de alto risco. Muitas vezes, associado a um ambiente de vulnerabilidade socioeconômica e falta de acesso à informação e à métodos contraceptivos. Assim, a gravidez na adolescência resulta na perpetuação de um ciclo de vulnerabilidade social. **OBJETIVOS:** Revisar acerca dos fatores de risco para gravidez na adolescência. **MÉTODOS:** Revisão realizada nas bases de dados MEDLINE, LILACS e SciELO, através dos descritores “Gravidez na Adolescência”, “Gravidez não Planejada” e “Gravidez não Desejada”, resultando em 11 trabalhos. Dentre os quais foram excluídos os que não abrangiam a adolescência e a maternidade. Sendo selecionados 7 artigos e 2 monografias. **RESULTADOS:** Percebe-se que a vulnerabilidade social é um dos principais fatores de risco para gravidez precoce e para sua recorrência. Esse problema também está atrelado a falta de acesso aos métodos contraceptivos, a informação e ao histórico familiar de gestação precoce. Apesar de em sua grande maioria tratar-se de gestação não planejada, sua minoria trata-se de gestação não desejada. **CONCLUSÃO:** A gravidez precoce é um problema de saúde pública da adolescência e um desafio a ser superado. Trata-se de um problema que floresce em um ambiente de vulnerabilidade social, histórico familiar de gestação precoce e dificuldade de acesso à informação e ao sistema de saúde. Apesar de em sua maioria tratar-se de gestação não planejada, apenas uma minoria é indesejada, mesmo representando uma nova perspectiva de planos para o futuro e dificuldades para conclusão dos estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Gravidez não Planejada, Gravidez não Desejada.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, haddadmikhailphilippe@gmail.com

² Universidade Católica de Pernambuco, natalialipay@gmail.com

³ Universidade Católica de Pernambuco,

⁴ Universidade Católica de Pernambuco,

⁵ Universidade Federal de Pernambuco,



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÍFILIS EM ADOLESCENTES DO EXTREMO NORTE DO BRASIL

PLÁCIDO; Ana Beatriz Rangel¹, PEREIRA; Akilla Caroline Nascimento², RANGEL; Thallita Gabrielle Marques³

RESUMO

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (IST) são um problema de saúde pública e estão entre as doenças infectocontagiosas mais comuns. Existe um impacto direto da IST sobre a saúde reprodutiva e infantil. A sífilis, doença bacteriana causada pelo *Treponema pallidum* é transmitida por via sexual (sífilis adquirida) ou transplacentária (sífilis congênita), pode ser diagnosticada em diferentes estágios, a depender da evolução da doença. Pode ser considerada primária, secundária, terciária e latente, as consequências do não tratamento da sífilis pode causar sequelas irreversíveis ao recém-nascido como cegueira, surdez e retardo mental. A sífilis quando associada a gravidez na adolescência é um grave problema de saúde pública necessitando de atenção especial no pré-natal. **Objetivo:** Comparar a prevalência percentual de casos de sífilis em gestantes adolescentes do estado de Roraima com as demais regiões do Brasil entre os anos de 2005 a 2019. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico quantitativo, os dados foram analisados através da plataforma do SUS (DATASUS). Os dados foram tabulados no software Microsoft Excel 2019. Não foi necessário a aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa devido os dados coletados serem secundários. **Resultados:** Em Roraima as gestantes de 10 a 14 anos foram 1,7% entre as de 15 a 19 anos 31,3% do total de gestantes. Na região Norte: 1,8% (10-14 anos) e 28,5% (15-19 anos) entre as gestantes. Região Nordeste: 1,5% e 24,3% (10-14 e 15-19 respectivamente). Região Sul: 1% (10-14 anos) e 24% (15-19 anos). Região Sudeste: 1,2% (10-14 anos) 24,5% (15-19). Centro-Oeste: 1,3% (10-14) e 23,2% (15-19) **Conclusão:** Entre os anos analisados Roraima tem os piores índices em relação a região em que está inserido e em relação a todas as demais regiões do país. Isso evidencia a necessidade de atenção as gestantes adolescentes em Roraima está aquém daquelas das demais regiões do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis congênita, Sífilis, Infecções sexualmente transmissíveis, Sífilis latente, Cancro duro

¹ Universidade Federal de Roraima (UFRR), beatriz_placido@hotmail.com

² Universidade Federal de Roraima (UFRR), akillanascimento12@gmail.com

³ Faculdade Roraimense de Ensino Superior (FARES), biarangelplacido@gmail.com



ANAIS DO XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E I CONGRESSO ONLINE DA SOGIA-BR

SÉRIE DE CASOS: LÍQUEN ESCLEROSO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO INSTITUTO DE GINECOLOGIA DA UFRJ

MARQUES; Amanda Damian¹, FILHO; Gutemberg Leão de Almeida², SILVEIRA; Filomena Aste³, PEREIRA; Mariana Quintela Rodrigues⁴, MELO; Yara Lucia Mendes Furtado de⁵

RESUMO

Introdução: O líquen escleroso é uma doença inflamatória crônica com predileção pela região anogenital e distribuição bimodal (pré-puberdade e pós-menopausa). É caracterizado por mudança da coloração e anatomia da pele, sendo a principal via de carcinogênese vulvar. Pode regredir na adolescência. Série de Casos: Caso 1: Menina, 14 anos, diagnóstico de LE aos 12 anos, refere prurido vulvar desde 11 anos. Caso 2: Menina, 9 anos, diagnóstico aos 6 anos, mancha hipocrômica vulvar desde 2 anos. Caso 3: Adolescente, 17 anos, diagnóstico aos 8 anos, prurido vulvar desde 5 anos. Caso 4: Adolescente, 15 anos, diagnosticada aos 7 anos, referindo prurido vulvar intenso e lesões hipocrômicas simétricas por seis meses. Caso 5: Mulher, 20 anos, diagnóstico aos 5 anos, distribuição de manchas hipocrômicas em vulva e períneo. Caso 6: Mulher, 23 anos, diagnóstico aos 17 anos, com hipocromia interlabial, encarceramento de clitoris e apagamento parcial de pequenos lábios. Caso 7: Adolescente, 12 anos, diagnóstico aos 7 anos, com manchas hipocrômicas e pápulas pruriginosas vulvar. Caso 8: Mulher, 22 anos, diagnóstico aos 11 anos. Mancha hipocrômica em fúrcula e supraclitoriana, apagamento de pequenos lábios e encarceramento de clitóris. Caso 9: Mulher, 20 anos, diagnóstico aos 6 anos, história de prurido vulvar a anal. Caso 10: Adolescente, 17 anos, diagnóstico aos 17 anos, história de prurido vulvar desde 3 anos. Caso 11: Mulher, 20 anos, diagnóstico aos 10 anos, lesões hipocrômicas em grandes lábios e períneo. Caso 12: Menina, 7 anos, diagnóstico 5 anos, prurido e manchas hipocrômicas em grandes lábios há 6 meses. Comentários: A média de idade de início dos sintomas foi 7,33 e do diagnóstico foi 9,25. Os principais sinais e sintomas foram mancha hipocrômica e prurido. Somente uma paciente teve remissão dos sintomas após a terapia com clobetasol, considerado primeira linha de tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: criança, líquen escleroso e atrófico, terapêutica.

¹ UNIRIO, amanda_damian@hotmail.com

² UFRJ, gutembergalmeyda@gmail.com

³ UFRJ, dra.filomenasilveira@gmail.com

⁴ UNIRIO, marianaquintela@edu.unirio.br

⁵ UFRJ, yarafurtador@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Obter informações sobre os mais variados assuntos se tornou muito mais rápido e prático com a expansão da internet e dos meios de comunicação que, embora o acesso seja amplo, a divulgação científica ainda se encontra distante de muitas pessoas. Democratizar, inserir o conhecimento científico na sociedade e melhorar a vida das pessoas através dele, é um desafio que a Congresse.me se propôs.

Fazemos com que as ações científicas tenham maior visibilidade, divulgando os avanços nas mais variadas áreas e segmentos, de modo que as pesquisas sejam mais facilmente assimiladas pelas pessoas, se tornando essencial para o conhecimento e para a melhoria de vida da sociedade como um todo.

Através desta divulgação acreditamos que estamos transmitindo novas ideias através de pesquisas inovadoras, estamos propagando e democratizando o aprendizado e contribuindo para a criação e existência de novos conceitos relativos a diversas áreas do conhecimento. O reconhecimento da pesquisa através da comprovação e publicação é fundamental para que se produzam novos e melhores materiais científicos, de forma que estimule o pensamento crítico dos leitores.

Agradecemos à todos os envolvidos pela confiança, dedicação e parceria para a concretização deste evento e pelos novos conhecimentos compartilhados através deste livro.